



**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**ANA PAULA DE OLIVEIRA RIBEIRO LEITE**

**MACULELÊ: SABERES AFROBRASILEIROS AFIRMATIVOS COMO  
POSSIBILIDADE DE INTERLOCUÇÃO COM OS SABERES “TRANSMITIDOS”  
PELA EDUCAÇÃO FORMAL**

**CRATO**  
**2023**

ANA PAULA DE OLIVEIRA RIBEIRO LEITE

MACULELÊ: SABERES AFROBRASILEIROS AFIRMATIVOS COMO  
POSSIBILIDADE DE INTERLOCUÇÃO COM OS SABERES “TRANSMITIDOS”  
PELA EDUCAÇÃO FORMAL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Linha 1: Práticas educativas, cultura e diversidade.

Sublinha 2: Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias.

Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva.

CRATO

2023

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema  
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Leite, Ana Paula De Oliveira Ribeiro

L533m Maculelê saberes afrobrasileiros afirmativos como possibilidade de interlocução com os saberes “transmitidos” pela educação formal / Ana Paula De Oliveira Ribeiro Leite. Crato-CE, 2023.

183p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

1.Maculelê, 2.Cultura afro-brasileira, 3.Prática cultural, 4.Performance; I.Título.

CDD: 370.71

ANA PAULA DE OLIVEIRA RIBEIRO LEITE

MACULELÊ:

SABERES AFROBRASILEIROS AFIRMATIVOS COMO POSSIBILIDADE DE INTERLOCUÇÃO COM OS SABERES “TRANSMITIDOS” PELA EDUCAÇÃO FORMAL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.  
Linha 1: Práticas educativas, cultura e diversidade.  
Sublinha 2: Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/01/2023.

BANCA EXAMINADORA



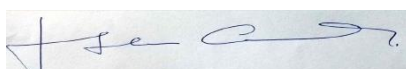
---

Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva – Orientador  
Universidade Regional do Cariri – UFCA



---

Profa. Dra. Cícera Nunes – Avaliadora  
Universidade Regional do Cariri – URCA



---

Prof. Dr. José Edvar Costa de Araújo – Avaliador  
Universidade Regional do Cariri – UVA

Aos meus filhos.

Ao meu companheiro.

Aos meus pais.

À minha ancestralidade.

Aos meus incentivadores.

Aos pesquisadores negros.

Aos afrodescendentes.

Aos autores e autoras negros.

Aos mestres e mestras da cultura.

À Barbalha.

Ao Maculelê que está em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, fonte infinita da sabedoria eterna.

À minha Teimosia, pois sem ela jamais teria me desafiado a chegar até aqui.

À minha mãe, mulher preta, forte e corajosa, responsável por tecer quem sou e me gerar no seu ventre com a força da coragem.

Ao meu companheiro, Áydano Ribeiro Leite, incentivador ao longo da minha jornada até aqui por todo apoio e trabalho dispensado junto aos nossos filhos enquanto eu estudava. Eterna gratidão.

Aos meus filhos: Pedro e Rafael que me oferecem energia e força para continuar.

À minha família que suportaram a ausência e o cansaço durante o período desta caminhada, onde me nutriram a fé e a esperança que tudo iria dar certo.

À Cícera Mamede, amiga e principal incentivadora a não desistir desse sonho de mestrado, mesmo tendo sido reprovada durante alguns anos, manteve minha chama, gratidão!

Aos professores do programa que fizeram parte do meu ser pesquisador, obrigada pela dedicação e compromisso, em especial à disciplina de Pensamento Negro ofertada por esse programa e que colaborou não só com minha formação técnica, mas com a minha formação pessoal e existencial. Avante na luta!

À professora Dra. Cícera Nunes, pelo seu “fica bem” quando as coisas pareciam ficar impossíveis, pois isso me deu clareza do propósito que eu queria, mas que precisava estar bem para produzir minha pesquisa, assim como também me dava segurança e cuidado com a minha pessoa humana. Obrigada pela sua empatia e humanidade. Gratidão eterna!

Ao meu orientador, professor Dr. Josier Ferreira da Silva, pela confiança e orientação, minha gratidão.

Ao Maculelê, especificamente ao Grupo do Terreiro Arte e Tradição no município de Barbalha.

Ao Francisco Gilberto da Silva, mestre Chico Ceará. À sua esposa, Mestre Socorro, mulher, negra e coordenadora dos grupos de Maculelê e danças do Terreiro Arte e Tradição, e seu grupo de capoeira, por toda colaboração, amizade e irmandade.

À Escola de saberes de Barbalha (ESBA), por ser casa de cultura e colaborar na salvaguarda do Patrimônio Cultural do Município de Barbalha-CE e ser celeiro da ancestralidade negra.

Aos membros da Banca Examinadora, professora Dra. Cicera Nunes, professor Dr. José Edvar Costa de Araújo, que com muito carinho e respeito me conduziram a importantes aspectos desta pesquisa.

E aos meus ancestrais, *in memoriam*. Ao meu avô, Antônio Fidelis de Oliveira, mestre de obras da construção civil que ajudou na construção de muitos patrimônios materiais do município, além de ser membro da filarmônica São José, onde tocava seu clarinete com perfeição. Homem negro e forte, apaixonado pela cultura do seu lugar:

À Barbalha de Santo Antônio, minha gratidão e respeito.

Estamos aqui.

Então, vamos Maculelá.

Viva a cultura do meu lugar!

Estamos ligados a nossa cultura assim como a vida está ligada ao seu sopro, ao respirar. O homem se encontra com sua cultura e ao morrer reinaugura sua semente de esperança.

(Ana Paula de Oliveira Ribeiro Leite)



## RESUMO

Esta pesquisa traz como foco central os grupos de Maculelê pertencentes ao Terreiro Arte e Tradição do sítio Santo Antônio do Arajara localizado na cidade de Barbalha-Ce, cidade esta que fica ao sul do Ceará fazendo limite com os municípios de Juazeiro do Norte e Missão-Velha. Este grupo cultural é observado a partir das suas características artísticas que se recriam adicionando outros artefatos e adereços imbricados sobre a semiótica da sua cosmovisão. Estes grupos de Cultura são práticas de terreiro constituindo-se no cenário latino-americano, sobretudo no Brasil e de forma perceptível no Cariri Cearense tornando-se temática relevante para o fomento de pesquisas no campo da Afrodescendência (CUNHA Jr., 2001). Ainda assim investigou os saberes informais presentes na prática do Maculelê e suas simbologias como uma prática afrodescendente permitindo assim a partir da sua constituição fomentar propostas de subsídio a implementação da Lei nº 10.639/03 a qual garante a inclusão do ensino da história da Cultura Afro-brasileira no currículo formal das escolas brasileiras. Além desse objetivo este trabalho pretende descrever a manifestação Cultural do Maculelê dentro da diáspora, perceber os intercruzamento desta prática singular e suas relações atuais com a capoeira e discutir os desdobramentos dos órgãos públicos e privados na execução da preservação do Patrimônio Histórico Brasileiro. Assim a pesquisa utilizou o método descritivo e analítico trazendo nas falas dos sujeitos do grupo de Maculelê do mestre Chico Ceará importantes contribuições ao campo qualitativo e da pesquisa social, ainda assim as falas dos sujeitos foram organizadas por meio de temas/categorias possibilitando uma maior compreensão da totalidade do fenômeno. O fenômeno do Maculelê é tratado neste trabalho como semiótico a partir da Teoria Geertziana (GEETZ, 2008) onde oferece a interpretação da Cultura no sentido de buscar seus significados e suas filosofias por meio do olhar etnográfico. Os resultados apontaram para a necessária e urgente ampliação dos projetos e recursos financeiros que aparem os mestres da cultura cearense, além da criação de renovo nos conselhos de salvaguarda dos municípios para que a cultura não morra e consiga sobreviver de forma intergeracional e sustentável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maculelê. Cultura afro-brasileira. Prática cultural. Performance.

## ABSTRACT

This research brings as central focus the groups of Maculelê belonging to the Terreiro Arte e Tradição of the Santo Antônio do Arajara site located in the city of Barbalha-Ce, a city that is south of Ceará bordering the municipalities of Juazeiro do Norte and Missão-Velha. This cultural group is observed from its artistic characteristics that recreate themselves by adding other artifacts and props imbricated on the semiotics of their worldview. These culture groups are practices of terreiro constituting the Latin American scenario, especially in Brazil and noticeable in Cariri Cearense becoming a relevant theme for the promotion of research in the field of Afrodescent (CUNHA Jr., 2001). Nevertheless, he investigated the indirect knowledge present in the practice of Maculelê and its symbologies as an Afrodescendant practice, thus allowing from its constitution to promote proposals to support the implementation of Law No. 10,639/03, which guarantees the inclusion of teaching the history of Afro-Brazilian Culture in the formal curriculum of Brazilian schools. In addition to this objective, this work aims to describe the Cultural manifestation of the Maculelê within the diaspora, to perceive the intersection of this singular practice and its current relations with capoeira and to discuss the consequences of public and private agencies in the execution of the preservation of the Brazilian Historical Heritage. Thus, the research used the descriptive and analytical method, bringing in the statements of the subjects of the Maculelê group of master Chico Ceará important contributions to the qualitative field and social research, yet the subjects' statements were organized through themes/categories enabling a greater understanding of the totality of the phenomenon. The phenomenon of Maculelê is treated in this work as semiotic from the Geertzian Theory (GEETZ, 2008) where it offers the interpretation of Culture in order to seek its meanings and philosophies through the ethnographic perspective. The results pointed to the necessary and urgent expansion of projects and financial resources that include the masters of Ceará culture, in addition to the creation of a new in the councils to safeguard the municipalities so that the culture does not die and can survive in an intergenerational and sustainable way.

**Keywords:** Maculelê. Afro-brazilian culture. Cultural Practice. Performance.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Jovens se preparando.....	40
Figura 2	– Apresentação do maculelê no cortejo da Festa de Santo Antônio	44
Figura 3	– Brincantes do maculelê.....	74
Figura 4	– O lugar do terreiro.....	94
Figura 5	– Apresentação de banda cabaçal no Terreiro Arte e Tradição.....	98
Figura 6	– Maculelê Arte e Tradição.....	107
Figura 7	– Início da performance.....	118
Figura 8	– Tríade futurista.....	157

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Resultados entre teses e dissertações, ao inserir o filtro por ano e assinalar o período 2016-2021.....	50
Quadro 2	– Cruzamento Maculelê AND Cultura afro-brasileira sem determinar período anual.....	53
Quadro 3	– Teses e Dissertações encontradas a partir dos descritores Maculelê AND Cultura afro-brasileira.....	53
Quadro 4	– Periódicos revisados por pares sobre Maculelê anos 2017-2019.....	57
Quadro 5	– Achados orais organizados por temas.....	92

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ETSUS	Escola Técnica do SUS
FLONA	Floresta Nacional do Araripe
MPEDU	Mestrado em Educação Profissional
ONGs	organizações não governamentais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
URCA	Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>O MACULELÊ NO CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS.....</b>	<b>27</b>
2.1	O legado do Maculelê a partir das religiões afro-brasileiras.....	29
2.2	O “estado da arte” como princípio de referenciais.....	44
2.3	Definições da prática do maculelê no contexto macrorregional.....	59
2.4	O Maculelê e seus marcadores em comum com a capoeira.....	71
2.5	A prática do maculelê no contexto do cariri cearense com ênfase no município de Barbalha: aspectos do patrimônio imaterial.....	74
<b>3</b>	<b>OS ITINERÁRIOS DE EDUCAÇÃO INFORMAL DO TERREIRO ARTE E TRADIÇÃO DO MESTRE GIL: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS.....</b>	<b>80</b>
3.1	Cenário cultural e geográfico no terreiro arte e tradição: aspectos socioambientais e suas peculiaridades nas práticas culturais afrodescendentes.....	92
3.2	Cenários filosóficos e simbólicos para a construção da cosmovisão.....	98
3.3	Processos da performance do Maculelê: ritmo, dança e símbolos materiais.....	100
<b>4</b>	<b>MACULELÊ: PATRIMÔNIO PRESERVADO NO TEMPO E NO ESPAÇO.....</b>	<b>107</b>
4.1	O tempo espiralar e suas contribuições na prática do maculelê a partir dos figurinos e pinturas.....	113
4.2	O Maculelê no processo de afirmação no campo das relações étnico-raciais e suas perspectivas.....	119
4.3	O espaço e suas definições na perspectiva de constituição do ethos para as práticas diaspóricas.....	126
<b>5</b>	<b>SABERES DA PERFORMANCE DO MACULELÊ TECENDO A EDUCAÇÃO FORMAL: A PERCEPÇÃO DOS BRINCANTES DO MACULELÊ.....</b>	<b>131</b>
5.1	A escola formal pode contribuir com as práticas culturais afrodescendentes?.....	133

<b>5.2</b>	<b>A constituição de uma pedagogia não formal transmitida pela prática afrodescendentes e seus aspectos de aprendizagem.....</b>	<b>136</b>
<b>5.3</b>	<b>O contexto do Maculelê como prática possível ao currículo para implementação da Lei: 10.639/03.....</b>	<b>140</b>
<b>5.4</b>	<b>A experiência vivenciada no terreiro como possibilidade de transcrição para afirmação.....</b>	<b>152</b>
<b>5.5</b>	<b>Maculelê como possibilidade de pensar propostas de valorização e salvaguarda desta cultura.....</b>	<b>155</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>167</b>
	<b>ANEXO I – FORMULÁRIO COM EIXOS E PERGUNTAS A SEREM NORTEADORAS PARA DIÁLOGO COM OS MESTRES PRECURSORES DO MACULELÊ.....</b>	<b>174</b>
	<b>ANEXO II – INSTRUMENTO PARA ROTEIRO DO DIÁRIO DE CAMPO DO PESQUISADOR.....</b>	<b>175</b>
	<b>ANEXO III – INSTRUMENTO NORTEADOR PARA ENTREVISTAS ABERTAS COM OS BRINCANTES.....</b>	<b>178</b>
	<b>ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>180</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O grupo de cultura do Maculelê é parte integrante da cultura afro-brasileira constituídos de filosofia afrodescendente com performance (MARTINS, 2003) própria e singular, onde dependendo da região que se caracterizam percebe-se marcadores similares e ao mesmo tempo se transcriam adicionando outros artefatos e adereços que se imbricam sobre a semiótica da sua cosmovisão. Estes grupos de Cultura são práticas de terreiro constituindo-se no cenário latino-americano, sobretudo no Brasil e de forma perceptível no Cariri Cearense tornando-se temática relevante para o fomento de pesquisas no campo da Afrodescendência (CUNHA JR., 2001). Esta temática contribui frente ao combate de toda forma de racismo e preconceito refazendo a perspectiva de luta na desmistificação de que no Ceará não tem negros (NUNES, 2010), neste sentido esta investigação assume uma função relevante como resistência frente ao racismo estrutural e epistêmico que invade os vários níveis da sociedade brasileira.

Outro dado relevante na contextualização desse estudo é que os grupos étnicos formados dentro das comunidades agrárias, entre eles a Capoeira compreende uma pequena parcela de indivíduos que carrega nas suas práticas a herança do longo processo histórico escravista e colonizador vivenciado pelo nosso país. Este processo colonial, patriarcal e criminoso contribuiu significativamente para institucionalizar estigmas aos grupos de cultura afrodescendentes principalmente no campo de religiões africanas e/ou que se identificassem com a cultura de África.

Em meio aos processos de busca científica foram enfrentados discursos de desistência ao tema e restrições advindas de muitos mitos, com a justificativa de constituir-se de teorias e linhas investigativas ainda restritas, mas a vontade de chegar aos objetivos propostos foi mais resistente, sendo a motivação adquirida desde o início do planejamento desta pesquisa continuou persistente até aqui. Algumas vezes vieram espaços vazios, mas logo ao dar os primeiros passos foi percebida-se algo se transformando e se transcriando. Ancestralmente a autora conseguia ver e sentir a margem do outro lado muito clara iluminando seu caminho epistemológico. E assim esta pesquisa foi se desenhando e permitindo a descoberta de uma pesquisadora em trânsito, em transformação e em reconstrução de seus próprios paradigmas.



Para o percurso de construção e anseios epistemológicos da metodologia utilizou-se da perspectiva da afrodescendência com foco nas contribuições científicas de autores que concebem o conceito de afrodescendente como sujeito que transcriba os espaços e reelaboram as práticas culturais existentes no Cariri Cearense, onde se percebem reconhecidos como protagonistas que contribuíram significativamente na constituição do povo brasileiro e na valorização de seus espaços culturais (DOMINGOS, 2015).

O cenário atual brasileiro se contextualiza através de processos de resistências e movimentos de negritude e lutas contra o racismo estrutural pelo enfrentamento as várias formas de institucionalização da colonização realizada nos moldes escravista que se perpetuam ainda hoje em todos os âmbitos e espaços constituídos e organizados pelo país. A resistência da cultura afro-brasileira na atualidade é cada vez mais presente e enfatiza que embora vivemos numa sociedade supostamente “tolerante” o eixo de participação política brasileira ainda é na sua maioria de brancos (Marim e Pinto, 2020). Desta maneira é revelado que no Brasil é dominante a política de divisão entre Norte e Sul, evidenciando um país velado na divisão de classes, de pessoas e de fortes disputas hegemônicas. Assim se alastra na sociedade uma estrutura que exclui as comunidades periféricas e de pouco poder econômico além de discriminar ao máximo as comunidades negras periféricas como um polo oposto ao esto da sociedade condenando-as à sua própria sorte através da Marginalidade.

Como postula o trabalho citado acima, aquilo que foge do escopo eurocêntrico se torna inevitavelmente marginal, assim nascem os motes de preconceito. Nesse trabalho ainda colaboram afirmando que os grupos originários da Cultura Afro-brasileira sofrem a falta de compreensão das perspectivas a respeito da realidade fenomênica das culturas afro-brasileiras, são acometidos de abusos diversos e ainda se expõem a um forte silenciamento a respeito das suas religiões que são a base cultural do povo de África.

Estudos recentes esclarecem que no Brasil há também a tendência de englobar práticas e religiões afro-brasileiras considerando-as únicas, invisibilizando a grande variedade de simbologias e manifestações ocorridas na diáspora e nos seus determinantes, inclusive sua incidência sobre o conceito de espaço geográfico e suas transformações. Como corrobora Marin e Pinto (2020) sobre a distribuição dos povos oriundos de África:

Todavia, por dotar de irregularidades e desigualdades, as populações dos diversos grupos aumentavam ou diminuíaam suas fronteiras de acordo com as mais variadas situações, das quais, apontam-se principalmente: a guerra, o crescimento populacional, as secas e a falta de recursos alimentares (MARIN; PINTO, 2020, p. 224).

Os povos originários de África se espalharam pelos continentes americanos de forma que não é possível linearmente indicar como suas populações foram se dividindo e articulando-se geograficamente. Neste sentido suas concepções filosóficas foram articuladas à sobrevivência na busca de novos espaços construindo assim percepções diversas e refazendo as construções subjetivas de seus habitantes.

Diante das contribuições de estudos acerca das Manifestações Afro-brasileiras este movimento atualmente está representado pelas lutas antirracistas, sobretudo no contexto do racismo estrutural (Almeida 2018) e se constituem como luta junto aos movimentos sociais de Frente Políticas Progressistas ganhando alinhamento junto ao Movimento Negro Brasileiro que se articula por meio de ações jurídicas e atos públicos contra toda forma de racismo e preconceito.

Os contextos vivenciados pela sociedade no panorama político atual através da proposta do atual governo, governo do presidente vigente na gestão 2018-2022, reverberam sobre a prevalência de fatos sociais discriminatórios e disseminados através das redes sociais e dos meios de comunicação de massa trazendo o aprofundamento da divulgação de uma série de falsas mentiras e fake News que invadem sem nenhum critério de valor. Em relação a todos estes abusos ocorridos no contexto da sociedade, a construção de trabalhos científicos que expressem as conjunturas dos grupos excluídos e marginalizados constituem-se espaços de resistência, de denúncia e de resgate e ocupação de espaços sócio-políticos.

Neste sentido se percebe um crescimento no campo científico na produção de autores negros que destacam a necessária luta antirracista unindo-se ao Movimento Afro-brasileiro e se fortalecendo em autores nacionais e internacionais, sobretudo da Jamaica e do Caribe (CESAIRE, 1978; FANON, 2008; MUNANGA, 1998; MBEMBE, 2018). A interlocução entre as redes de pesquisadores que fomentam pesquisas nesta área estabelece o fortalecimento de um movimento que se configura no campo da formação de uma epistemologia com peculiaridades próprias e que persiste na construção de um saber insurgente para a população mundial científica.

Esta investigação alinha-se pelo movimento traçado e construído no estado do Ceará em que se desenvolve projetos diversos de grupos originários de afrodescendentes e ganham maior visibilidade a partir dos anos 2000 com os movimentos de negritude liderados por movimentos estudantis pela Frente de Mulheres Negras sendo disseminados por todo interior do estado (Santos (2018).

Com estas manifestações populares e sócio-políticas as lutas coletivas impactam as políticas de valorização dos grupos de Cultura africanas fortalecendo assim os grupos de cultura afrodescendentes, entre eles os movimentos de Capoeira que possibilitam um maior empoderamento aos mestres da Cultura<sup>1</sup> e juntamente à Capoeira amplia-se para outras práticas, entre elas o Maculelê que se configura como elemento central desta investigação se constituindo de apresentações nas rodas de capoeira e nas festas populares.

Esta proposta de pesquisa apresenta como objeto central a prática Cultural do Maculelê como constituinte da Cultura Afro-brasileira presente na Cidade de Barbalha-CE partindo da questão central que indaga de que maneira a Cultura do Maculelê e sua manifestação pode se constituir como elemento central no currículo das escolas a partir de suas concepções e simbologias. Assim para atender aos pressupostos básicos da pesquisa realizou-se inicialmente um estudo minucioso sobre pesquisas recentes que trazem a prática do Maculelê como tema central, adotando o Estado da Arte como aporte bibliográfico sendo basilar para esta pesquisa.

Desta maneira versa sobre a prática do Maculelê como uma atividade de terreiro, compreendida a partir de suas simbologias no interior dos grupos de capoeira, possuindo assim uma articulação com a Cultura Afrodescendente Brasileira. Neste contexto a cidade de Barbalha-CE situada ao Sul do Ceará é lócus da prática do Maculelê pertencente ao Terreiro Arte e Tradição. Localizado no meio da Floresta Nacional do Araripe (FLONA), no sítio Santo Antônio do Arajara, este lugar passa a ser espaço geográfico e elo de investigação trazida pelas memórias ancestrais construídas e rememoradas através do Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> Segundo Souza (2017, p. 13), são pessoas que se reconhecem e são reconhecidas pelo seu grupo ou comunidade como representantes e herdeiros dos saberes e fazeres da cultura tradicional de transmissão [...] Garantindo a ancestralidade do seu povo.

<sup>2</sup> Festa em comemoração à Santo Antônio onde se ergue um mastro em homenagem ao Santo padroeiro da Cidade de Barbalha cidade do interior do Ceará, esta festa é celebrada anualmente durante os festejos juninos, nesta ocasião o pau da bandeira é celebrado como tradição popular ao longo de séculos.

festejo este que se encontra carregado de significados e significantes imbricados dentro da memória do seu povo.

Este povo carrega nas suas tradições a força do ritual celebrado na famosa e tradicional Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio iniciada em meados do século XIX e sendo objeto de estudos de muitos pesquisadores comprometidos em descobrir seus costumes e encantos místicos. É no interior dos festejos alusivos ao padroeiro da cidade: Santo Antônio que se encontra a prática Cultural do Maculelê e que este grupo de brincantes compartilha seu momento ápice de apresentação contribuindo assim para a constituição de uma tradição resistente e organizada dentro da sociedade barbalhense.

O meu percurso até esses grupos se deu através de vivências da cultura, na qual desde a minha primeira infância via os grupos de cultura ou folclóricos como eram chamados se apresentarem em frente à igreja matriz de Santo Antônio e sentia-me envolvida numa mistura e continuum de sentimentos e emoções. Vestia-me e me preparava para ir ao cortejo do santo. Lembro-me que minha mãe costureira tecia para os oito filhos as roupas novas que ao cheiro de pano novo vestiríamos para celebração. O que mais me chamava atenção nesta memória histórica eram os grupos culturais que estavam presentes no cortejo em homenagem ao santo, quem eram eles? Quanta alegria ao vermos o Mateu, a Lapinha e o Reisado que com as suas espadas reluziam no calçamento da rua da matriz. Meus olhos ansiosos esperavam o algodão doce da praça e o carrossel para rodar.

Em meio a este registro das minhas memórias encontra-se impregnado nos meus pensamentos e na memória ancestral as lembranças e a história dos grupos dos Caretas e de Capoeira. Ao longo dos anos percebia que grupos eram adicionados ao desfile e lembro que já na idade juvenil sentia imensa alegria na apresentação das danças folclóricas e das quadrilhas juninas. Após alguns anos percebi os grupos de Maculelê entre esses atores que tanto admirava e eram admirados pela multidão ao longo do festejo popular. O Maculelê vinha enfeitado de roupas naturalísticas, armas de pau que se batiam ao longo da performance (MARTINS, 2003), era um mister de espetáculo, emoção, medo, admiração, fascínio e ritmo vibrante. Sinto a mesma emoção ao descrever esta vivência, os olhos lagrimejam, a ancestralidade chega à emoção, a mesma é fluída, perpassa o tempo e se materializa no espaço e no corpo que rememora suas raízes.

Neste cenário a força da ancestralidade trazida na memória de um povo se materializa através dos grupos afrodescendentes que se fundem numa dança ontológica como manifestação da ancestralidade africana e remete a um encontro pessoal com quem somos atravessando o ser e trazendo à tona a nossa negritude negada.

Ainda dentre as memórias registradas na minha história de vida lembro que os festejos da Festa de Santo Antônio abriam treze dias de novenas rezadas na igreja da Matriz e que religiosamente assistíamos fielmente às trezenas do santo, logo após a missa que configurava a novena, saíamos a desfilarmos os modelos da moda daquele ano na praça da estação da cidade. O cheiro de espetinho de carne e das barracas de vatapá e mungunzá invadiam a nossa memória olfativa que fixavam tão nitidamente que poderíamos saborear o gosto das comidas típicas e das bebidas e demais guloseimas trazidas pelo festejo. Ao final das trezenas que fechava a Festa ocorria a procissão de Santo Antônio, em que muitos devotos acompanhavam descalços e vestidos de marrom para pagar promessas e graças alcançadas.

A ancestralidade dava lugar à religiosidade aculturada dentro dos padrões colonialistas, à época incontestáveis e a menina que outrora se emocionara e sentira liberdade junto aos grupos de Cultura voltava à devoção, submissão cega às instituições eclesiais e esperava o próximo ano para sentir a memória ancestral novamente aflorar no seu interior. É em meio a esse momento histórico que o Maculelê se constitui como prática folclorizada, menos valorizada e sazonal em relação ao tempo cronológico. Sendo apenas representada uma vez ao ano como espetáculo a ser representativo apenas naquele momento.

Mais tarde, já adulta tive o prazer de conhecer Mestre Chico Ceará e ainda para alguns conhecido como Mestre Gilberto <sup>3</sup> realizando um trabalho de apresentações em diversos espaços, mas especificamente junto à Secretaria de Saúde do município de Barbalha-CE, onde trabalhei durante os anos de 2017 a 2021 na Escola Técnica do SUS (ETSUS). No ano de 2019 nesta instituição foi realizado um evento no qual os grupos de Maculelê organizados por Mestre Chico Ceará fizeram apresentações, a escola pôde contribuir com alguns trabalhos e parcerias proporcionando o início de uma aproximação e simpatia entre o Mestre Chico e a

---

<sup>3</sup> Francisco Gilberto da Silva (Mestre Chico Ceará), fundador do grupo de capoeira Arte e Tradição no sítio Santo Antônio do Arajara, comunidade rural do Município de Barbalha-Ce.

pesquisadora. Para além desse intercâmbio pontual e significativo o mais preponderante foram as memórias afloradas na minha infância e a compreensão que estas práticas, trazidas por estes grupos, me proporcionavam uma revisitação à minha ancestralidade, principalmente no que se refere aos símbolos, músicas e performance (MARTINS, 2021a).

A apresentação do Maculelê traduz e instiga a ancestralidade que ultrapassa o tempo cronológico e que ao longo do processo educativo vivenciado por mim percebe-se que foram negados, negligenciando sentidos e significados que só depois de ter conseguido entrar no Programa do mestrado profissional em educação (MPEDU) consigo sentir e entender os seus significados. A força da ancestralidade africana que por toda minha história havia sido encoberta pela aculturação imposta à minha trajetória histórica sentiram-se emanadas ao vivenciar os fundamentos do Pensamento Negro, disciplina ofertada durante os anos de 2020 e 2021 como optativas pelo referido Programa. Através desta disciplina foi possível ressignificar a lacuna que sentira ao presenciar as apresentações do Maculelê dando forma à idealização desta pesquisa e me fazendo compreender que estaria no lugar certo para a realização de um sonho epistemológico e de resistência.

Para definição desta temática foi necessário cursar a disciplina que me referendasse o Pensamento Negro e suas manifestações trazendo importante compreensão para delinear o principal objetivo desta pesquisa que versa sobre investigar os saberes informais presentes na prática do Maculelê e suas simbologias como uma prática afroreferenciada na qual permite viabilizar a legitimação da Lei n.º 10.639/03 a qual garante a inclusão do ensino da história da Cultura Afrodescendente no currículo da educação formal.

Assim traçar estratégias de como colaborar para propostas de valorização e salvaguarda desta cultura, reconhecendo-a a partir de interlocutores das reminiscências africanas e pensando em como contribuir para um currículo menos eurocêntrico nas escolas da Educação Básica. Desse modo, esta proposta persegue uma prática educativa que respeite a diversidade, valorizando os repertórios culturais locais, especificamente o Maculelê a partir de suas concepções e simbologias. Com o intuito de delimitar o caminho a ser percorrido este trabalho de pesquisa qualitativa traçou uma metodologia capaz de descrever por meio da pesquisa descritiva o grupo

de Maculelê do Terreiro Arte e Tradição localizado no município de Barbalha-Ce e suas vivências culturais por meio das suas práticas e performances.

A fim de chegar ao seu objetivo central este trabalho pretendeu investigar os saberes informais presentes na prática do Maculelê e suas simbologias como uma prática afrorreferenciada na qual permite viabilizar a legitimação da Lei n.º 10.639/03 (BRASIL, 2003), a qual garante a inclusão do ensino da história da Cultura Afrodescendente no currículo formal. Neste intuito foram traçados quatro objetivos contemplados por esta estratégia nos quais torna possível a execução da investigação, sendo eles: Descrever a Manifestação Cultural do Maculelê dentro da diáspora com foco nas simbologias e marcadores de africanidades através do movimento afro-brasileiro. Perceber os intercruzamentos e encruzilhadas desta prática singular, sua relação com a Capoeira e seus componentes performáticos comuns em ambas as práticas de forma a perceber a autoestima e o sentimento de pertencimento como possibilidade de resistência e autoafirmação no interior da comunidade.

E por fim discutir a implementação e os desdobramentos dos órgãos públicos e privados para a preservação do Patrimônio Histórico Material e Imaterial junto à Política de preservação patrimonial nas diversas esferas administrativas e em especial a participação do poder municipal. Ainda assim traz como parte propositiva a ser divulgada amplamente por meio dos resultados obtidos com o desenvolvimento de um produto educativo configurando um E-book que subsidie a cultura local e a educação formal contribuindo e impactando na comunidade e nos diversos âmbitos da sociedade.

Dessa maneira este trabalho utilizou o levantamento bibliográfico através do Estado da Arte como etapa inicial. Após este estudo a pesquisa centrou-se na abordagem descritiva, trazendo para este contexto investigativo a valorização das falas dos sujeitos e enriquecendo-se da perspectiva da história oral, uma vez que foram coletados relatos dos membros desse grupo de Maculelê especificamente. Para alcançar esta etapa foram realizados momentos de imersão da pesquisadora dentro do terreiro Arte e Tradição sendo esse seu lócus de pesquisa. Os sujeitos da pesquisa foram os integrantes do grupo de Maculelê da comunidade do sítio Santo Antônio do Arajara no município de Barbalha- Ce.

Os componentes destes grupos são pessoas da comunidade que participam da prática do Maculelê, sendo que alguns praticam também a capoeira além de performarem outras danças e práticas afrodescendentes. Além da observação das reuniões com registros através do instrumento diário de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas para que fossem delineadas as conclusões e o detalhamento dos resultados por meio do fomento de discussões. Desta maneira foi possível proporcionar a constatação e/ou comparação de contradições e limitações que perpassam a pesquisa qualitativa a fim de apontar possíveis caminhos para o alcance dos objetivos da mesma, uma vez que foram coletados dados primários para a análise temática de forma que com base ética as informações obtidas fossem validadas, transcritas e analisadas.

Para concluir as análises dos resultados foi aplicada uma etapa da análise temática como forma de organização dos achados, neste sentido foram transcritas as falas dos sujeitos entrevistados e organizadas por meio de temas ou categorias que se articulassem com seus conteúdos onde se constitui de um caminho construído ao longo do percurso investigativo. Assim foram coletados as falas dos brincantes e organizadas de forma categorizada para uma melhor visualização dos resultados alcançados. Portanto foram necessárias técnicas de entrevistas semiestruturadas para constatação de falas e reorganização dos pensamentos evocados pelos sujeitos da pesquisa. Assim a pesquisadora se utilizou da observação com roteiro de entrevista individual para delinear e constatar os dados obtidos por meio das descrições e impressões dos grupos, através disso pode tornar a observação mais refinada e criteriosa no que se refere à pesquisa qualitativa.

Para este estudo utilizou-se o método indutivo baseado nas evidências, referendado por Prodanov (2013) quando destaca a importância e contribuição desse método às ciências sociais. O mesmo serviu para que pesquisadores abandonassem as posturas especulativas e adotassem a observação como procedimento indispensável para se obter o conhecimento científico. Corrobora também com pesquisadores que constatarem a invisibilidade de temas relacionados às africanidades e afrodescendentes pretendendo fomentar outras possibilidades de ampliação a este tema e fazendo assim com que ocorram contribuições ao movimento antirracista capaz de transformar a realidade da escola, sobretudo em fazer refletir cada sujeito envolvido nesta pesquisa. Como afirma Cunha Jr. (2001) os temas de interesse da



população afrodescendente têm sido tratados com descaso por uma parcela significativa de educadores responsáveis pelos sistemas educacionais.

Autores como Cunha Jr. (2006), Domingos (2015), Nunes (2010), Santos (2018) e Silva (2020a) reafirmam a necessária produção científica de temas afro-brasileiros como formação de uma referência científica para alavancar a produção nesta área. Neste sentido os trabalhos que apresentam a cultura afrodescendente assumem uma tentativa de minimizar a invisibilidade e o silenciamento desse campo de matriz africana para ampliação do olhar epistêmico de compreensão da diáspora.

Os autores citados acima colaboram com o ideário de que é preciso romper com o pensamento eurocêntrico para se fazer uma pesquisa de fato de cunho afrodescendente, assim Nunes (2010) ao enfatizar sobre o estudo dos elementos de africanidades presentes na Região do Cariri destaca a dificuldade e descompasso entre cultura e escola e analisa o papel da escola como importante fator de perpetuação e valorização da cultura local. Pautada na contribuição de alguns(as) autores(as) negros(as) esta temática é relevante para o engajamento e fomento de novos estudos e no constructo de produtos que estabeleçam a formação de uma rede de apoio e de reafirmação política que se propõe fundante na produção científica como fator de resistência e no forte impacto social e coletivo que as mesmas são capazes de produzir no campo sociocultural.

A proposta metodológica deste trabalho perpassa as vivências culturais desses grupos, seus trâmites performáticos e suas peculiaridades partindo do pressuposto de que não podemos valorizar aquilo que não conhecemos. Assim se torna prevalente a necessidade latente de pesquisas que colaborem para a reflexão das contribuições diaspóricas, com a finalidade de possibilitar a contínua práxis cultural e impulsionar a produção educativa do campo em eminência. Desta maneira fomentar as práticas culturais de terreiro se constitui enquanto forma criativa de estabelecer condições sócio-políticas de resistência, com ações que infiram na comunidade processos de mudança capazes de fortalecer redes de apoio junto a organizações não governamentais (ONGs) e associações comunitárias.

Para a inserção das ações mencionadas acima, este trabalho se reafirma como método de apoio, como estratégia de possibilidade para que o lócus desta pesquisa consiga refletir suas ações sociopolíticas de enfrentamento ao preconceito e marginalização que se percebe ao longo do processo histórico construído nos moldes

colonialistas e consiga resguardar suas tradições enquanto Patrimônio Cultural. É preciso enfrentar as ações da estrutura política e legislativa que muitas vezes estigmatizam e excluem os brincantes dos grupos culturais e que se estruturam nos dias de hoje, para isso as ações irão requerer das comunidades periféricas situadas nos municípios do interior do Estado do Ceará criar mecanismos de rupturas estruturais referente à como são pensados e vistos pelo poder público. Neste raciocínio é necessário o fomento de organização comunitária com o intuito de que seus atores sociais se percebam enquanto grupos de fazeres pedagógicos e saberes identitários, além de atores com práxis sociopolíticas e filosóficas próprias.

Tendo como objetividade a articulação de intervenções para a melhoria de vida da população negra e residente em terreiro encontra-se esta pesquisa como articuladora e contribuinte através da construção de um caminho epistemológico junto a outros trabalhos que estudam a temática das comunidades negras, sobretudo os quilombolas e grupos de cultura indígena que disputam os seus direitos em todos os âmbitos da sociedade. Estes grupos unidos aos pesquisadores que se dedicam a esta temática ampliam esta luta em busca de ocuparem os territórios acadêmicos e da sociedade científica brasileira. Assim este trabalho não se materializa de forma isolada, mas se constitui como parte de uma possibilidade de luta e de formação de redes afirmativas.

É visível a lacuna existente nas ciências sociais, sobretudo quando se realiza uma busca simples junto à produção dos programas de pós-graduação nos bancos de Teses e Dissertações. A cultura afro-brasileira apesar de ser um tema relevante para a compreensão dos estudos antropológicos e etnográficos ainda é um desafio para a conclusão de dissertações e teses de doutoramento. A lacuna ainda cresce quando se efetua uma leitura sobre alguns trabalhos encontrados sobre o tema Maculelê, pois os mínimos trabalhos são relacionados à performance artísticas e de dança das apresentações de teatro, mas que não abordaram estudos de conhecimento da cultura em si e da sua origem e ancestralidade.

De forma velada ou explícita a Cultura afro-brasileira e em particular os grupos de Cultura de Maculelê não foram detalhados junto a trabalhos produzidos no Cariri Cearense, assim fortalece a demanda por estas temáticas para o fomento de novas pesquisas e para o desenvolvimento de propostas de projetos que envolvam a pesquisa etnográfica, a história oral e a pesquisa observacional dentro dos terreiros

da Região do Cariri. Estas pesquisas por sua vez alertam para o engajamento cada vez maior de pesquisadores caririenses comprometidos com os movimentos de resistência na região e que se constituem como política de afirmação junto à população negra do Cariri Cearense.

## 2 O MACULELÊ NO CONTEXTO DAS MANIFESTAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS

Sou eu, sou eu...  
Sou eu maculelê, sou eu...  
Sou eu, sou eu...  
Sou eu maculelê, sou eu...  
(Carolina Soares)

O Maculelê é uma peça artística no desenvolvimento das manifestações afro-brasileiras pois ressurgiu nos dias de hoje com o movimento capoeiríssimo nacional sendo reverenciado e referendado na égide do Mestre Popó de Santo Amaro da Purificação na Bahia. Falar da dança do Maculelê representa um estudo afrorreferenciado, pois em todo o contexto brasileiro ao se deparar com a dança é possível que se tenha uma experiência com os marcadores de africanidades, entre eles os adereços que referenciam a terra e a natureza, suas simbologias e o ritmo vibrante da sua musicalidade. Neste sentido estes grupos estão ligados diretamente a outras práticas de África entre elas a Capoeira.

Do ponto de vista das religiões Afro-brasileiras é importante lembrar que são muitas as variedades das suas Manifestações culturais que ressurgem a partir das concepções afro religiosas, entre elas o candomblé, a capoeira, a dança do coco, reisados e reinados. Assim sendo as inúmeras manifestações que possuem marcadores característicos e comuns entre elas como são o caso da Capoeira e do Maculelê representam fortemente o caldeirão cultural que se manifesta no interior do Cariri Cearense. Sendo assim nestas práticas culturais é perceptível à herança afrodiaspórica trazida pelos negros de África. Outro ponto de similaridade entre as Manifestações Afro-brasileiras são as concepções e cosmovisões herdadas de África e que se concebem como filosofia norteadora do pensamento e da criação dos rituais e da origem de suas performances.

Para estas Manifestações afrodiaspóricas é fundante e necessário a sua compreensão o conceito de encruzilhada (MARTINS, 2021) quando afirma que a cultura negra é uma cultura de interdisciplinaridade de saberes fundidos e que as elaborações discursivas e filosóficas africanas ao apresentar a noção de encruzilhadas inaugura seu ponto nodal encontrando no sistema filosófico-religioso

de origem iorubá uma complexa formulação. Por se tratar de um lugar de intersecções, estas manifestações e aqui em especial o Maculelê configuram o reinado da entidade Èsù princípio dinâmico para esta filosofia. Èsù medeia toda criação e interpretação do conhecimento, sendo assim é perceptível que as representações e rituais que se inserem no contexto das práticas culturais do Maculelê dialogam com esta filosofia em pontos fundantes como vemos nesta divindade do Èsú citada por Martins (2020), onde o configura como um princípio comunicador, aquele que é um pai-ancestral, o mensageiro, funciona como o princípio do qual emergem as possibilidades de criação e tradução dos saberes (MARTINS, 2020). Por toda essa concepção, é possível inserir através das observações do Maculelê que há também um princípio norteador de conhecimento regendo a prática. Esta prática foi constituída de saberes advindo de África e que se encontra com saberes presentes nas terras brasileiras inaugurando uma cosmovisão de encruzilhadas (MARTINS, 2020) que tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como um tecido e uma textura em que as falas dos seus representantes são parte dos arquivos orais africanos nos processos dinâmicos de interação com o outro.

Esta interação com o outro, a ginga e a performance regida por Èsú é observada tanto na Capoeira como no Maculelê que se performa na comunicação, naquilo que comunica, na constituição sígnica de que Èsú funciona como o princípio do qual emergem as possibilidades de criação e tradução dos saberes. A tradução dos saberes e a oralidade representa a forma de transmissão na cultura iorubá inferindo desta maneira que os grupos de cultura da Capoeira e mais especificamente do Maculelê se constituem historicamente movimentos interculturais por meio da dinamicidade e da contemporaneidade.

Krstulovic (2022), ao observar variadas práticas de culturas populares no Brasil, incluindo o Maculelê, identifica as danças e práticas culturais musicais como “batuques”, nome dado pelo pesquisador Edson Carneiro para nomear as danças afro-brasileiras que têm em comum a forma de roda, o sapateado, o bater de palmas, e a umbigada ou sua insinuação que segundo Nobrega (2012) são o coco, o samba, o tambor de crioula, o jongo e o carimbó e não só elas, mas as diversas danças afro-brasileiras observadas por esta pesquisadora ao longo do seu estudo onde estas danças são consideradas manifestações populares que formam a tessitura popular do sertão e grande parte do território brasileiro.

A respeito da história dos povos africanos no Brasil é pertinente a fomentação de estudos a respeito dos seus formatos constituídos a partir da diáspora, colonizando as terras do Novo Mundo e com isso trazendo suas concepções e religiões pautadas nas origens de seus orixás e seus elementos representativos.

Devido a todo processo de escravização e subordinação, os negros foram impelidos a buscarem uma forma de resistência ao processo desumano do qual foram submetidos e esta forma de resistir é consubstanciada nas suas práticas religiosas, nas suas danças e cantorias realizadas pelos terreiros e quilombos espalhados pela colônia onde eram obrigados a viver.

Contribuindo para a afirmativa sobre a imensa variedade das Manifestações Afro-brasileiras de modo que observa aquelas que trazem o bailado do corpo e a música como marcadores centrais Sales (2015) colabora:

Desse modo, o negro escravizado buscou, na sua dança, música, ritualidades, entrar em contato com sua ancestralidade que ficou na terra mãe, resgatando e expondo os seus saberes e emotividades. O resultado foi uma diversidade de expressões artísticas, como Congada, Maracatu, Capoeira, Bumba-meu-boi, Maculelê, samba etc. Essas expressões revelam o manancial estético-artístico proveniente, na maioria das vezes, dos rituais religiosos que continham a dança e a música como elementos fundamentais (SALES, 2015, p. 33-34).

A dança e a música estão presentes na prática do Maculelê como operador de significados conectando seus brincantes com a amplitude no campo das emoções anunciando a energia vital da vida. Dentro das filosofias de África este marcador psicoemocional produz o Axé que é compreendido como força e emotividade que contagia os seres, mesmo aqueles que são apenas telespectadores. É contagiante e empolgante ver com que disposição e automotivação cada brincante experiencia esta prática cultural.

## 2.1 O legado do Maculelê a partir das religiões afro-brasileiras

Ô boa noite pra quem é de boa noite  
 Ô bom dia pra quem é de bom dia  
 A benção meu papai a benção  
 Maculêle é o rei da valentia.  
 (Maculelê: música de abertura)

A prática do Maculelê se constitui de uma das mais ricas práticas culturais brasileiras por apresentar múltiplos adereços e marcadores africanos, além disso é uma manifestação artística com características próprias onde apresenta ritmos, músicas, coreografia, instrumentos, adereços, formas e formatos. Esta prática agrega a cada geração e localidade novos símbolos e significados performando suas crenças e sua ancestralidade. A dança do Maculelê como assim é chamada pelas pessoas que moram na Região do Cariri Cearense e em outras regiões do país, se refaz e se reorganiza a partir da criatividade do povo e dos materiais que lhe são dispostos junto às condições socioambientais dos seus brincantes.

O preconceito e a estigmatização que se propagam ainda hoje pelas mais diversas instâncias e meios sociais de forma explícita ou implícita na sociedade brasileira são crescentes aos praticantes das religiões afro-brasileiras que em sua maioria são denominados de “macumbeiros”, “diabólicos” e “pessoas que servem ao inimigo de Deus”. Neste cenário que se arrasta até o século XXI é que se constituem e emergem os grupos de cultura afrodescendentes como, por exemplo, a capoeira, onde se materializam com seus símbolos, mas que experimentam e vivenciam as práticas de preconceito e discriminação étnica. Estes grupos conseguem resistir mesmo sofrendo as mais diversas atitudes de discriminação, uma vez que são muitas vezes chamados de desordeiros, desocupados e baderneiros. Considerando esta realidade e a história das religiões Afro-brasileiras é compreensível que se conclua que é fundamental identificar as práticas culturais afro-brasileiras com base nos seus itinerários a partir de uma abordagem filosófica no sentido de descrever suas potencialidades culturais e romper com os paradigmas da intolerância, lutando assim para conquista do respeito à liberdade religiosa nas sociedades.

No cruel processo de destituição de suas raízes os escravos vindos de África passaram a ser comercializados no Brasil. Assim sendo, considerados mercadorias se estabelecem nas colônias para o trabalho servil e pesado através dos mais brutais castigos e retaliações. Desta maneira sofreram duras penas junto aos seus senhores caso fossem desobedientes ou fizessem qualquer menção de dotados de algum direito. Assim é importante compreender que foi a partir do comércio de escravos que se inauguram as características diferenciadas das práticas religiosas, pois a África detinha uma inúmera variedade de religiões e sistemas cultural-religiosos conhecidas como de matriz africana. Como contribui Marim e Pinto (2020):

Por conseguinte, os africanos trazidos para o Brasil eram extraídos, primeiramente, da costa oeste da África e eram destinados à Bahia. Posteriormente, haveriam os africanos advindos ao Brasil também da região do sul da África, os quais eram enviados ao Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas e ao sudeste brasileiro. Ademais, é interessante aqui demarcar que na costa oeste da África estão hoje em dia a Nigéria, Benin e Gana. Na região sul hoje estão Angola, Zaire e Moçambique. Há grande diversidade de povos nos diversos territórios de onde os mesmos eram extraídos, exatamente porque a divisão territorial exercida pelos dominadores era alheia às divisões tribais existentes (MARIM; PINTO, 2020, p. 223).

Desta maneira será um equívoco pensar que as religiões e práticas culturais de África sejam todas inseridas como iguais e de cunho religioso padronizado, pelo contrário, é preciso que estudos sobre os milhares de manifestações afro-religiosas e afrodiaspóricas sejam realizados dentro dos aspectos de sua origem, mas ao mesmo tempo de mudanças e interculturalidades que se concebem a partir das vivências de pessoas que se adequaram a outra terra com padrões civilizatórios diferentes, trazendo assim a produção e transformação principalmente de suas danças e músicas para que as suas origens permanecessem vivas.

No pensamento de Marim e Pinto (2020) no Brasil quem primeiro recebeu escravos foi à Região Nordeste e depois as outras regiões brasileiras. Desta forma é possível correlacionar o caldeirão cultural que se formou a partir deste movimento diaspórico em todas as áreas da cultura nordestina desde a culinária até as práticas de benzer, rezar e dançar nos terreiros inaugurados em todo território e sertão nordestino.

De acordo com Nunes e Luz (2022), a história dos afrodescendentes no Ceará ainda precisa ser desmistificada e reescrita. É preciso perfazer o caminho trazendo a cultura negra para seu lugar de protagonista da realidade formativa deste povo. Ao apontarem que existe um patrimônio material e imaterial de base africana aqui no Ceará autores e autoras concebem uma linha de pensamento na defesa da formação afro-brasileira que se constata por diversos estudos (BARROS, 1995; RATTIS, 1996; DANTAS, 2009; MADEIRA, 2009; DOMINGOS, 2015; SOUSA, 2015; SANTOS, 2018; SILVA, 2019).

Esses autores e autoras identificam a presença dos negros ativamente na sociedade cearense constituindo um legado afrocearense que somado a ações movidas pelos movimentos de luta e enfrentamento a invisibilidade e discriminação racial, disseminado em todo território do estado, formam uma verdadeira frente de luta



e engajamento político frente à invisibilidade que se mantém historicamente. Todas estas ações e pesquisas impõem-se a proclamar uma defesa em prol de uma releitura da presença do patrimônio cultural afrodescendente no Ceará.

Neste sentido é possível constatar que devido ao grande número de povos africanos trazidos na diáspora não se consiga definir de quais partes do Continente eles chegaram e de que forma os processos de troca cultural se dá por meio da língua, das culturas e dos mecanismos de interculturalidade. Hoje é impossível se detectar quais povos africanos vieram para o Brasil uma vez que a infinidade de variedades foi imensa. Encontram-se estudos que defendem que os primeiros a pisarem em solo brasileiro foram os vindos da África Atlântica, que vai do Senegal a Angola (MARIM; PINTO, 2020; p. 224).

Assim, a variedade de africanos trazidos de forma aleatória e variada impossibilita a definição de em que medida e quais regiões tiveram a maior ou menor influência das religiões africanas e que posteriormente constituíram as práticas religiosas afro-brasileiras, porém estudos analisam que os escravos trazidos ao Brasil eram detentores de conhecimentos da agricultura e do ferro cujo embasamento advém dos bantos.

Os bantos englobam diversas línguas e de acordo com a formação da palavra banto que significa “povo” /coletividade justa posta. Os bantos são formados por diversas tribos com alguns denominadores comuns: a língua, traços físicos e tradições sociais e religiosas. Os bantos possuíam uma variedade de tribos e com isso se tornou impossível definir suas características, pois já havia intercruzamentos de diversas práticas inclusive rituais religiosos ficando difícil focar sob os aspectos de cada uma, uma vez que algumas se estabeleceram como nômades e sedentárias, produziram a terra e se adaptaram as hostilidades dos desertos e sertões. Dos bantos fica a herança baseada na predominância e culto dos espíritos: os antepassados, a magia e a bruxaria (MARIM; PINTO, 2020).

As manifestações culturais dos povos oriundos de África são múltiplas e variadas, não são uniformes nem mesmo de uma mesma tribo embora tenham pontos comuns e filosofias idênticas, cada uma foi tomando formas de resignificação constituindo as afrografias brasileiras (MARTINS, 2021). Aqui é importante ressaltar que na dança do Maculelê a evocação nas letras das músicas é percebível a saudação aos antepassados. Nesta informação se constata a ligação da ancestralidade com a

cultura banto trazendo ao centro o respeito máximo aos seus ancestrais e as suas memórias.

O Maculelê se destaca pela riqueza de simbolismo, onde é visível a harmonia pela busca dos ritos, a caracterização das roupas e símbolos, o que torna esta prática cultural do Maculelê abundante em simbologias e riqueza expressiva. Os bantos também confessam a crença no Deus criador que criou os deuses para junto com ele criar e governar o cosmo, mas ele não é o único para sua concepção. Ao contrário da religião monoteísta eles não cultuam este Deus criador uno e todo poderoso, pois ele é tão transcendente que seria impossível que algum culto pudesse chegar até ele.

Outro povo que constitui parte do Ethos<sup>4</sup> (GEETZ, 2008) de África além dos bantos, que também constitui a cosmovisão das manifestações afro-brasileiras é o povo yorubá ou denominados de nagôs. Eles se identificam no Brasil como os fundadores do candomblé influenciando com suas divindades nascidas da religião banto, a Umbanda e a Macumba. Os yorubás segundo Marim e Pinto (2020) foram trazidos tardiamente ao Brasil, pois os colonizadores acreditavam que os bantos teriam melhores condições físicas para o trabalho braçal nos engenhos de açúcar que foram implantados no Brasil a partir do século XVI. Na África os yorubás se organizavam em reinos ou cidade-estado o que nos remete aos reinados e congados rememorados nas diversas práticas culturais nos dias de hoje aqui no Brasil. Estes povos ocupavam as florestas e ao evoluir para a vida urbana passavam a se organizar socialmente através dos reinos que cresciam por meio das construções urbanas de acordo com o crescimento populacional. Daí a necessidade da organização desses reinos que inauguram os reis e rainhas dos reisados e nisso se constitui a memória revisitada da cosmovisão yorubá.

É importante o estudo das cosmovisões e filosofias desses principais povos de África para que através das similaridades e marcadores seja identificada a constituição dos pressupostos filosóficos que foram herdados e que se preservam ainda hoje no interior das Manifestações Afro-brasileiras nos contextos das suas performances. Neste sentido estes dois povos: bantos e yorubás protagonizam a

---

<sup>4</sup> Para Geetz, ETHOS é o elemento formador de uma etnia, o estilo moral e estético de um grupo, o caráter e a qualidade de sua vida.

formação dos afro-brasileiros, com suas simbologias, concepções e religiões (MARIM; PINTO, 2020).

Não cabe aqui e nem seria possível identificar todas as diversas religiões advindas de África, pois são numerosas, mas apenas identificar mais adiante alguns marcadores de África foram herdados e são presentes na performance do Maculelê. Em se tratando do Maculelê especificamente é constituída como prática advinda de outras danças herdadas da diáspora para transitar pela filosofia banto e yorubá com a possibilidade de rememorar seus costumes e rituais que lhe permitissem ficar mais próximos da sua terra natal.

A descolonização de conceitos sobre as artes e tradições afro-brasileiras se torna necessária para o fomento de estudos onde as culturas e cosmovisões afro-ameríndias sejam concebidas como parte da memória social das danças de tradição do povo brasileiro (KRSTULOVIC, 2022). Estas danças se mantiveram vivas pela transmissão oral praticada no interior das comunidades agrárias vinculadas as práticas sociais das áreas rurais. Ainda assim Santos (1977) corrobora com a ideia de que até a metade do século XIX a atividade agrícola foi a maior responsável pela organização, localização e desenvolvimento das povoações. Neste sentido se converge para explicação da dança que apresenta no seu lócus de pertencimento representados pelos terreiros rodeados de famílias essencialmente constituídas no espaço agrário denominado “terreiro”.

Ao relatar sua experiência etnográfica no interior dos batuques brasileiros Krstulovic (2022) contribui sobre as práticas culturais e mestres no Recôncavo Baiano:

Após a abolição da escravidão, os habitantes dedicaram-se principalmente a roça, pesca e mariscagem. Assim, a grande maioria dos mestres de samba, Capoeira, maculelê etc., que conheci, cresceram realizando essas atividades e produzindo alimentos para o consumo familiar e comunitário. É importante assinalar a existência de pessoas indígenas na conformação familiar do recôncavo, fato pouco trabalhado na pesquisa, mas sempre realçado pelas pessoas mais velhas com que falei. [...] No Recôncavo, a capoeira convive intensamente com o samba de roda. Os mestres de capoeira com que conversei sempre chegavam à conclusão de que as manifestações de roda do recôncavo formavam parte de uma mesma família, isso pela estrutura dos versos, o canto, os instrumentos utilizados e as dinâmicas efetuadas (KRSTULOVIC, 2022, p. 35-36).

De acordo com a pesquisa de relevância citada acima é possível que as práticas oriundas da Bahia tanto do Recôncavo quanto de outros pontos do estado da Bahia como Santo Amaro da Purificação estão permeadas de marcadores culturais comuns que se manifestam através da organização dos grupos constituídos de

peessoas que se identificam com sua comunidade e com o senso de pertencimento cultural que os impele a se comprometerem para manutenção da cultura local. A autora acima ainda aponta a ritualidade, sua multidimensionalidade e o aprendizado incorporado através da observação como elementos similares nas rodas de capoeira e samba.

Sobre o Maculelê e as manifestações oriundas das práticas de grupos culturais que se apresentam no mercado da Bahia mais precisamente na Festa da Purificação Krstulovic (2022) destaca:

Existe também uma outra dança-luta, chamada maculelê, que conheci em Santo Amaro. Utiliza-se um jogo de bastões de madeira que, ao mesmo tempo em que ataca ou defende, faz música, funcionando como percussão e acompanhado de cantos e toques de atabaques e agogôs. O atacante pode avançar sobre um ou mais dos seus companheiros usando apenas um bastão, ao passo que os atacados se defendem. Segundo as fontes e o conversado com o mestre, o maculelê é praticado só na região do Recôncavo. As pessoas que vi praticando faziam parte de um grupo de capoeira de Angola e praticavam numa escola. Outras vezes que assisti o maculelê foi nas festas do bembé do mercado e na festa da Purificação de Santo Amaro (KRSTULOVIC, 2022, p. 36-37).

Segundo Borba e Hirsch, 2014 a Dança do Maculelê é originada de Santo Amaro da purificação, esta informação se alinha com a citação acima afirmando que é um folguedo disseminado a partir da região de Santo Amaro na Bahia, mas que possui uma origem incerta sendo assim transmitida pela tradição oral. Ambas as práticas que se apresentam coadunam para rememoração de uma lenda que torna conhecido o Maculelê como um escravo que se restitui numa tribo, escravo este que ao ser acolhido por esta tribo vai a sua defesa através da luta se utilizando de cacetes de madeira. Reafirmam também ser uma dança percussiva com uso de bastões na qual os brincantes simulam e homenageiam uma lendária batalha acontecida entre tribos. Neste sentido apontam que é de origem afro-indígena e que atualmente é vista como uma extensão da capoeira. A dança homenageia uma lendária batalha entre tribos e baseia toda sua performance sobre a literatura dramática fundamentada na história que se disseminou pela oralidade sobre um suposto negro que ao ser assumido por uma tribo indígena se vê numa situação de ataque da sua tribo e luta heroicamente para defender sua aldeia, sendo este feito rememorado no espírito de Maculelê.

A prática é de origem afro-indígena e atualmente é vista como uma extensão da capoeira Borba e Hirsch (2014), sendo difundida no Brasil e no mundo juntamente

com a prática da capoeira ligação esta pelo fato de serem originadas dentro da mesma cosmovisão e filosofia, mas que segundo Milani (2016) englobar o Maculelê como estilo de capoeira é uma interpretação errônea segundo estes estudos e alguns capoeiristas. Apesar de não fazer parte do objetivo central deste trabalho migrar sobre este aspecto de diferenciação entre ambas as práticas culturais será de grande valia que ao final dos dados aqui refletidos configurem-se algumas contribuições a respeito de um melhor refinamento conceitual para a prática do Maculelê. Para isso é possível que se imprima a partir das observações realizadas nas descobertas deste trabalho condições teóricas para se não definir, mas ampliar o conceito sobre a prática do Maculelê na perspectiva de uma prática antropológica e simbólica que representa um recorte fundamental no contexto das Manifestações Culturais Brasileiras.

O Maculelê é uma das Manifestação que representa força por se tratar de uma luta ancestral, além de contagiante no seu formato lúdico perfazendo o desafio de permanecer vivo no interior dos folguedos afro-brasileiros, permanece impactante por todas as suas características. Além do suporte dramático e teatral que o envolve trazendo uma junção artística enriquecida pela musicalidade, rima, mímica e gestos constitui parte fundamental nos repertórios dos saberes corporificados. A mesma traz uma releitura no mundo atual, um exemplo claro derivado da apreensão de um cruzamento simbólico cultural (MARTINS, 2021, p.35).

Ao colaborar com estas reflexões Mestre Chico Ceará, mestre de capoeira idealizador da dança no lócus desta pesquisa, fala sobre a vontade de renovar suas práticas de terreiro para que se torne cada vez motivante às cores e o estilo Afro visível nas suas apresentações ao público. Por ocasião desse cuidado com a estética a prática se constitui dotada de simbologias e isso torna possível seu estudo a partir do pensamento de compreensão da cultura como parte de uma subjetividade. Esta prática se destaca pelo seu ritmo vibrante e consegue atribuir valores entre os folguedos populares. Segundo contribuições de Milani (2006) nas contribuições para o livro de Biancardi “Olelê Maculelê” trouxe importantes afirmativas sobre o desenvolvimento desta Manifestação cultural que se apresentava e ganhava força através do grupo de incentivo a cultura regional através do grupo “Viva Bahia” que era composto por artistas e estudiosos que se dedicavam ao desenvolvimento da cultura afro-brasileira no Nordeste brasileiro.

Emília Biancardi além de estudiosa da música se dedicava ao estudo da cultura baiana escreveu sobre o Maculelê e seus instrumentos no livro citado acima. Sua escrita fez crítica a constituição da dança como uma capoeira onde não concorda com a falta de definição própria aplicada a prática do Maculelê, nisto é provocada a contribuir para o não apagamento desta cultura afro-brasileira e das suas peculiaridades próprias.

Afirma a autora que a trajetória do folguedo Maculelê foi constituída de evoluções tendo ocasionado perdas das suas originalidades mais primitivas modificando suas raízes. Nos dias de hoje foi observado na prática do Terreiro do Mestre Chico Ceará que os atores que se comprometem com a prática embora possam modificar algumas características contam com o Mestre para barrar as ideias que tendem a descaracterizar profundamente suas origens e também vetar a ideia de conceituar a dança como “estilo de capoeira”. É importante observar que a autora resguarda a necessidade de interação da prática com as raízes africanas e que se mantenha a tradição na revisitação ao espírito de luta do Maculelê e de sua resistência.

Coadunam com este trabalho a defesa de um Maculelê referenciado em raízes africanas, que perpassa pela história lendária e que ao acontecer de forma real e/ou imaginária constitui-se de uma prática diaspórica imbuída de cosmologia afro-brasileira e por isso constituinte importante dentro do conjunto das manifestações Afro-brasileiras.

O Maculelê é uma prática eminentemente de encruzilhada podendo se afirmar a partir dos pressupostos desse conceito por ser lócus tangencial, instância simbólica e metonímica Martins (2021) por meio dela se processam vias diversas de discursos motivados pelos próprios estudos entrelaçados em si mesmos. Como colabora a autora sobre a definição de “encruzilhada”:

Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radial de centramento e descentramento, intersecções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção sígnica diversificada e, portanto, de sentidos. Nessa via de elaboração, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articuladas pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas do efeito de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais. (MARTINS, 2021, p. 34-35).

Este conceito de relevância explica a referência de um Maculelê intercultural por sua própria estruturação performática sendo possível afirmar que esta prática cultural se encontra neste lugar de encruzilhadas, neste lugar se concebe o entendimento sobre as diversas possibilidades de imbricações simbólicas sugeridas para esta dança presente de forma afirmativa no lócus do Cariri Cearense como sendo oriunda e vivenciada a partir de grupos de Capoeira porém com características próprias e estilo original.

Estes grupos culturais sentiram a necessidade de irem além da performance da capoeira e representarem suas manifestações através da arte, num mister de dança, teatro e ritmos que se transformam nos ensaios e encontros dos seus brincantes. Estes brincantes jovens e adultos compreendem esta apresentação de dança como celebração em rememoração da sua ancestralidade e do seu prazer em revelar suas origens. Esses jovens/adultos brincantes que se vestem e se pintam com seus adereços usando sua criatividade e cosmovisão, disponibilizam-se de livre vontade ao serviço e participação do grupo se caracterizando e performando com maestria e zelo os passos coreografados pela mestra e mestre do terreiro, ambos responsáveis pela prática cultural.

Como vimos acima estas linguagens de múltiplos sentidos se caracterizam pela sua interculturalidade colaborando com estudos sobre os aspectos culturais por meio de uma perspectiva que pensa a cultura como passível de imbricações, capaz de modificar-se e receber novos elementos alinhando-se neste caso como uma razão semiótica e interpretável a partir da visão de quem a ver e consegue captar suas multiplicidades.

Para esta investigação foi fundamental a possibilidade de apreensão ampla das práticas culturais, particularmente o Maculelê como uma perspectiva derivada de um cruzamento simbólico do ponto de vista também antropológico que atrela significações subjetivadas pelo homem a estas práticas e nisso a humanidade inaugura a importância das práticas sociais advindas da cultura. Estas práticas passam pelas concepções que foram construídas e se materializam a partir de suas concepções e filosofias internalizadas pelos seus autores. São os sujeitos sociais que se interpretam e validam as manifestações dos grupos, além de se identificarem com elas a partir do enfrentamento vivenciado por suas próprias convicções e ideologias.

Por esta razão a quem possa assistir a uma apresentação do Maculelê ou de um grupo de cultura e não relacionar a sua ancestralidade com a performance afrodescendente, porém é possível que rememore o processo histórico da diáspora caso tenha afinidade com a sua história. Desta forma como afirma Martins (2021) ao relatar as afrografias brasileiras destaca que grande parte das Manifestações de arte afro-brasileira conserva a lembrança do passado, contando as grandezas dos antigos reinos bantos e seus soberanos, várias outras constituem de bailados guerreiros, reminiscências que certamente são dos muitos combates travados pelo banto da África e que chegaram ao Brasil com espírito guerreiro, como é o caso dos moçambiques e dos quilombos.

Assim, é por meio desses estudos que se torna provável que a dança do Maculelê se constitui como um bailado de luta e de guerra, contada através dos contextos das narrativas afroreferenciadas representadas pelos episódios heroicos do povo negro. Esta história lendária relata a vida de um escravo negro que vivia numa tribo indígena e que lutou para guardá-la e protegê-la da ira dos capitães perseguidores de escravos. A luta desse negro denominado de Maculelê e que habitava esta tribo indígena é rememorado a cada performance apresentada.

Para Martins (2021), estas performances autotransformadas em terra brasileira, de danças acrobáticas em artes marciais como é o caso do Maculelê, são advindas e inspiradas a partir da chamada “Capoeira de Angola” (p. 47). Ainda assim, a reterritorialização de formas expressivas da tradição africana se une a reinterpretção pelo negro dos ícones religiosos cristãos, investidos de novas interpretações semânticas e culturais. Neste sentido os sujeitos praticantes da capoeira devido à interação da luta com seus segmentos desenvolvem outras práticas, sobretudo para organização de suas apresentações que perpassam os séculos e chegam até os dias atuais. Isso mostra o quanto o jovem ou a jovem que pratica uma atividade de capoeira transita neste universo cultural perfazendo suas semelhanças e diferenças tornando-se um participante da comunidade sociocultural sem que haja mais distinção entre cor, raça ou classe social, tornando-se assim um ator social imerso na sua cultura.





Figura 1 – Jovens se preparando. Fonte: Arquivo do Mestre Chico.

Ao discutir sobre onde se encontram estes grupos afrodiaspóricos sobreviventes da escravização instituída ainda hoje na sociedade brasileira, Martins, 2021 afirma que no Brasil as práticas culturais africanas passaram por perseguições, estas aconteceram com o império e a igreja católica em meados do século XIX quando interdita os festejos de reinados, mas que mesmo assim continuaram se alastrando e acontecendo pelo Brasil apesar das perseguições institucionais e da sociedade que os via como manifestações “folclóricas”, “lúdicas” e “inofensivas”. Porém é fato que os rizomas que constituem estas práticas se reinscrevem perenemente como no palimpsesto textual brasileiro, a letra africana.

Para definição da Prática do Maculelê e sua caracterização, sendo esta imbricada de lenda fundacional é perceptível uma riqueza cultural em movimento que sofrem variações em torno de um mesmo tema central como afirma Martins (2021) ao falar sobre a definição dos congados possibilita a reflexão sobre diversas práticas afro-brasileiras:

No Brasil, as várias versões da lenda fundacional constituem um rico tecido textual de variações em torno de um mesmo tema. Como as narrativas mitopoéticas da antiguidade, a transcrição da fábula funda-se numa ato criador textual coletivo que produz uma teia discursiva, em movimento contínuo. Ao contar contando, o congadeiro alude ao tema primevo, mas dele também se distancia, imprimindo-lhe novas modulações textuais, ritmos e

timbres diferenciados. Nesse texto em movimento, o narrar, cantado e dançado, é sempre um ato de constituição e construção simbólicas de uma identidade coletiva, na medida em que reagrupa os sujeitos e os investe de um ethos agenciador (MARTINS, 2021, p. 59).

Embora a autora esteja se referindo a prática dos congadeiros de matriz africana compreende-se importantes contribuições sobre o quanto as práticas afrodiáspóricas sejam elas apresentadas em diversos ambientes são possuidoras de um poder de rememorar através de sua performance as narrativas históricas de um povo. Atualizando o texto que é oralizado através dos seus cantos de chamamento e de modulações rítmicas trocadas entre seus pares as cantigas de contação das histórias e lendas se encontram presentes quando os participantes se inspiram e emprestam seus corpos para refazerem seus bailados.

No Maculelê é muito presente a batida do atabaque orquestrado pelas vozes do grupo que batem os bastões e dançam a força e a coragem do negro que lutou para defender a sua tribo sendo aclamado como herói (ALMEIDA, 1951). O corpo que dança no Maculelê grafa suas crenças e identidade coletiva performando no seu corpo-tela (Martins, 2021) a transmissão oral e com esta grafologia articulada ao seu aparato teatral pelo arranjo semiótico e significativo rememoram seus conhecimentos e saberes.

Ao referenciar o corpo como textos corpóreos Mesquita e Medeiros (2019) colaboram afirmando que através da dança o corpo transcreve as marcas da cultura. Assim cada gesto contém sentidos construídos pelo povo e se constituem de referência sobre sua forma de viver em sociedade. Ainda coaduna com a defesa de que as danças populares criadas pelo povo de modo anônimo ou coletivo refletem seu cotidiano tornando-se ao longo do tempo de domínio público.

Estes saberes são produzidos a partir das experiências provocadas pela dança e que se estabelecem no coletivo do grupo o qual são membros da mesma comunidade ou de comunidades agrárias vizinhas. No momento da sua evolução o grupo percebe a possibilidade de desenvolvimento da sua espiritualidade e ancestralidade através da emoção. Neste sentido transcendem por meio da emoção onde tudo isso se constitui das suas experiências comunitárias.

Estes jovens/adultos se expressam por sua performance porque adquirem conhecimento e habilidades por meio do Ethos comunitário que está formado de valores, sentimentos e cosmovisões repassados dentro do contexto de cada

localidade e de cada grupo, onde estão socialmente ligados pelas famílias e seus ancestrais. Assim a dança do Maculelê está ligada à Capoeira, sobretudo a chamada Capoeira de Angola, neste sentido o Maculelê se materializa quando alguns brincantes se estabelecem com a mesma vontade de aprender e representar a dança de luta e suas coreografias para que se torne parte do repertório de suas apresentações nos espaços sociais.

Sigamos pensando nos conceitos que Martins (2020) inaugura ao pensar sobre as manifestações culturais afrodescendentes e que fundamenta a temática em estudo no sentido de definir caminhos para compreensão desta práxis diaspórica. Neste contexto o conceito de corpo-tela se concebe como aparato teórico na prática do Maculelê quando se entende que o corpo do brincante é um corpo de adereços, luminosidades e policromias (MARTINS, 2021) se tornando uma tela que será lida, interpretada e compreendida.

Nesta perspectiva é que na apresentação do Maculelê se percebe que as vestimentas dos brincantes e suas pinturas no corpo são tão representativas quanto a própria performance. Como afirma a autora a composição das vestimentas é veículo de comunicação podendo expandir ou inibir os movimentos, subordinar ou ampliar os limites da ação física. O vestuário molda e esculpe o corpo. Ainda nestes aspectos a autora (MARTINS, 2021, p.105) colabora falando dos ícones estéticos e de como as roupagens são significantes na filosofia de África, sobretudo nas concepções dos povos iorubás.

No contexto das religiões afro-brasileiras é presente a prática da Capoeira como Arte de luta que surge a partir do século XVII, mas que se expande por todo país como parte fundamental da invenção diaspórica brasileira, a mesma ganha força e visibilidade a partir de meados do século XX sendo acopladas práticas vindas do Sudeste mais precisamente de São Paulo para serem praticadas aqui pro Cariri (DUARTE, 2021, p. 83).

A capoeira neste contexto passava a ser vista como uma prática perigosa, pois segundo este pesquisador aponta que para as autoridades governamentais a capoeira colocava em contestação a ordem e o patriotismo em perigo. A capoeira por ser uma manifestação afrodiaspóricas onde a mesma traz na sua constituição o legado das tradições e cria sua instituição com regras e técnicas enfrentou com maior evidência os mais absurdos preconceitos e discriminação.

Como aponta estudos de Duarte (2021) que afirma a historicidade da capoeira e suas formas de enfrentamento de toda espécie de preconceito luta para ressignificar seu legado e ancestralidade superando a ideologia de que a mesma é uma prática de quem é desocupado ou infrator das leis e da moral. Neste sentido é preciso que os estudos da Capoeira e suas características sejam aqui detalhados para que ao conhecer o espaço desta prática afrodescendente se compreenda onde fica o seu lugar e qual o espaço do Maculelê. É possível que se compreenda que quando a prática da Capoeira é inserida na vida do Mestre Chico Ceará e em São Paulo no ano de 1986 (informação dada em entrevista dia 18/11/22) o mesmo participa de em evento e ver a prática do Maculelê ele é chamado a representar e trazer a prática para o seu município no Cariri, município de Barbalha-Ce.

Este intercâmbio Cultural constata o que Duarte (2021, p. 90) relata sobre como a Capoeira chega ao cariri e como o Mestre Chico Ceará aprendeu na década de 80 favorecendo a sua disseminação e criatividade. Hoje o Mestre Chico Ceará conta com emoção sobre sua experiência vivida em evento na cidade de São Paulo:

Então assim, eu aprendi, eu vi o Maculelê pela primeira vez na década de 80, né, na verdade a data exata foi dia 03 de maio de 1987 que eu vi o Maculelê pela primeira vez. Fui convidado pra uma apresentação de capoeira, eu tinha visto a capoeira aqui no Crato no início da década de 80, me apaixonei pela capoeira, comecei a fazer a capoeira sozinho sem mestre por morar no sítio e ser agricultor, ai quando eu chego, dia 01 de maio de 87 lá em São Paulo, ai dia 03 teve uma apresentação de capoeira e eu fui convidado pra ver eu já tinha visto uma vez a capoeira e corro pra ver, quando eu chego lá a abertura é o que? Uma apresentação de Maculelê, né? Teve Maculelê, depois teve uma puxada de rede, depois teve uma roda de capoeira e um samba de roda no final. Eu sempre me incomodava a questão do pessoal querer só uma coisa só, né? A gente viu a organização do maneiro pau, mas só o maneiro pau, reizado, é só reizado, e aquilo me incomodava muito, e eu por fazer parte de outras culturas daqui, é eu me apaixonei principalmente pelo Maculelê, né, eu olhei pro Maculelê e disse: Vou aprender essa cultura! quando eu chegar lá no Cariri de volta pra minha terra, ai eu vou fazer o maneiro pau com dois paus, um maeiro pau diferente, porque eu nunca gostei de fazer a mesma coisa né? [...] (Entrevista concedida à pesquisadora em 17/11/22).

Assim é expressado na fala do Mestre a vontade de transcrição e de disseminar a cultura local da sua comunidade coadunando para a construção de sua identidade cultural. Mestre Chico Ceará demonstra emoção ao falar da prática do Maculelê exprimindo sentimento de pertencimento mutuamente motivado por sua ancestralidade nascida no útero da cultura agrária que o leva a continuar a propagação de ações para (re)afirmação das suas origens e das manifestações culturais afroagrárias e diaspóricas.

## 2.2 O “estado da arte” como princípio de referenciais



Figura 2 – Apresentação do maculelê no cortejo da Festa de Santo Antônio.

Fonte: Arquivo do Mestre Chico Ceará.

Os grupos de Maculelê no campo científico ainda se encontram como temática restrita e tímida ao campo científico, fator que pode estar relacionado ao fato de sua articulação se dá no campo dos saberes populares e\ou folclore popular, saberes estes ainda permeados pela discriminação e desaprovação em relação aos saberes eruditos e cientificamente aceitos pela ciência ocidental academicista. Este objeto de estudo proposto em questão apresenta-se em sua maior proporção articulado como campo da Cultura afro-brasileira e como mostra a própria busca por referencial teórico, o mesmo se encontra na perspectiva esportista articulado às práticas da dança e da área de Ed. Física e\ou danças artísticas contemporâneas.

Como é o caso do registro de um trabalho produzido pelo Balé de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trabalho este que se encontra no topo da lista de uma mínima pesquisa através do google acadêmico, trabalho no qual vai servir de referencial para o trabalho final desta proposta uma vez que faz referencial a prática do Maculelê como fonte de ancestralidade do povo negro e que mesmo sendo uma releitura para apresentação de espetáculo artístico apresenta significados simbólicos pertinentes para a pesquisa dissertativa em questão.

O Maculelê como prática presente em terreiros culturais se encontra no âmbito das práticas vivenciadas pelos grupos de capoeira e pessoas que possuem contextos sociais agrários, muitos dos seus membros são negros onde viabiliza o intercâmbio com as relações étnico-raciais e faz parte de uma temática que se relaciona com luta por reconhecimento e respeito Cultural, ainda assim se concernem na legitimação por direitos e por delimitação de territórios e se constituem culturas remanescentes possuindo características similares com os Quilombos, a Capoeira e os grupos de identidades diaspóricas. Assim está relevância temática se destaca pela contribuição no campo jurídico, social, político e ideológico com uma relevância no campo identitário e político-ideológico de grupos culturais e minorias étnicas.

Para este levantamento que servirá de recurso norteador para trabalho dissertativo futuro foi realizado levantamento junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Capes<sup>5</sup> e também do Portal de Periódicos da Capes<sup>6</sup>, levando em conta artigos publicados em periódicos junto a Capes que foram revisados por pares e que se encontram dentro do período dos anos de 2017 a 2019 onde discorrem pesquisas que tratam da palavra-chave Maculelê, articulada com descritores afro-brasileira, Cultura popular, e etnoeducação.

De acordo com Ferreira (2002) o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” ganha um elevado número de pesquisas nos últimos quinze anos sendo de caráter bibliográfico e utilizado afim de mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento. Esta autora concorda com Romanowski e Ens (2006) reafirmando com seu estudo os aspectos referentes ao silenciamento de alguns temas em relação a outros, principalmente no que diz respeito às minorias étnicas. Assim afirmam a necessidade do estado da arte para definir propostas de trabalho, destacando que:

Os dados coletados em estudos do tipo estado da arte indicam a atenção que os pesquisadores dão à temática, além de apontar para que aspectos da área da educação voltava-se a preocupação dos pesquisadores. Apontam os temas, subtemas e conteúdos priorizados em pesquisas e mostram a necessidade de algumas pesquisas, ou seja, mostram que alguns temas são quase que totalmente silenciados. Os estudos de estado da arte evocam aspectos pontuais como um curso ou uma área de formação com sua

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 10 de junho. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em: 23 de junho. 2021.

proposta específica. Mostram, ainda, os temas que têm preocupado os pesquisadores (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 45).

Embora este trabalho se encontre definido pelo objetivo como destacado acima sobre esta metodologia de levantamento bibliográfico percebe-se que se referindo a algumas temáticas e destacamos aqui o Maculelê como Cultura afrodescendente e fundamentada na cultura africana, a mesma é permeada por obstáculos ainda mais silenciadores. Este apagamento junto aos temas que se referem às africanidades e afrodescendentes é denunciado por Cunha Júnior (2001) ao destacar que as pesquisas abordando a cultura negra sofrem uma invisibilidade dentro do campo científico.

O mesmo aponta o desconhecimento da sua existência e a importância desses temas tratando algumas vezes os mesmos como problemas relacionados à pobreza sem questionarem a produção diferenciada da pobreza entre as etnias. Também colabora afirmando que a constituição de um ideário dos grupos dominantes na sociedade e na cultura nacional sobre a “democracia racista”, ideário que influi sobre o trato com as culturas e etnias e a ideia de base nacional miscigenada como uniformadora do ideal de nação, foram duas fortes correntes que impediram o avanço desses temas no cenário brasileiro nos últimos 50 anos.

E se nos perguntarmos se podemos ainda projetar este número para os últimos anos podemos afirmar que sim, no que se refere aos temas relacionados às minorias étnicas e grupos culturalmente discriminados, sendo a pesquisa neste campo ainda muito restrita. O autor acima citado traz contribuições para discussão da necessária construção de referencial de etnia para tratar temáticas da educação dentro de uma perspectiva que abordem as origens africanas do povo brasileiro e a história dos afrodescendentes.

Destacar estas limitações também quanto à metodologia bibliográfica e a aderência aos autores que pesquisam a temática afrodiaspórica são passos importantes para contribuição da área específica. Apesar da necessária produção neste campo, este trabalho se constitui como contribuição para um enfoque importante a fim de delinear respostas para os resultados apontados no âmbito deste trabalho, mas que precisarão de maior detalhamento investigativo de forma a permitir um melhor aprofundamento para que contribua com o aparecimento de estudos e pesquisas socialmente relevantes ao campo das minorias étnicas, no caso específico

dos povos amefricanos denominados por Gonzalez (1983) quando define uma categoria de colonizados americanos, contribuindo a estes a denominação de amefricanos para designar e descolonizar o preconceito entre povos latinos americanos e americanos do Norte, dentro desta perspectiva este conceito entende que os povos que praticam a cultura afrodescendente nada mais fazem que celebrar seus rituais encontrando em cada símbolo a revisitação dos seus ancestrais como processo de coexistir e revisitação da sua própria história. Dentro desses ressignificados temos outros grupos como é o caso dos quilombolas, dos capoeiristas e dos penitentes tão fortemente presentes no Cariri Cearense.

Cunha Júnior (2001) referência na área indica o tema afrodescendência como tema estudado entre teses e dissertações durante os últimos anos nos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco assim esta proposta de pesquisa apresenta o Maculelê articulado ao conceito afro-brasileiro que não está desarticulado da afrodescendência podendo ser foco de estudos mais aprofundados e servindo para nortear as abordagens que necessitam de referenciais e estudos. Neste sentido para produzir uma contribuição considerável a esta área do conhecimento, sobretudo no que se refere à contribuição sociopolítica que se articula na formatação de políticas e produtos educacionais, precisamos ser capazes de fortalecer as vozes e as práticas silenciadas e invisibilizadas na sociedade capitalista contemporânea brasileira.

Destarte esta sociedade forjada em paradigmas eurocêtricos e neocolonialistas herdados pelo processo de colonização escravista implantado na história brasileira, consiga compreender a sua história e ressignifiquem seus povos e suas origens. Assim o estudo da arte se encaixa devidamente neste processo investigativo quando se pretende situar os sujeitos que irão ser impactados por seus resultados, como aponta Prodanov (2013, p. 78):

Situar seu trabalho é muito importante tanto para você quanto para o leitor do seu texto: para quem escreve, porque precisará definir os autores pertinentes a fim de fundamentar seu trabalho, o que demandará uma leitura vasta, constante e repetida; e, para quem lê, porque pode identificar a linha teórica em que o trabalho se insere com base nos autores selecionados para a revisão de literatura (PRODANOV, 2013, p. 78).

A prática do Maculelê se contextualiza entre os terreiros caririenses e possuem no seu ritual a força vital do povo afro-brasileiro, esses grupos se destacam pelas apresentações artísticas durante os festejos aos santos padroeiros dos municípios da região do Cariri. Assim como as manifestações culturais carnavalescas produzidas



pelos morros do Rio de Janeiro já se tradicionalizaram como representação do seu povo, os terreiros culturais trazem suas danças e rituais como foco central das tradições que se perpetuaram ao longo dos tempos e se ressignificam, sendo resistências ao arcabouço discriminatório que se sobrepõem entre culturas diferentes.

As práticas culturais africanas como a capoeira, o reisado e o Maculelê, centram-se como parte integrante de uma Cultura Popular, remetendo, sobretudo a prática do Maculelê não se constituindo para este ensaio somente como dança folclórica, mas interpõe-se com seus saberes e cosmovisões representantes de um povo. Povo este que ao participar da diáspora encontra nas suas raízes e práticas culturais condições de sobrevivência dentro de uma sociedade que se pauta pelo pensamento eurocêntrico e colonialista perpetuados por ela os conceitos de hierarquias e subserviência.

Pensar para além dos formatos cristalizados da sociedade vigente e do mundo líquido abordado por Bauman (2001) nos impele para além do que é físico e focar um novo olhar, uma nova perspectiva para os grupos de cultura e especificamente para os grupos de Maculelê, como expressão partícipe do cenário brasileiro e que necessariamente resistem e lutam por seu espaço de territorialização e direitos por meio da sua originalidade e ancestralidade.

Este trabalho foi constituído de uma varredura por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do Portal de Periódicos da Capes com utilização dos seguintes descritores: Maculelê, Cultura afro-brasileira, Cultura Popular (Folclore) e etnoeducação, além da pesquisa da palavra Maculelê que embora não esteja indexada como descritor junto ao Thesaurus Bread se encontra como a principal temática que servira para subsídio científico para formulação de referencial teórico para fins de estudos mais detalhados e conclusivos.

O mapeamento foi realizado mediante busca de teses, dissertações e artigos, referentes aos anos de 2016 a 2021, que apresentassem, através do título, conteúdos relacionados ao tema proposto, sendo a prática do Maculelê o foco principal com relação aos descritores: Cultura afro-brasileira, Cultural popular (folclore). Num primeiro momento foi revisitado o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, onde primeiramente buscou-se pela palavra Maculelê, no segundo momento foi pesquisado o cruzamento dos descritores Maculelê *AND* Cultura afro-brasileira optou-se por não determinar período anual uma vez que as teses e dissertações foram encontradas em quantidade muito reduzida.

Para continuidade de cruzamentos e rastreamento foram acrescentados outros descritores a palavra central Maculelê, tendo sido estabelecidas por critérios de semelhança ou afinidades com a linha que se pretende guiar, no caso para este trabalho abordamos Maculelê *AND* Cultura afro-brasileira *AND* Cultura Popular.

Assim evidencia-se que fazer um trabalho descritivo e analítico requer uma organização de pesquisas que se relacionam com o objeto pretendido em foco e que atuem como “pano de fundo” para se identificar melhores caminhos metodológicos apontados por este objeto. Assim também autores como Ferreira (2002) e Severino (2007) contribuem com a importante colaboração indicando os Catálogos como forma de rastrear o que se objetiva estudar com a produção de teses e dissertações.

Para uma possível organização metodológica foi organizado a primeira busca através do Catálogo de Teses e dissertações da Capes com o intuito de verificar a incidência de estudos relevantes para o objeto Maculelê, podendo possibilitar a constatação de lacunas nas áreas de pesquisa e seu nível de interesse com outras áreas do conhecimento. No segundo momento foi realizada a varredura através da página dos Periódicos Capes (Quadro 1) através do objeto de estudo: Maculelê, da qual se demonstrou efetivo apesar de não se encontrar como indexador pelo Thesauros, mas vinculado como palavra-chave para este estudo.

Para a limpeza de dados foi descartado todos os artigos, que vinculasse o Maculelê apenas como ritmo, dança e música o que já exclui a dimensão minimalista do objeto ao aspecto de musicalidade e roda de samba para priorizar o seu aspecto como fenômeno cultural pertencente ao âmbito das africanidades e afrodescendência (CUNHA JÚNIOR, 2001), para isto foi realizada uma leitura preliminar dos títulos encontrados no Catálogo de teses e Dissertações da Capes e Portal de periódicos da Capes catalogando como inclusos ou excluídos a partir das suas abordagens e também organizados por anos de publicações partindo dos mais recentes em direção aos mais antigos.

Desse modo, este trabalho vem nortear aspectos a serem incluídos e excluídos deixando pistas assertivas a respeito de fundamentos para seu objeto, possibilitando rotas científicas para construção de buscas bibliográficas que objetivem operacionalizar seus estudos metodológicos na área e permita a prática da pesquisa para escrita de um trabalho qualitativo mais engajado com o rigor científico e metodológico necessário a prática do pesquisador.

Após os achados e através de uma leitura dinâmica dos documentos científicos revisitados foi realizada discussões acerca das contribuições da produção científica que envolve esta temática numa análise não só quantitativa, mas que subsidiassem as relações entre o objeto e seus aspectos condicionantes como eixos de complementação para o entendimento do objeto em destaque. Entre estes aspectos a Cultura afro-brasileira e a Cultura Popular foram os descritores que se concernem e convergem entre os estudos encontrados nesta área. Enfatizando também assim a predileção do pesquisador por aspectos correlacionados com as questões étnicos raciais e Culturais presentes por meio das manifestações afrodiáspóricas brasileiras que trazem uma perspectiva para além do aspecto meramente acadêmico, mas que se propõe a promover reflexões de enfrentamento ao racismo e a discriminação.

Esta busca teve início pelo Catálogo de Teses e Dissertações da Capes da qual primeiramente utilizou-se a palavra-chave: Maculelê, sendo encontrados nove resultados entre teses e dissertações, ao inserir o filtro por ano e assinalar o período 2016-2021 o número cai para cinco, sendo eles:

NUMERAÇÃO	REFERÊNCIAS
1	REIS, Daisy Regina de Souza. <b>Meu Maculelê</b> : sete aulas em cena e um ensaio. 2019. Mestrado em (Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
2	OLIVEIRA, Janine Neves de. <b>Os Orfeus da "aquarela"</b> : um estudo sobre a questão racial a partir do batuque afro-brasileiro de Nelson Silva. 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
3	CARVALHO, Ana Paula de Araujo Gomes. <b>"A legislação favorece?" A formação continuada dos profissionais negros de educação do Município de Nova Iguaçu com base na lei 10.639/03 de 2006 a 2010</b> . 2016. 85f. Dissertação (Mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnologia Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2016.
4	SILVA, Juliano Vieira. <b>Jogos africanos e afro-brasileiros no ensino fundamental</b> : construindo pedagogias antirracistas. 2018. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, 2018.
5	MARTINS, Paulo Maciel Cordeiro. <b>A educação física e a formação de professores</b> : pluralidades, projetos pedagógicos, sociedade brasileira e intervenção formativa democrática. 2021. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal De Goiás, 2021.

Quadro 1 – Resultados entre teses e dissertações, ao inserir o filtro por ano e assinalar o período 2016-2021. Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Para estes achados percebe-se que teses e dissertações envolvendo este tema ainda são poucas no que se refere ao lócus de pesquisa em análise, o que infere a forte necessidade de desenvolvimento de literatura acadêmica na área, principalmente na constituição de trabalhos que se proponham a centrar o objeto Maculelê como matriz afrodiaspórica presente no Cariri Cearense como cultura que se faz presente na vida e nos fazeres filosóficos dos seus participantes. Esta prática cultural tem sido abordada em teses e dissertações entre o campo dos estudos da dança como arte corpórea com seus aspectos delineados ao fazer artístico quando não articulado a área da Educação Física.

Isso confirma que a temática envolvendo o objeto ainda é muito incipiente na academia brasileira. No achado destes trabalhos científicos apenas dois trabalhos têm como objetivo centrado o Maculelê de forma a estar articulado como Cultura afro-brasileira e suas origens, sendo eles: Meu Maculelê: sete aulas em cena e um ensaio e Os orfeus da "aquarela": um estudo sobre a questão racial a partir do batuque afro-brasileiro de Nelson Silva, pois ambos em seus textos trazem o Maculelê como prática cultural articulada com suas manifestações centradas na Cultura afro-brasileira e suas variadas manifestações.

Os outros três trabalhos: "A legislação favorece?". A formação continuada dos profissionais negros de educação do Município de Nova Iguaçu com base na lei 10.639/03 de 2006 a 2010, jogos africanos e afro-brasileiros no ensino fundamental: construindo pedagogias antirracistas e a educação física e a formação de professores: pluralidades, projetos pedagógicos, sociedade brasileira e intervenção formativa democrática. Ambos abordam o Maculelê sob as perspectivas da Legislação Educacional, da perspectiva dos jogos e/ou da Ed. Física, abordagens estas que ficam distante da pretensão futura da pesquisa pretendida para proposta em questão.

Analisando os três trabalhos acima citados se percebe que o primeiro mostra o Maculelê como assunto secundário dentro da formação de professores aparecendo posteriormente após entrevistas realizadas aos professores, o segundo embora também o Maculelê surja a partir das produções de alunos como sujeitos da pesquisa, traz com ele subsídios teóricos importantes no que se concebe as africanidades e práticas afrodescendentes como os teóricos: Stuart Hall, Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva, Marisa Vorraber Costa, Shirley Steiberg, Joe Kincheloe e Viviane Camozzato podendo gerar uma interlocução teórico e fundamental ao estudo na área

no que se refere ao interculturalismo e nas discussões acerca de Culturas étnico-raciais, análise cultural e Pedagogia Cultural.

No último trabalho percebe-se que embora parta do contexto educativo e da implementação da lei 10.639\03 (BRASIL, 2003) e o ensino da história afro-brasileira no ensino fundamental destaca o Maculelê de maneira distante dentro do seu repertório analítico científico, sendo o Maculelê um objeto remanescentes e secundarista. Ainda dentro deste resultado enfatiza-se que destes cinco trabalhos todos são dissertações de mestrado em programas nas áreas de Educação, história, ciências sociais e relações Étnico-Raciais, quatro são produções de mestrado profissional e um em mestrado acadêmico. O Maculelê não aparece como tema de nenhuma tese de doutoramento no Catálogo em análise, partindo da busca através da palavra-chave Maculelê.

No segundo momento onde se cruzou Maculelê *AND* Cultura afro-brasileira optou-se por não determinar período anual uma vez que as teses e dissertações foram encontradas em quantidade muito reduzida. Para este cruzamento segue o resultado e logo abaixo o Quadro 2 para melhor detalhamento:

NUMERAÇÃO	REFERÊNCIAS
1	ALES, Jonas de Lima. <b>Corporeidades negras em cena: um processo cênico: pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade.</b> 2015. 255f. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
2	OLIVEIRA, Janine Neves de. <b>Os Orfeus da "aquarela": um estudo sobre a questão racial a partir do batuque afro-brasileiro de Nelson Silva.</b> 2016. 209f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.
3	MOURA, Raron de Barros Lima. <b>Inovação e hibridismos na obra visagens nordestinas.</b> 2015. 126f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2015.
4	CARVALHO, Ana Paula de Araujo Gomes. <b>“A legislação favorece?” A formação continuada dos profissionais negros de educação do Município de Nova Iguaçu com base na lei 10.639/03 de 2006 a 2010.</b> 2016. 85f. Dissertação (Mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnologia Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2016.
5	COSTA, Elenice Rosa. <b>As questões étnico-raciais e o ensino da cultura e história afro-brasileira e africana no contexto de escolas municipais da cidade de Viçosa/ MG.</b> 2013. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

6	MARTINS, Paulo Maciel Cordeiro. <b>A educação física e a formação de professores:</b> pluralidades, projetos pedagógicos, sociedade brasileira e intervenção formativa democrática. 2021. 114f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal De Goiás, 2021.
7	JESUS, Marcelo Siqueira. <b>Estudantes negros e práticas escolares de matriz Africana.</b> 2009. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

Quadro 2 – Cruzamento Maculelê *AND* Cultura afro-brasileira sem determinar período anual. Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ano	Número de produções	Títulos das dissertações
2009	1	Estudantes negros e práticas escolares de matriz africana'
2013	1	As questões étnico-raciais e o ensino da cultura e história afro-brasileira e africana no contexto de escolas municipais da cidade de viçosa/ mg'.
2015	2	1. Corporeidades negras em cena - um processo cênico-pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade' 2. Inovaçãoe hibridismos na obra visagens nordestinas.
2016	2	1. Os orfeus da "aquarela": um estudo sobre a questão racial a partir do batuque afro-brasileiro de nelson silva'  2. "A legislação favorece?" A formação continuada dos profissionais negros de educação do Município de Nova Iguaçu com base na lei 10.639/03 de 2006 a 2010.'
2020	-	-
2021	1	A educação física e a formação de professores: pluralidades, projetos pedagógicos, sociedade brasileira e intervenção formativa democrática.'

Quadro 3 – Teses e Dissertações encontradas a partir dos descritores Maculelê *AND* Cultura afro-brasileira. Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dando prosseguimento foi realizada a leitura desses trabalhos onde utilizando critérios de exclusão para a abordagem que se pretende buscar, pôde-se observar a acentuada lacuna existente na temática no que diz respeito às dissertações de mestrado com abordagem no Maculelê nas ciências humanas. Também se destaca que para o ano de 2020 não se encontrou nenhum trabalho com esta temática. Outro

indicativo que se constata é que o trabalho que melhor se aproxima da abordagem Cultural é a dissertação defendida em 2009 intitulada: Estudantes negros e práticas escolares de Matriz Africana. De modo que foi escrito a mais de cinco anos.

Apesar dessas conclusões antecipatórias constata-se a necessidade de estudos acadêmicos que envolvam os grupos de Cultura do Maculelê e seus aspectos sociopolíticos e educacionais. Esses trabalhos são constituintes de fundamental importância no campo do saber educacional e pedagógico das Culturas afrodescendentes. Percebe-se assim uma lacuna no campo epistêmico envolvendo referenciais de trabalhos recentes e autores negros possibilitando assim à motivação necessária a pesquisa como uma tentativa de ruptura com a visão eurocêntrica e colonialista ainda presente nos nossos dias no campo científico e acadêmico.

Ao acrescentarmos o descritor Folclore como agregador e área sinônima de Cultura Popular não encontramos nenhum resultado, ao realizarmos a troca por Cultura Popular buscando Maculelê *AND* Cultura afro-brasileira *AND* Cultura Popular encontra-se a Tese de doutorado intitulada já mencionada no Quadro 1: Corporeidades negras em cena - um processo cênico-pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade. Neste trabalho de doutoramento Sales (2015) apresenta um estudo de caso sobre as matrizes negras presentes nas danças tradicionais brasileiras e suas influências na formação do artista cênico. O autor traz uma proposta pedagógica cênica para o diálogo entre as expressividades do corpo e artísticas com raízes negras presentes no passado e no presente da sociedade brasileira. Ainda contribui para o tema corpo negritude, danças de maracatu e Maculelê e percebe o panorama científico dentro do Curso de Artes Visuais.

Percebe-se claramente a ligação dos descritores cruzados com as questões dos negros e suas tradições no que se referente às artes e aos processos artísticos vinculados ao corpo mostrando que este processo dialoga com a vida, as tradições e a sociedade contemporânea fazendo um convite reflexivo sobre o Corpo Negro e suas dimensões sociopolíticas. A tese encontrada é de 2015 defendida na universidade de Brasília no programa de Doutorado em Artes, ela traz como palavras-chave: Corporeidade, Tradições afro-brasileiras, Negritude, Artista cênico, Pedagogia do teatro. Ainda assim vem o autor favorecer a contribuição na organização de metodologias para contribuir com a prática cênica de alunos do curso de Artes, ficando

assim restrito no que diz respeito a definir e abordar aspectos mais detalhistas da prática do Maculelê.

Percebe-se até aqui que os achados em torno destes descritores se constituem de trabalhos restritos a determinadas áreas como Artes e dança e que o tema Maculelê carece de aspectos mais detalhistas e determinados dentro dos seus rituais e simbologias, além de se demonstrar referencial para um território específico do Cariri Cearense com peculiaridades diferenciadas e construídas a partir de um local geográfico cultural no caso os terreiros caririenses como símbolos do seu lugar de pertencimento, onde eles coabitam e coexistem na cultura secular.

Quando realizado o cruzamento dos descritores acima com a etnoeducação, descritor que estava anteriormente dentro da proposta desse trabalho não encontramos resultados o que pode ser um indicativo de um descritor não relacionado em estudos com o Maculelê, apontando assim para a exclusão dele. Para isto será necessário ser avaliado por aspectos de aderência científica decidida por mais aprofundamento e análises em conjunto com o orientador da pesquisa.

Com o intuito de melhor mapear o objeto de estudo e fornecer fundamentos para o desenvolvimento de pesquisas futuras a segunda etapa foi buscar Artigos científicos no **Portal de Periódicos da Capes** para obtenção de material recente que subsidie o estudo, incluindo-se periódicos entre os anos de 2017 e 2019. Neste sentido foram achados nove periódicos para a palavra Maculelê onde desses, sete são revisados por pares. Dois deles tem como autor Obertal Xavier Ribeiro. Para estes achados foram incluídos todos os periódicos revisados por pares e excluídos os artigos de jornal achados uma vez que são em pequeno número. Para estes achados segue Quadro 4 abaixo:



AUTORIA	EDIÇÃO ANO	TIPO DE MATERIAL	TÍTULO	ÁREA	MACULELÊ COMO MATRIZ AFRODIASPORICA
Janine Alessandra Perini	2019	Artigo	Cultura Afro-Brasileira: Capoeira	Artes visuais	Sim, inclusive traz nas referências autores negros e africanos como: MUNANGA, Kabengele, Mestre Pastinha que se encontra como referência sobre Capoeira além de Muniz Sodré.
Oberdal Xavier Ribeiro	2017	Artigo	Black pastoral Agents and the bible in the afro contexto: A hermeneutic of yearsof enlightenment.	Teologia	Sim, por se tratar de um estudo com abordagem hermenêutica com agentes de pastorais negros e suas práticas.
Maurício Sousa Matos, Ana Mary Costa Bispo, Elane Andrade Correia Lima.	2017	Artigo	Educação Antirracista e a Lei 10.639/03: uma proposta de implementação a partir de uma pedagogia antirracista.	Ciências sociais e políticas antirracistas.	Sim
Vinícius Oliveira Pereira	2019	Artigo	A capoeira e a escola: um olhar etnográfico.	Educação, cultura e comunicação.	Sim, devido à contextualização da capoeira no universo escolar.
Obertal Xavier Ribeiro	2017	Artigo	Agentes de pastoral negros e a Bíblia no contexto afro: uma hermenêutica	Teologia	Não

			a de anos de encanto.		
Analia de Jesus Moreira, Maria cecília de Paula Silva.	2018	Artigo	Possibilidades didático-metodológicas para o trato com a Lei 10.639/2003 no ensino da Educação Física: A importância da Educação étnico-racial.	Educação Física	Não
Merle L. Bowen	2017	Artigo	Who owns Paradise? Afro-brazilians and éthinictourism in Brazil's quilombos.	Estudos Afro-Americanos	Sim

Quadro 4 – Periódicos revisados por pares sobre Maculelê anos 2017-2019.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com intuito de mapear os artigos mais recentes com a palavra-chave Maculelê optou-se por refinamento os periódicos publicados entre os anos de 2017 a 2019, alguns artigos não se estabeleceram dentro da temática Maculelê de forma direta, mas conseguem colaborar para este trabalho através de uma varredura por meio das leituras dos seus resumos e principais pontos de raciocínio. Para a análise dessa amostragem investigativa foi realizada a leitura dos periódicos revisados por pares citados no quadro 2. Para este levantamento não utilizamos nenhum critério de exclusão, pois os achados já estão em um número muito reduzido para o que se pretende estudar. De fato este tema passa a ser um foco desafiador para as pesquisas no campo da Cultura afro-brasileira e suas manifestações culturais, aqui se tratado do Maculelê especificamente.

Diante da leitura dos artigos constata-se que nos artigos relacionados ao Maculelê estão referenciadas a capoeira, a lei 10.639/2003 e a educação étnico-racial.

Além destas temáticas percebe-se que ele não se encontra desarticulado da luta antirracista e dos contextos de negritude.

A pesquisa através do Banco de Periódicos da Capes mostrou que embora os estudos nesta área sejam em número resumido, eles se encontram envolvidos nos contextos educacionais e nas pesquisas relacionadas à corporeidade, a arte e a Educação física por se tratar do movimento corpóreo que se estabelece como performance cultural, além de permitir uma definição mais abrangente de “performance” no campo artístico.

No Portal de Periódicos da Capes foi utilizada somente a palavra Maculelê, o que não deixa de servir como âncora para coletar manuscritos pertinentes à pesquisa, apesar de não se encontrar como descritor, a palavra Maculelê é o tema central do estudo proposto e por isso se insere como elemento central que delimita o que se pretende estudar. Neste caso ela foi pesquisada sem associações com outros descritores, diferente do rastreamento realizado anteriormente através do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Ainda assim será necessário que a temática Maculelê em foco se estabeleça nos futuros trabalhos científicos como artefato africano peculiar dentro dos terreiros caririenses e que se contextualizam como grupos de culturas capazes de produção de conhecimento artístico e cognitivo, capazes de produzir ações de resistência e de retomada de seus espaços geográficos. Para ganhar força e ações afirmativas se torna relevante que essa temática se faça melhor representada nos campos epistêmicos e sejam visibilizadas dentro das universidades e dos órgãos institucionalizados.

Por meio desta pequena amostra evidencia-se que as teses e dissertações defendidas nesta temática ainda são em número e em conteúdo voltadas ao campo da arte e do folclorismo e que em alguns anos atuais não tivemos expressivas produções que discutam os atores culturais dos grupos de cultura no interior do nordeste brasileiro. Constituindo-se dessa forma de uma temática que corrobora com a luta antirracista e anticolonialista estabelecida também através do campo do saber.

Espera-se que através deste pequeno scopo investigativo outras pesquisas possam emergir de forma a contribuir com a diminuição da estigmatização dos grupos de cultura e da mera folclorização da cultura afrodescendente e que de fato desperte

os novos pesquisadores a realizar projetos pedagógicos e produtos educacionais científicos mais colaborativos, possuidores de engajamento político junto a estas comunidades periféricas.

### 2.3 Definições da prática do maculelê no contexto macrorregional

Ô sinhô dono da casa  
Nós viemos aqui lhe vê  
Viemos lhe pergunta  
Como passa vosmicê.  
( Saudação de chegada, mestre Popó)

Neste lócus investigativo o Maculelê aparece como uma dança afrodescendente que se apresenta em diversos espaços tendo como principal espaço de apresentação os festejos da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio<sup>7</sup> se constituindo cenário central para apresentações dos grupos folclóricos como assim são chamados e conhecidos desde a criação do desfile que é realizado na abertura da festa religiosa alusiva ao padroeiro de Barbalha-Ce. Este desfile foi organizado como demanda de uma proposta pedagógica da secretaria de educação do município, a partir dos alunos que ao serem inseridos em contextos sociais pela prática da Educação de Jovens e adultos no município sentem a necessidade de gincanas culturais onde surge a representação dos grupos culturais. Desta maneira como aponta Gino (2020) sobre o início deste desfile que se insere no contexto escolar e ganha maiores proporções ao serem inseridos os grupos de Mestres de culturas agrárias com o objetivo de celebrar o Padroeiro da cidade de Barbalha: Santo Antônio.

De performance vibrante e forte, crianças e jovens se sentem transportados ao se depararem com a apresentação da dança do Maculelê. Suas músicas permeiam o imaginário da memória histórica de um povo que se reconhece e sente que ali está a sua identidade e memória ancestral. Por isso o Maculelê se constitui como uma dança de luta, de rememoração dos ancestrais de África e nos remete às raízes e espiritualidade herdadas pela diáspora.

---

<sup>7</sup> Festa referente ao padroeiro Santo Antônio de Barbalha-Ce município parte da Macrorregião do Cariri. Conhecido como Terra dos Verdes Canaviais localizado ao Sul do Ceará. Sendo desenvolvido sob a tradição da Festa de Santo Antônio que abre os festejos juninos do Nordeste.

Os grupos de Maculelê no município de Barbalha localizado no Sul do Ceará são representantes da denominada “Diáspora”, pois se constituem de grupo praticante de danças originárias da interculturalidade do negro de África e dos índios, na qual é possível visualizar a vivência de dois grupos étnicos com características distintas e próprias, ao mesmo tempo trazendo em comum à contextualização de suas histórias que foram vivenciadas no enfrentamento a discriminação, a subalternização e a opressão marcados na sua história. Entre eles encontramos um objetivo comum: a resistência e a luta por libertação dos padrões de poder-saber colonizador inseridos ainda hoje na sociedade moderna.

Um dos brincantes colabora com esta pesquisa ao ser impelida pela pergunta sobre como ela define o Maculelê hoje a sua prática no Terreiro Arte e Tradição onde afirma:

Contextualizando para minha vida na verdade porque nas apresentações normalmente eu sou o guerreiro que defende a tribo e que vence o Maculelê ai contextualizando para minha questão particular é como se fosse minhas dificuldades sabe que aquela tribo fosse a minha vida, fosse meus momentos, minhas vivências, e essas dificuldades que vem e fora, que vem atacar, que vem tentar derrubar o que eu construí e naquele momento é como se eu encarnasse aquele guerreiro como se eu tivesse lutando contra todos os males que vem para tentar destruir o que eu construí né [...].

Nesta fala do integrante é percebida a simbologia e processo semiótico que se contextualiza na vida desses atores que ao se deparar sobre as dificuldades que se encontram não só no campo do trabalho, mas nos vários contextos sociais as pessoas originárias de classes sociais mais pobres sentem muitos obstáculos e assim entendem que muitas vezes suas práticas agrárias recebem um estereótipo e estigma que os obriga muitas vezes a galgar uma luta desmedida em prol de seu espaço e da sua identidade.

Neste sentido o guerreiro que vence nesta cena da prática do Maculelê vence a cada apresentação e desempenha um papel fundamental de motivação junto aos atores que assim o fazem. Para isso é necessário que estabeleçam a consciência desta simbologia e adquiram o autoconhecimento de si e da sua história. Este saber ou conhecimento psicoemocional encontra-se imerso e coerente a esta prática cultural. Este saber é capaz de atender desde a criança menor até o adulto que se forma no terreiro e que se constitui a partir da filosofia dos seus mestres e que perpassa o ser brincante em todas as etapas desse itinerário formativo.

O Maculelê como afirma Borba e Hirsch (2014) citando Leopoldino e Chagas (2012) define que esta prática é um folguedo disseminado a partir da região de Santo Amaro da Purificação na Bahia, porém não se sabe ao certo sua origem, sendo que a lenda é passada através da tradição oral e ancestralmente de geração em geração. Basicamente é uma dança percussiva com bastões, que simula e retrata a batalha entre tribos. Os autores acima ainda afirmam citando Milani (2006) que a prática é de origem afro-indígena onde atualmente é vista como extensão da capoeira, por ter sido disseminado pelo Brasil e pelo mundo juntamente com a Capoeira, ligação esta existente pela origem, porém é considerada errônea a colocação “estilo de Capoeira”.

Neste sentido este estudo dialoga com a concepção de um Maculelê lendário, perpassado e construído sob a tradição oral, mas com peculiaridades próprias. Diferentemente da capoeira, mas com características afins e identitárias criando um braço fundante no interior dos movimentos dos grupos de Capoeira. O movimento de criação dessa manifestação cultural rememora os negros de África recebendo novos marcadores de africanidades para caracterizar suas performances. Assim estão presentes elementos performáticos como: música, improvisação, percussão, canto dando destaque para o ritmo dado pelos tambores que serve de base para essa prática.

Para concepção de uma definição sobre a Manifestação do Maculelê é fundante para esta compreensão as contribuições da Teoria Interpretativa da Cultura, pois assim será possível se constatar que a prática irá ser performada por cada comunidade e por cada grupo de Capoeira na medida em que os grupos sociais de cultura local se encontram com a lenda histórica e que se sentem impelidos pelas suas necessidades e motivações. Ao menor levantamento entre trabalhos sobre a prática vê-se que a depender da região brasileira são inseridos sentidos e interpretações que regem seus interlocutores e líderes. Desta maneira sobre a prática em Manaus Ferreira (2018) contribui:

Nós podemos afirmar que a definição dessa manifestação artística da Cultura Popular é uma tarefa complexa pelo seu caráter múltiplo. O Maculelê é um jogo popular que, geralmente, é classificado como dança dramática. Pois congrega organicamente elementos presentes nas Artes Cênicas, Teatro e Dança e, inclusive nas demais linguagens artísticas. A representatividade do jogo aborda sobre um combate guerreiro desenvolvido por grimas (bastões de madeira), sendo jogado por uma dupla de jogadores (as) que ficam no centro de uma roda composta por instrumentos e demais jogadores (as). Os seus elementos são muito similares a outras manifestações artísticas afro-

indígenas, como: a capoeira, o samba de roda, a gira da umbanda entre outros (FERREIRA, 2018).

Embora neste trabalho o autor apresente a visão de um determinado povo e realidade do estado do Amazonas, o Maculelê recebe um caráter de jogo o que nos permite perceber o caráter semiótico da interpretação da manifestação cultural pelos estados brasileiros onde os grupos se constituem como produtores de saberes que adicionam olhares e interpretações sobre suas lendas e suas histórias. Além de trazerem novos elementos para rememorarem suas práticas a fim de reviverem suas raízes e seus costumes os seus membros costumam confeccionar seus próprios figurinos e adicionar passos coreografados dentro da sua criatividade.

Para a efetivação desta pesquisa específica no Terreiro Arte e Tradição na Região do Cariri serão delineados os caracteres e interpretações das percepções dos participantes do Maculelê da cidade de Barbalha-Ce. Os brincantes que se dispõem a vivenciar a constituição da Manifestação cultural realiza uma interpretação com seus sentidos e vivências próprias que são somadas aos marcadores apresentados pelos seus líderes. Como afirma esta brincante logo em seguida da sua apresentação junto ao grupo Arte e Tradição quando foi solicitado para que definisse como se sente antes, durante e após sua performance:

Eu estou no Maculelê a um mês, estou retornando agora após meu período de gravidez e já fazia parte do grupo pois meu esposo é sobrinho do Mestre Gil e já fazia a entrada sendo o guerreiro que entra na roda e é muito forte quando ele vive esse guerreiro, e assim uma coisa que eu senti de fazer no universo das apresentações era sempre me deixar conectar porque o Maculelê é uma manifestação ancestral que a gente traz a força ancestral a terra e evoca a força dos guerreiros, pra que a gente possa tá ali representando tudo isso. Então eu procuro me concentrar, faço uma breve oração, peço licença aos guerreiros, né, porque eu tenho esta crença, eu acredito nisso que devo pedir licença aos guerreiros do Maculelê e ai eu peço licença e ai eu respiro fundo e penso: eu sou a guerreira. Neste momento eu sou uma guerreira, e ai eu entro como uma guerreira eu já deixo de ser ... ( diz seu nome ) e já entro como a guerreira. Tanto é que saiu figo das duas mão e eu nem senti, porque eu internalizo mesmo e ai no momento a gente sente aquela energia, que a gente sente aquele axé, e deixa aquele axé passar pela gente. E assim é um momento que realmente a gente tá ali como guerreiro. E é isso o sentimento durante a apresentação eu acho que isto que resume no SENTIR . (Entrevista cedida à pesquisadora em 26/11/22).

Para fundamentar esta vivencia acima descrita baseada neste guerreiro que os brincantes se identificam e incorporam é possível ligar estas experiências a fundamentação teórica que o Maculelê se concebe a partir da contação da lenda sobre um negro que apoiado por uma tribo indígena busca defendê-la diante de um ataque

do inimigo tornando-se esse guerreiro que traz em sua constituição elementos afroindígenas. Desta maneira define Ferreira (2018):

Essa dança dramática é característica de parte do nordeste brasileiro, na região do recôncavo baiano mais especificamente no município de Santo Amaro da Purificação - BA. Em Santo Amaro é bastante jogado no dia 2 de fevereiro, data da procissão de Nossa Senhora da Purificação. É nessa localidade onde surgiram os (as) principais difusores da arte de dançar guerreando com grimas, dentre eles (as) estão: o Mestre Popó, a pesquisadora Maria Mutti e os grupos de Maculelê. Transmitida por meio da oralidade, característica dos povos tradicionais afro-ameríndios no contexto brasileiro, que se articula com a ancestralidade, a lenda do Maculelê nos apresenta um possível diálogo intercultural. É no lendário que se identificam os elementos da perspectiva afro-ameríndia (FERREIRA, 2018, p. 33).

Jogo ou dança percebe-se que a prática do Maculelê percorre uma trajetória de intercruzamentos onde é regida pela rememoração do negro que saem em defesa dos seus irmãos. Esta dança traz no seu ritual à oportunidade de tornar festiva a memória de África onde os negros se constituem como libertos da escravização perpassando o tempo e chegando a um presente que revisita o passado e seus antepassados. Leopoldino e Chagas (2012) ainda afirmam que o mote central do Maculelê é a luta de um povo que desejava liberdade, através de danças com bastões e ritmos que lhes são peculiares, levando o brincante a momentos de fantasia e recordação de experiências vividas pelos nossos antepassados, conservados na memória daquele que luta para que seus ancestrais não sejam esquecidos.

Neste resgate histórico entende-se que sendo o Maculelê uma cultura tradicional de Santo Amaro da Purificação - BA que remota do período colonial e que representa um recorte no tempo histórico que demonstra como os nossos colonizadores chegaram através das capitânicas de Bahia e Pernambuco. Neste sentido é o que aponta Bezerra e Souza sobre este fato:

A conquista do cariri pelos colonizadores luso-brasileiros remonta ao século XVIII, com a doação de sesmarias que permitiu a chegada dos primeiros conquistadores, vindos de Pernambuco, Bahia e Sergipe para ocupar as terras mediante a expansão da pecuária. [...] Nesse sentido, a convivência de índios e colonizadores vindos de Pernambuco, Sergipe e Bahia, impregnados de elementos culturais ibéricos, possibilitou a formação de um caldeirão cultural no cariri, gerando uma multiplicidade de manifestações evidenciadas nas celebrações, nos ofícios, saberes e fazeres do povo da região (ALEXANDRE; BEZERRA; SOUZA, 2013, p. 2-3).

Pinto Junior (2016) aponta que Tshombe Miles descreve a história de um legado cultural e dos fortes laços entre as pessoas de descendência africana com os grupos indígenas e como a população escravizada era etnicamente muito similar à



população livre, numa identidade comum, cosmologia o qual denomina “consciência crioula”. Neste sentido afirma:

Uma das formas de resistência existentes no cariri era a praticada pelos trabalhadores escravizados. Kátia Mattoso explica que o “ser escravo” não era ser inteiramente devotados a obedecer à humilde e fielmente aos senhores onipotentes. Havia um “jeito”, uma astúcia, arte, destreza e habilidades para sobreviver (PINTO JÚNIOR, 2016, p. 36).

Destarte para este trabalho aplica-se o entendimento da prática do Maculelê como um “jeito” de celebrar a ascensão do dominado sobre o dominador, onde se perpetua a lembrança sobre o celebrar seus antepassados os quais deixaram o legado de resistência. Resistir a não se extinguir e a lutar por seus direitos de manifestação dentro da sociedade moderna. Este grupo cultural do Terreiro Arte e Tradição se desafia a resistir à falta de oportunidade, à negação desvelada no cotidiano da cidade e insistem na luta de forma a conquistarem políticas públicas de incentivo a salvaguarda do patrimônio cultural para que a sua história não desapareça. Na definição de Mesquita e Medeiros (2019) temos:

De origem pouco esclarecida, o Maculelê é definido no Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo<sup>7</sup>, como uma dança de negros que entrecrocavam bastões enquanto cantavam e dançavam, apresentada usualmente em Salvador e Santo Amaro da Purificação - Bahia, como parte da celebração da festa de Nossa Senhora da Conceição. Provavelmente teve sua origem em meio aos canaviais e colheitas da Cana-de-acúcar, remanescente de um jogo de bastões dos antigos Cucumbis. Acredita-se que os escravos africanos que lá trabalhavam, com saudades de sua pátria, dançavam suas danças nativas, que ali em outro contexto, começou a ter incorporados outros elementos culturais. Onde antes se dançava por celebração ou adoração aos seus deuses, no Brasil, passou a ser uma dança-luta de lamentação pelo cativo e aspiração pela liberdade (MESQUITA; MEDEIROS, 2019, p. 208).

Interessante que estudos desenvolvidos por Manuel Querino (1851-1928)<sup>8</sup> indicam que o Maculelê poderia ser um fragmento do “Cucumbi” o que coaduna com a ideia de uma apresentação de celebração de negros rica pelos elementos culturais e simbólicos presentes na sua prática e que se constitui a partir do período colonial como uma celebração de negros sustentada por seus rituais.

É importante ressaltar que o cucumbi é ressignificado nos carnavais do estado do Rio de Janeiro como uma apresentação memorialista, folclorista sobre os cucumbis,mas mesmo assim é denominado de cucumbi carnavalesco porque difere do cucumbi colonial (Brasil, 2014), ainda há algumas versões a serem esclarecidas,

---

<sup>8</sup> Segundo Manuel Querino, em seu livro A Bahia de outrora (1946), “O Cucumbi não passava de uma recordação das festas africanas, é certo” (Eric Brasil, Afro-Ásia, 49 (2014), 273-312 287).

mas que ao se ler a descrição da celebração do cucumbi é perceptível similaridades estruturantes entre os seus elementos e os elementos do Maculelê. Como destaca abaixo Brasil (2014):

Segundo Manuel Querino, em seu livro A Bahia de outrora, “O Cucumbi não passava de uma recordação das festas africanas, é certo”. 25 Os instrumentos eram similares aos descritos por Luís Edmundo e Mello Moraes Filho; o grupo compunha-se de indivíduos armados de arcos e flechas, “capacete, braços, pernas e cinturas enfeitados de penas, saiote e camisa encarnados, corais, misangas e dentes de animais no pescoço, à feição indígena; [...] Outras semelhanças podem ser encontradas entre o Cucumbi encontrado por Querino e os descritos por Mello Moraes. No enredo a festança transcorre normalmente, com instrumentos tocando e as grimas (pedaços de madeira) sendo batidas uma nas outras [...] (BRASIL, 2014, p.287-288).

As considerações assim se destacam por inferir neste campo investigativo elementos importantes para uma análise histórica contundente com os períodos históricos. Desta forma também infere que as grimas ou paus se dão como um componente decisivo junto aos festejos de negros. Manuel Querino é um autor negro que se constitui referência por se tratar de um personagem afrodescendente que vivenciou na sua trajetória as várias manifestações culturais nacionais e acompanhou suas transcrições e intercruzamento. Nisso ele traz uma contribuição basilar para a densa definição do Maculelê.

Assim as práticas mencionadas há anos por autores que estudaram essas manifestações coadunam para um conceito que merece ser discutido, o conceito de tempo espiralar quando a autora explicita que o corpo negro dentro do transe performático consegue estabelecer entre os tempos e espaços relações socioemocionais com a história de forma a transcriar seus sentimentos e transcender em suas próprias crenças, além de organizar a percepção de si, da sua ancestralidade negra e do mundo. Sobre este tempo espiralar infere Martins (2021a):

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológicas e cosmológicas que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (MARTINS, 2021a, p. 23).

Estas imagens que se refletem nos grupos de Cultura do Maculelê se expressam com sua força vital nos transmitindo tempo e memórias ancestrais que se reverberam como um reconhecimento de pertencimento e afirmação que não se

explica aos formatos racionais, mas delimitam uma ancestralidade que inspiram a África e todo o processo de prospectiva e retrospectiva em meio à rememoração dos nossos ascendentes negros. Ao relatarem sobre o que significa o Maculelê os membros do grupo revelam sempre a palavra “ancestral”, que se repete nas falas e demonstram se sentirem acolhidos no Terreiro Arte e Tradição como uma única família que se encontram na ancestralidade independente de possuírem parentescos familiares sanguíneos, assim destacam:

Pra mim o maculelê tem uma forte energia que veio dos nossos ancestrais, por isso que sempre que a gente vai, ou fazer dá aquele arrupei na gente, porque é uma coisa que os antepassados da gente faziam [...].

No futuro eu quero continuar, ir para outro país porque tem vários Mestres aqui do cariri que saem para outro país, para outro lugar pra inserir a cultura, a capoeira para outras pessoas e uma palavra assim que contagia muito assim o maculelê é a energia que é muito forte, pode ser qualquer pessoa, mas sempre na apresentação a gente sempre vai se arrupiar com as cantigas e com as músicas.

Assim é uma sensação muito boa, se agente for falar em palavras a gente não sabe expressar a emoção, porque é uma experiência única e vivida que a gente tem, cada apresentação tem sua energia diferente e a daqui dessa apresentação foi uma energia muito forte, uma energia muito positiva que fez com que a gente aprendesse e levasse coisas novas [...].

Na última fala registrada é percebida como os processos de subjetivação ocorrem na experiência de apresentação da prática cultural sendo inseridos aos processos de aprendizagem elementos embasados na prática experimental que é única e que não se repete. A cada apresentação singular os saberes da experiência se fazem presentes e conscientes trazendo aprendizagens cognitivamente profícuas do ponto de vista metodológico, pois esta associado ao prazer e a sensação de pertencimento do sujeito homem que se humaniza e é humanizado por sua prática performática.

Assim para que essa aprendizagem ocorra existem fatores que irão interagir aos processos, pois o homem interpreta o mundo e seus elementos a partir das suas concepções e cosmovisões interagindo socialmente com seu grupo de forma que interpreta o mundo e é também constituído por ele. Neste sentido esta investigação se alinha às contribuições da teoria Geetziana em que o antropólogo Clifford Geertz apresenta um pensamento pós-moderno, multicultural e colabora com a Antropologia Cultura ampliando os estudos etnográficos de grandes cientistas da sua época. Dentro desta perspectiva a “Cultura” passa a fugir do conceito de inatismo referendando um novo caminho para o século XXI. O mesmo esclarece novos passos para a

Antropologia, superando a ideia de Cultura estigmatizada, rompendo com a lógica do conceito tradicional de Cultura.

As contribuições de Geertz para este trabalho coerentemente se contrapõe a Hegel e discorda da “Cultura” como estrutura rígida que molda os homens como uma forma de bolo, como seres pensados numa estrutura super orgânica que possuem atos advindos como mero comportamento adquirido, GEETZ (2008) afirma que os conceitos não são rígidos, mas se desenvolvem e modificam-se no tempo e no espaço. E em si tratando da cultura não é diferente, este antropólogo da segunda metade do século XX e suas ideias coadunam com a possibilidade de compreender este objeto de pesquisa como uma prática que se molda ao espaço e ao tempo rememorando seus ritos e seus costumes. Trazendo a Cultura afro-brasileira uma nuance de perpetuação e ancestralidade que adquire novos formatos e adereços sempre orientada pela tradição dos antigos e da história do seu povo.

Este teórico estabelece que os estudos de etnografia devam favorecer os recursos simbólicos por meio dos quais como pessoas, atores, os homens com suas formas de vida encontram nos recursos da vida social significado e recebem sentidos. Afirmando Geertz (2008) que:

No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilidades provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma intelegível - isto é, descritos com densidade (GEETZ, 2008, p. 10).

Corroborando assim nos seus estudos etnográficos uniu a antropologia com a psicologia para elucidar a sociologia pretendendo entender a religião e formular o conceito de “Cultura”. Esta compreensão na qual traz a “palavra” através da oralidade vai permear todo o percurso epistêmico que envolve esta investigação em se tratando da Cultura Afro-brasileira e do seu cenário de contextualização junto à sociedade brasileira o que será é fundante e presente ao longo de todo esse trabalho. Desta maneira o objeto em estudo é visto como parte desta Cultura de África e que se constitui dentro do universo dos terreiros de cunho afrodescendentes fundados no interior da região nordeste carregados de recursos simbólicos portadores de significados e doadores de sentidos. Ainda neste contexto e colaborando com os estudos acima, Mesquita e Medeiros (2019) contribuem definindo a prática do Maculelê:

Essas expressões culturais como o Maculelê são, portanto, parte da construção cultural de um povo, que as criou e atribuiu significações simbólicas aos seus elementos, perpetuando mensagens e saberes que constituem o fundamento da vida em sociedade, passando de geração para geração". Desse modo continuamos apontando Zumthor vivemos em um mundo de símbolos que foi criado culturalmente pela necessidade do homem de atribuir significado e sentido às coisas e às suas criações, e é por meio dos elementos simbólicos que podemos identificar a que cultura pertence determinada expressão, e também é através deles que as tradições culturais são transmitidas e atualizadas (MESQUITA; MEDEIROS, 2019, p. 208).

Como proposta para delinear as simbologias do Maculelê o trabalho da Antropologia Cultural estabelece uma conexão teórica que amplia a conceitualização de Cultura como um conceito que não se limita aos costumes e nem aos processos biológicos de um grupo, mas modula-se por meio dos seus signos e estabelece uma relação com os símbolos, pois por meio deles é que os indivíduos se reconhecem cidadãos, índios, negros etc. e estes signos aparecem cheios de sentidos e complexidade. Para reforçar as contribuições de Geertz (2008) o mesmo aborda que as investigações experienciadas convivendo com vários grupos étnicos o fez compreender que eram maneiras específicas de estar no mundo e que este estar no mundo não amarra os homens numa cultura única, mas que os homens tecem estas teias de significado, imbricados em outros mundos e com significados complexos, difíceis de serem estudados de forma racional.

Para a teoria Geertziana sobre a interpretação da ciência apurada ainda há um grande espaço entre relativismos e antirrelativismos para os estudos da cultura, mas a antropologia oferece caminhos etnográficos que se sobrepõem as análises fixas e as constatações que exprimem nossos parâmetros ideológicos, que defende uma ciência que permite o estudo das culturas como a ostentação por trás das aparências, a mente aberta a todas as culturas e as suas investigações não são um único investimento, mas uma miríade desordenada de esforços.

Para elucidar a contribuição do conceito de Cultura junto a Teoria Interpretativa da Cultura Geertz (2008) aponta:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEETZ, 2008, p. 4).

Daí a importância desta teoria para esta pesquisa, pois rompendo com a visão inatista afirma que para as ciências sociais o operacionismo como dogma metodológico nunca fez muito sentido, pois uma vez que para se conceber a ciência deve-se olhar para o que os praticantes da ciência fazem e não para as suas teorias. Nesta abordagem o antropólogo alemão questiona os métodos rígidos que não levam em conta a interpretação da vida humana e seus significados e faz uma relevante crítica ao behaviorismo de Skinner.

Com todas estas indagações a Antropologia Cultural expande o conceito de Cultura abrindo os campos das ciências sociais e incidindo questionamentos que perpassam e se alinham com o conceito que irá delinear esta proposta de pesquisa. Sobre o contexto dos grupos de Cultura do Maculelê como cultura afro-brasileira e performada a partir da capoeira e dos seus desdobramentos a investigação se fundamenta no conceito da antropologia para identificar seus marcadores de africanidades e suas características.

As comunidades agrárias que trazem suas práticas culturais nas raízes da Cultura Negra são marcadas pela presença de marcadores comuns a estes grupos como é o caso da capoeira e neste sentido se constitui parte do Patrimônio Cultural Brasileiro. Ao pesquisar esta temática é possível dialogar com outros trabalhos regionais de autores como Domingos (2015) e Cunha Júnior (2018) delineando elementos históricos e identitários da cultura afro-caririense no qual apontam para a necessidade de um olhar reflexivo sobre os estudos que abordam a transmissão de ensinamentos oriundos de remanescentes e de comunidades afirmativas de resistência.

De acordo com os estudos de Cunha Júnior (2010) constituiu-se uma teoria metodológica da afrodescendência que norteou todo o percurso científico desta investigação na qual se concebe de uma abordagem em que o pesquisador compreende seus costumes e raízes não se distanciando da sua ancestralidade e do seu local de pertencimento. O autor acima afirma que este pesquisador se reconhece se percebendo e se refaz enquanto cidadão participante daquele território. Esta mesma teoria ainda contribui que a pesquisa por meio da palavra que atuará como fio condutor da história se rememora ao discutir e registrar os temas que envolvem a temática afro-brasileira através da metodologia central da oralidade.

Nesta perspectiva estudos recentes apontam que as culturas afrodescendentes se encontram cada vez mais conscientes sobre sua história e que as pesquisas nesta área se destacam pela evidência de que os povos africanos estão cada vez insurgentes nas camadas da sociedade e se refazem nas suas formas de pensar e sentir, nos seus modos de ser e estar garantindo seu espaço e assumindo sua origem e ancestralidade. Assim, a prática do Maculelê como parte dessa variedade de manifestações culturais se expressa com seu singularismo diante da diversidade proporcionada pelo multiculturalismo visto em todo âmbito do Brasil. Para conseguirmos visualizar esta dimensão contribuindo a definição da origem do Maculelê Pinto Júnior (2016) afirma:

Conforme dissemos há pouco, o território brasileiro era marcado pelo multiculturalismo, ou seja, havia em solo brasileiro a confluência de diversas culturas. Assim, não obstante haver uma coerção para que a cultura do colonizador predominasse e suplantasse as demais expressões culturais, o que se verificou foi uma relação dialógica entre as diferentes culturas, sobretudo entre as culturas marginalizadas, muito embora a cultura hegemônica também tenha sofrido alteração (PINTO JÚNIOR, 2016, p. 13).

Desta maneira a prática do Maculelê como cultura folclorizada também sofreu adicionais, contextos urbanos e espetacularizações. Com isso as práticas periféricas coadunam para que os grupos se reestruturem e se atualizem inferindo alterações nas suas apresentações e danças. Apesar das transformações ocorridas no processo de arranjos artísticos os grupos perpetuam as origens e se percebem enquanto movimento social. Atualmente sabe-se que em Barbalha-Ce município lócus desta pesquisa existem quatro grupos de Maculelê e brincantes catalogados pela secretaria de cultura do município. Uma das grandes salvaguardista da cultura em Barbalha Celene Queiroz (relato informal à autora em 2018), afirma que a participação destes grupos se restringe ao Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio e que a falta de recurso e infraestrutura por intermédio dos órgãos públicos desmotiva as futuras gerações para a manutenção da prática cultural. Ao falarem sobre as dificuldades encontradas os participantes trazem elementos constitutivos dos enfrentamentos travados dentro e fora do terreiro, como destacam:

Primeiramente em relação às dificuldades eu acredito que é justamente a valorização né, porque eu vejo muito, é chamar a apresentação do maculelê quem já é do meio, da capoeira do maculelê, e coisa que poderia ser mais abrangente eventos com a valorização da culturada região poderiam tá convidando mais a gente e também essa contra partida do transporte é na maioria das vezes o pessoal que chama disponibilizam só que muitas vezes não disponibilizam, aí fica aquela questão eita nós vamos chamar quem, como é que vai ser, por conta que nós não temos transporte próprio que caiba todo mundo.

É percebida junto à fala dos participantes entrevistados que embora a infraestrutura para a manutenção das apresentações sejam precárias eles encontram motivos e muita energia para manter suas performances ativas, sejam através de redes de amigos que se ajudam, sejam através dos seus próprios membros, mas sempre destacando aqui a empática relação com a Tia Corrinha, esposa do Mestre Chico como eles chamam a Mestra Socorro ou com a maestria do mestre Chico Ceará que está sempre à frente do grupo promovendo a manutenção e a automotivação de cada um dos seus membros. Estas redes de apoio são construídas por amigos que gostam da cultura e que conseguem compreender o propósito de vida do mestre Chico Ceará no território do Cariri Cearense. Mais adiante iremos relatar com mais detalhes sobre essas dificuldades e o enfrentamento à insuficiência de políticas para a Salvaguarda das práticas culturais afro-brasileiras.

#### **2.4 O Maculelê e seus marcadores em comum com a capoeira**

Um consenso nas histórias contadas e recontadas é o fato de a luta com bastões (grimas) ter ocorrido e Maculelê tê-la vencido.

(SALES,2015)

Ao falar sobre a definição da manifestação cultural do Maculelê é preciso que se desvinculem seus aspectos similares da prática da capoeira, pois a mesma se dá no campo das danças e das manifestações de dramatização da sua lenda sendo um momento artístico com características próprias e que apesar de ser performada por alguns praticantes da capoeira no momento de sua apresentação eles estão imbuídos do espírito de um guerreiro específico. Rememoram a sua luta entre os diversos inimigos que o querem abater e derrotar, sendo assim é possível experimentar um momento como os próprios integrantes que o afirmam “mágico”.

Neste sentido o Maculelê apresenta alguns marcadores da capoeira, pois nasce nos movimentos capoeirísticos, no caso do terreiro Arte e Tradição, surge da necessidade de Mestre Chico Ceará de estar realizando outras danças oriundas do movimento de cultura afrodescendente, como podemos ver na fala de um integrante do grupo que já participava da capoeira e que depois passa a se unir ao mestre Chico Ceará e performar o Maculelê enquanto dança de guerra. Hoje é através dela que se



sente mais representado, pois interpreta na hora da dança suas lutas diárias e as dificuldades que enfrentam ao longo do caminho, como realata:

Assim, eu sou capoeirista na verdade, né, já tenho mais de quinze anos que eu sou aluno do Mestre Chico Ceará, dentre esses mais de quinze anos aproximadamente uns 10 mais ou menos que eu faço parte do grupo de Maculelê né, me tornei um brincante do Maculelê, e assim, no que se refere à expressão corporal, a se aprofundar na cultura, se apropriar do que realmente é nosso, né, é algo que me chamou mais atenção, e que me mantêm praticando, né, porque realmente é algo que me faz bem, sabe que me faz respirar, que me faz respirar a cultura, que me mantêm sabe aterrado mesmo, que me faz olhar de forma diferente para as outras pessoas sabe, enquanto seres humanos... (Entrevista cedida em 23/11/22).

Na fala acima fica evidente o quanto a prática do Maculelê apresenta uma peculiaridade que convida o brincante ir além, esse ir além confere a dança como assim pode ser chamada um enfoque transconceitual ao se imbuir de aspectos com elementos de música, dança, encenação e ritmo formando um conjunto policromático em meio às cores e adereços inspirados em África. O próprio Mestre Chico Ceará aborda que a prática no Arte e Tradição começa da necessidade que ele tinha de ampliar seus repertórios artísticos, pois a capoeira além de já ser muito conhecida já era praticada pelo grupo, mas o grupo sentia a necessidade de ampliar suas apresentações que fizesse chamar atenção e dar maior visibilidade as práticas culturais principalmente no município que reside. Assim ao ser convidado para outros eventos percebia a necessidade cada vez maior de variedade cultural entre as apresentações, neste sentido por representar a arte afrodiaspórica e seus novos artefatos ficavam cada vez mais acessíveis com a entrada de outros integrantes ao grupo.

Correlacionando a capoeira com o Maculelê percebe-se que ambos compartilham das batidas e do ritmo, mas com uma pegada de força e dramatização voltadas aos formatos teatrais. No meio da roda ficam os guerreiros que se desafiam e jogam com os facões<sup>9</sup>, estes dois guerreiros lutam com fúria até que Maculelê é vencedor. Geralmente estes dois guerreiros que disputam a tribo são os mais experientes na prática. Eles chamam esta encenação e dança de riscar facão. Outra curiosidade trazida por Mestra Corrinha é que no início da prática esta luta com os facões fora encenada por mulheres do grupo.

---

<sup>9</sup> Objetos cortantes que se assemelham a facas só que com tamanho maior e que se caracterizam como armas mortais.

Além da capoeira que Mestre Chico já praticava o grupo engajou-se em performar o Maculelê, a mangaba e a dança de roda dentro das suas vivências comunitárias, sendo seus membros de jovens e adultos da comunidade e de comunidades agrárias vizinhas como é o caso do sítio carrapato, comunidade rural vizinha do sítio Santo Antônio onde fica o Terreiro Arte e Tradição. Neste aspecto estas danças se mostram mais interessantes por trazer o drama e a incorporação das personagens nas suas performances. O teatro por ser mais atrativo elabora elenco e figurinos capazes de interagir imagetivamente com o público trazendo ao grupo a visibilidade artística que às vezes na capoeira se tornou mais tímida e comum se detendo mais a sua integração como esporte.

Como afirma Duarte (p.108, 2020) que os desafios que os povos africanos enfrentaram no Brasil, a luta da capoeira aparece num campo simbólico, sendo ela utilizada para a manutenção da sobrevivência física, mas também cultural, visto que se trata de uma população obrigada a viver submissa e escrava de um poder dominante. Assim este autor vai tecer a defesa de uma capoeira firmada na ancestralidade e não só minimizada a uma prática esportista, mas como uma prática de cunho afrodescendente que referendada por Mestre Pastinha<sup>10</sup> grande fundador da Capoeira Angola organizou a capoeira padronizando alguns ritos, inclusive as funções do mestre e suas prerrogativas que se reinventa sempre prezando pela tradição.

Seguindo as contribuições de estudos sobre a capoeira é percebida a necessidade de justificativa frente às necessidades dos grupos de capoeira que se utilizam da encenação em busca de se renovarem nas diversas apresentações, dos batuques africanos e entre eles a dança do Maculelê trazida na década de 80 para os ensaios do grupo Arte e Tradição. Este grupo estava crescendo e se formava entre os familiares e amigos do Mestre Chico e da mestra Corrinha. Neste contexto é sentida a necessidade de se incrementar mais suas performances e surge outros folguedos entre eles a dança da mangaba e a roda de samba.

Quanto à outra importante similaridade comum a Capoeira, o Maculelê traz a força do Axé, onde seus integrantes falam com múltiplas palavras, mas sempre se referindo à força vital que emociona neste sentido Duarte (2020) colabora:

---

<sup>10</sup> Mestre referência e fundador da capoeira Angola.

Na capoeira, denominamos esse arrepio, citado pelo mestre, de axé. É ele que energiza a roda, tornado ela passível de jogo, de harmonia entre os jogadores, proporcionando a alegria das/os capoeiristas em seu ritual. [...] “E, sendo força, mantém-se, cresce, diminui, transmite-se em função da relação (ontológica) do indivíduo com os princípios cósmicos (orixás), com os irmãos de linhagem, com os ancestrais, com os descendentes.” Na capoeira não é diferente, construímos uma relação de irmandade com nossos pares, sejam nossas/os ancestrais, nossas/os mestras/es, nossas/os camaradas ou nossas/os alunas/os. São nossas/os irmãos/os de linhagem, seja para o passado, presente ou futuro (DIARTE, 2020).

Dessa maneira o Axé presente nas duas manifestações se constituindo como elemento fundante da sua cosmovisão faz parte do seu ETHOS e da sua consciência coletiva. Assim se infere aqui uma singularidade a respeito da prática do Maculelê na defesa de que é uma manifestação que emerge a partir dos grupos de capoeira ganhando novos figurinos e coreografias que agrega os saberes afrodescendentes entre eles as cores, os cantos e o ritmo que já utilizados pela capoeira se recriam dentro da dramatização de um fato ocorrido e reverenciado pelos povos originários afro-brasileiros.

## 2.5 A prática do maculelê no contexto do cariri cearense com ênfase no município de Barbalha: aspectos do patrimônio imaterial



Figura 3 – Brincantes do maculelê.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Para falarmos sobre a Política de Salvaguarda no contexto das manifestações culturais no Brasil é preciso à compreensão de que o Maculelê se configura como uma manifestação dentro do campo do patrimônio imaterial, pois a mesma se contextualiza como uma prática que embora seja possível de se materializar através da encenação dramática se concebe como um conteúdo imaterial forjado e elaborado por sua história de criação. Baseado na lenda contada pelos antigos este folguedo como assim é reconhecido pertence a um determinado povo e por isso possuidor de herdeiros. Ao contextualizar o cenário barbalhense no aspecto histórico junto aos caminhos de estruturação dos seus bens culturais Nogueira (2021) contribui sobre o território do município de Barbalha:

De povoado a vila, depois a província e cidade, Barbalha constitui-se hoje um “celeiro cultural” não só para o Nordeste, mas também para o mundo. Abriga uma rica diversidade simbólica-cultural, que perpassa manifestações culturais, culinária, poesia, literatura, danças, o patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, outros aspectos se entrelaçam para além da projeção cultural, numa relação de diálogo entre fatores sociais, naturais, políticos e econômicos que impulsionam a cidade e a região. Nesse sentido, defende-se a instrumentalização e ações de salvaguarda dos bens culturais locais, com vista tanto ao desenvolvimento sociocultural como à preservação ancestral e histórica do lugar (NOGUEIRA, 2021, p. 73).

Neste universo de celeiro da cultura se encontram as danças e apresentações de cultura afrodiáspóricas forjadas pelos grupos oriundos da área rural do município de Barbalha-Ce e que formam o arcabouço imaterial cultural validado pelo órgão máximo constituinte que é o IPHAN<sup>11</sup> e suas políticas de Salvaguarda dos patrimônios históricos humanos. A autora colabora na defesa de que ainda não é possível uma verdadeira valorização junto ao órgão competente de políticas seguras onde à valorização seja exequível e que os atores que perfazem estas práticas consigam sentir a real importância da sua adesão ao praticarem determinada prática cultural. Estes atores culturais vivem através do seu ETHOS sua filosofia e suas simbologias que encontram base junto às suas práticas sociais. Para a maior valorização do patrimônio imaterial da cultura do nordeste ainda aponta a necessidade de diálogo e conscientização dos seus herdeiros, herdeiros estes da história do lugar, pois sem herdeiros conscientes não há patrimônio preservado e perpetuado.

Assim se torna importante aqui destacar a Festa do Pau da Bandeira onde é realizado o desfile dos grupos de cultura da região. A Festa de Santo Antônio que se inicia com o cortejo do “Pau da bandeira” faz parte dos festejos juninos do Nordeste

---

<sup>11</sup> IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

sendo a mesma do Município de Barbalha-Ce como uma das maiores festas populares da região. Dentro dos festejos da Festa se encontra um momento de abertura que se configura como inicial para as trezenas dedicadas ao santo na igreja da matriz de Santo Antônio.

Nesta inauguração aos festejos alusivos a Santo Antônio, santo padroeiro da cidade, este cortejo de abertura se constitui de um desfile dos padroeiros das capelas vizinhas e dos grupos de Cultura que vêm dos seus territórios para apresentar-se no pátio da Igreja da Matriz de Santo Antônio, igreja construída no início da instituição da cidade. Segundo Gino (2021) ao relatar sobre este cortejo descreve o momento do ápice como um momento pontual que se torna palco dos grupos de cultura, mas que necessita de um olhar mais abrangente para a valorização dos mesmos o que é condição sine qua non numa perspectiva de salvaguarda da cultura local.

Assim Gino (2021) apresenta o momento do cortejo onde se encontram mais de 60 grupos de cultura para homenagear Santo Antônio afirmando que:

Parte dos folguedos da cultura herdada dos nossos antepassados das etnias africana, indígena e portuguesa, os observamos na cidade de Barbalha/CE, que possui 62 grupos de brincantes distribuídos pela zona rural do município e periferias da cidade, representados por estas tradições: Reisados, Capoeira, Maracatu, Maculelê, Penitentes, Incelências, Cocos, Pau de fitas, Bacamateiros, Dança da maresia, Maneiro Pau, Cesário Pinto, Capim da Lagoa, Dança do milho, Careta, Mateu, Quadrilha, Lapinha, Dança Afro Dandalunda, Samba de Balaio, Som da Madeira, Samba de Roda e Banda Santa Liduína, todavia ainda vinculados apenas ao desfile pela manhã no dia do pau da bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE, e fadados ao desaparecimento por falta de políticas públicas que possam garantir a sua sustentabilidade (GINO, 2021, p. 53-54).

Os festejos que permeiam a Festa de Santo Antônio na cidade de Barbalha-Ce é sem dúvidas uma tradição que se organiza desde que sua celebração foi instituída como patrimônio Imaterial do Ceará em 2015 como a autora acima certifica ao detalhar a diversidade de bens imateriais do Ceará no mapeamento do IPHAN quando registra-se a Festa do Pau da Bandeira como Patrimônio Cultural do Ceará na categoria celebrações.

A mesma chama a atenção para que os grupos de cultura que se apresentam dentro do cortejo da Festa no dia do Pau da Bandeira de Santo Antônio, entre eles o Maculelê, recebam por mérito o seu reconhecimento por transmitir os seus saberes, crenças, costumes, que constituem parte da nossa herança cultural. Afirma e corrobora que estes grupos de cultura podem chegar a desaparecer se não agregar políticas públicas de sustentabilidade que verdadeiramente chegue até os mestres e

as comunidades. Corroborando a esta ideia de extinção é de grande urgência a criação de projetos de lei e editais regidos pelo IPHAN e demais órgãos responsáveis um conjunto de medidas de enfrentamento e valorização dos mesmos.

Estas medidas vriam desde a criação de recursos financeiros e aposentadorias para os mestres e mestras da cultura de forma a sustentar suas necessidades básicas uma vez que os mesmos se dedicam a causa cultural durante toda sua vida. Nada mais justo do que através de um símbolo valorativo eles tenham uma aposentadoria digna para a manutenção e sustentabilidade familiar quando não mais estiverem vivos e ativos. Muitos mestres chegam a sofrer de doenças que invalidam ou até morrem deixando suas famílias a mercê do destino e sem possibilidade de preservação da tradição cultural.

Esta preservação deve ser resguardada através de políticas de salvaguarda por intermédio de leis que identifiquem os critérios de legitimidade e concedam direitos legais a estes mestres da cultura que dedicam suas existências para que a mesma permaneça viva junto aos herdeiros do patrimônio. Segundo Nogueira (2021) a Constituição Federal de 88 já ampliava o conceito de Patrimônio e estabelece a criação de incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais, além de estabelecer que os danos e ameaças ao Patrimônio Cultural serão punidos, na forma da lei. Neste sentido quando observa-se mestres da região do Cariri chegarem a óbito e os outros mestres não irem para a celebração em homenagem porque faltam recursos para o deslocamento chegamos a triste conclusão de que a cada momento esta lei está sendo descumprida e passível de criminalização.

Ainda assim não basta ter a legitimidade como afirma nossa constituição se não há a criação de projetos e emendas capazes de subsidiar financeiramente a manutenção dos mestres e mestras da cultura sobretudo quando se contempla o âmbito municipal e estadual dos Estados Cearenses. Sendo assim nossos mestres e mestras da cultura ficam à mercê das fragmentações e as vezes de doações advindos de terceiros o que se constitui de um crime para o Patrimônio Histórico Cultural. Estes grupos de tradição cultural tendem a se reinventarem para sobreviverem às suas necessidades e a lógica da indústria cultural.

Estes fatores de enfrentamento para que as práticas culturais agrárias não desapareçam estão constatadas nas falas dos integrantes do Maculelê em Barbalha-Ce quando relatam a experiência do cortejo e afirmam:

Antes do Grupo Arte e Tradição eu nunca tinha ido na festa, no santo, mas a parte de que eu virei uma integrante, né, do grupo, é eu participei de mais de três cortejos e é uma coisa muito prazerosa porque você vê o acolhimento da cidade, do município e não só dele mas também do pessoal que vem de fora para dentro do município e como a gente sai com mais de uma apresentação, mais de cinco manifestação que o terreiro sai, é uma mais linda do que a outra, é tanto que na hora da divisão você fica sem saber pra onde é que vai, eu vou pro samba de roda, eu vou pro maculelê? Só em você tá ali, saber que você é do grupo e que o grupo tá ali e com mais de uma representação é muito maravilhoso, é muito significativo pra gente porque é uma importância e um peso que as pessoas conhecem o trabalho do grupo, mas já é uma forma de valorizar cada vez mais, e também de conhecer o terreiro Arte e Tradição (Entrevista concedida em 25/11/22).

É possível perceber na fala acima descrita que de fato é no Cortejo da Festa de Santo Antônio que o grupo Arte e Tradição experiencia um momento de reconhecimento comunitário mais abrangente uma vez que é neste festejo que os grupos de cultura conseguem perceber por meio da comunidade o seu reconhecimento mais amplo do público externo. É neste universo que os integrantes ganham força para continuar firme na prática mesmo que de forma pontual. O desfile que inaugura a Festa do Pau da Bandeira garante o maior espetáculo livre de rua na concentração da diversidade cultura existente no Cariri Cearense. Merece destaque e é central em vários trabalhos científicos regionais a necessidade de um melhor manejo no que se refere a mercantilização e espetacularização que ocorre apenas nesta data pois é perceptível o esquecimento dos mesmos ao término do festejo que vai até o dia 13 de junho fechando com a grande procissão que acontece pelas ruas da cidade levando a estátua do Santo em cortejo festivo até o pátio da igreja da Matriz.

Este espetáculo público e diverso a céu aberto por constituir uma amostra singular e plural dos grupos de cultura existentes no município e nos municípios vizinhos vem crescendo a cada ano e se desenvolvendo de forma que, a cada ano aparecem novas manifestações e possibilitando que o poder público consiga o registro mais detalhado dessas reminiscências. Colaborando com esta ideia do cuidado quanto à lógica de mercado frente aos insumos culturais Nogueira (2021) destaca que o que acontece muitas vezes é que os interesses políticos e capitalistas estão disfarçados nas ações de cunho turístico e de preservação fazendo do patrimônio apenas um espetáculo. Desta maneira se constata que é preciso que se avance principalmente em nível municipal para a busca de uma salvaguarda mais consciente e proativa para que como afirma o estudo citado acima o patrimônio seja tratado como um capital real de desenvolvimento das comunidades, um fator de consciência coletiva onde se preconiza um capital herdado, onde os herdeiros devem administrá-

lo superando o mecanismo de conservação somente na sua parte física mas preservando também o seu caráter imaterial, teórico e simbólico.



### 3 OS ITINERÁRIOS DE EDUCAÇÃO INFORMAL DO TERREIRO ARTE E TRADIÇÃO DO MESTRE GIL: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

Nos somos pretos da Cabinda de Aruanda

A Conceição viemos louvar

Aranda ê, ê, ê

Aranda ê, ê, á.

(Domínio popular. Mestre Popó)

Os elementos constitutivos referentes aos dados desta investigação foram elaborados a partir de uma metodologia que se apresenta com base etnográfica pelos aspectos característicos da imersão no campo do Terreiro Arte e Tradição. Apesar dos muitos limites instaurados no processo de pesquisa, a mesma ingressou em busca de uma metodologia que tornasse possível uma melhor organização das falas dos sujeitos ouvidos nesta amostra, sendo esta composta por participantes do Grupo de Maculelê do mestre Chico Ceará que é o responsável direto pelas práticas desenvolvidas a partir de sua experiência de vida junto aos seus familiares e pessoas que se integram junto à sua residência conhecida por toda comunidade como terreiro Arte e Tradição.

Francisco Gilberto da Silva, homem negro, mestre de capoeira e cultura popular além de agricultor familiar e pai de uma família gerada com filhos e netos idealizou a a coletividade onde hoje é o presidente do Terreiro Arte e Tradição que fica no sítio Santo Antônio do Arajara. Neste local ministra aulas de Capoeira e cultivo através de ações artístico-culturais perpetuando as expressões culturais de tradição de matriz africana como o Maculelê, o samba de roda, a puxada de rede, o coco de palma, o maracatu e a dança da mangaba. Conhecido como Mestre Chico Ceará ou como também é reconhecido pela comunidade de Mestre Gilberto hoje é reconhecido pelos órgãos institucionais como " Tesouro vivo da cultura cearense" título empossado em 2023 é referência junto sua comunidade ao lado da sua companheira e esposa a mestra de cultura Mestra Socorro que ao seu lado ao longo de anos vem se destacando como enfrentantes das ações de reconhecimento da cultura popular.

Ao falarem sobre a construção da Cartografia afetiva e social do seu lugar em documentário da Secult Ceará (2022) relatam com emoção sobre como o espaço do Terreiro e seus integrantes interagem formando uma família que possui uma cosmovisão baseada no respeito e na vida natural através de práticas integrativas e de base comunitária. Ao descrever o local do terreiro citam a academia aberta espaço que está reservado para a prática da capoeira e que faz parte da área externa à sua casa de morada. A família de Mestre Chico integra a comunidade nas ações de cultura onde anexo ao terreiro da casa tem uma grande árvore, uma mangueira que serve para abrigar as reuniões dos membros embaixo da sua sombra. A mesma é uma referência dentro do espaço geográfico simbolizando a mãe que abriga a todos e todas.

Mestre Chico fala ainda do projeto de Construção de um Centro de Cultura Popular do Arte e Tradição que idealiza ser construído nos arredores próximos à mangueira que inclusive já tem um projeto arquitetônico sustentável para a área. Assim se configura como um homem de perspectivas e de propósito que serve ao ideário comunitário de forma a contribuir para que a região entre os complexos turísticos mais badalados economicamente que se constituem dos sítios entre o distrito do Arajara sejam incluídos no mapa turístico do estado do Ceará de forma a desenvolver o turismo sustentável e de ampliação das práticas culturais de tradição perpetuando assim a cultura local e o patrimônio histórico.

Mestre Chico e mestra Socorro ainda apontam que há muitos enfrentamentos em relação às práticas de lazer e ampliação urbanas que embora tragam o progresso trazem também as práticas como alcoolismo e ilegalidades que afetam de forma negativa o turismo cultural e sustentável trazendo preocupação com as gerações futuras que nascem no lugar como seus netos. Parte da motivação para continuar seus trabalhos são alimentadas pela vontade de educar as novas gerações na preservação da cultura popular e da prática da capoeira. O terreiro Arte e Tradição não se resume só na casa de Mestre Chico e Mestra Socorro mas como eles relatam são os saberes que formam os seus princípios, saberes estes unidos por pessoas fundamentais entre elas o seu pai, carinhosamente conhecido como Pai Zé, genitor e avô amoroso que conta as histórias de seus ancestrais e como foram as experiências nos engenhos e nas casas de farinha. Nas lembranças do Padim a comunidade se

enriquece e constitui seu catalisador e referencial de homem negro, experimentado no formato ainda escravagista e lúcido aos 95 anos.

Maria do Socorro Alexandre ou Mestra Socorro, mãe, mulher do Mestre Chico relata que também há outras pessoas como parteiras, rezadeiras e poetas na comunidade que se integram ao Terreiro e que seu pai deixa um legado de cultura de terreiro que a mesma diz ter herdado como a dança do coco e a dança de roda. Um homem negro que possui a força vital do trabalho por meio do cultivo da cana e dos engenhos. E assim é nesta trajetória que esse casal vai tecendo sua história com fé, trabalho e tradição. Encontram no sítio Santo Antonio e no sítio Arajara pessoas que se conectam a sua cosmovisão como o poeta Dão de Jaime, Alex Josberto educador popular e outros amigos que se integram como suporte para a missão de levar a cultura de forma aberta e livre para todos os lugares e pessoas. Como relata Mestre Chico no blog Mapa Cultural, 2022:

No Terreiro Arte e Tradição procuro resgatar e transmitir para as novas gerações as manifestações culturais tradicionais de minha região, a exemplo do cortejo de caretas, a malhação do judas, quadrilha junina, dramas e as brincadeiras infantis tradicionais coletivas (bila, peteca, pião, amarelinha, chibiu, corda, dentre outras). (Mestre Chico em Mapa cultural do Ceará).

Assim é perceptível que o Terreiro Arte e Tradição se referênciam na cultura que se institui junto as vivências do povo e é neste universo tão diverso mas muito rico que a prática do Maculelê se insere e se restitui a partir da família e dos integrantes dessa comunidade. Fazem parte desses elementos constituídos socialmente e imbricados na prática do Maculelê suas percepções e cosmovisão que se formam e são ressignificadas ao passo que a dança se performa no tempo e no espaço que acontece. Assim esta pesquisa buscou nas falas do Mestre Chico e da Mestra Socorro identificar no cerne do Maculelê suas características, instrumentos, definições, elementos trazidos da escola formal por seus brincantes que formaram-se neste universo e também seus saberes informais de forma arevelar em cada palavra dita e proferida os significados e as subjetividades que se formam a partir da sua prática social e comunitária.

Com o objetivo de compor um melhor panorama estético os insumos coletados foram organizados por meio de categorias/temas a partir da etapa da análise de conteúdo apontada por Bardin (2009). Estas categorias ou temas forjaram uma metodologia própria para a organização de uma visualização para conclusão desta investigação no sentido de que sua estruturação possibilite um melhor raciocínio sobre

os resultados permitindo a formulação de novas hipóteses. Foi constituído um quadro sinóptico (Quadro 5) com a finalidade de descrever a prática do Maculelê possibilitando o mapeamento de suas peculiaridades e singularidades diante do arsenal de práticas culturais diversas existentes no nosso território caririense, assim fomentando que a mesma seja vista e valorizada pela sua singularidade e expressão social.

Para o estudo junto aos grupos sociais objeto central desse estudo foram utilizados enfoques metodológicos que atendessem a perspectiva em uma pesquisa qualitativa com o objetivo de alcançar as respostas para as perguntas mencionadas no início deste projeto. Neste sentido, Ferreira (2015) aponta que:

Tanto a abordagem qualitativa, quanto à quantitativa, dentro de suas especificidades, servem como base de apoio para a análise de dados. Os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser (FERREIRA, 2015, p. 63).

O estudo em questão foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa em educação por se entender que os dados coletados por meio de pesquisas deste tipo abrangem os sujeitos em suas especificidades baseados nas relações estabelecidas no meio social em que vivem. A escolha do artefato a ser pesquisado decorre da sua importância, da tentativa de contribuir diretamente com a possibilidade de oferecer suporte, sendo este apoio capaz de nortear o desenvolvimento de políticas públicas de valorização e visibilidade da cultura local junto ao município lócus da pesquisa.

Na primeira etapa foi realizado o Estado da Arte como método de levantamento de literatura recente onde este tipo de aporte bibliográfico foi basilar e fundamental no que se refere à fase exploratória da pesquisa para que se considerasse o que se sabe a respeito do tema propostos e o que revelam pesquisas recentes a respeito do mesmo.

De acordo com Ferreira, 2002 o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” ganhou um elevado número de pesquisas nos últimos quinze anos sendo de caráter bibliográfico e utilizado com o fim de mapear e discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento. Esta autora cita Romanowski e Ens (2006) reafirmando com seu estudo os aspectos referentes a disparidades de alguns temas em relação a outros, principalmente no que diz respeito às minorias étnicas favorecendo um silenciamento à temas relacionados a minorias sociais. Assim afirmam a necessidade do estado da arte para definir propostas de trabalho, destacando que:

Os dados coletados em estudos do tipo estado da arte indicam a atenção que os pesquisadores dão à temática, além de apontar para que aspectos da área da educação voltava-se a preocupação dos pesquisadores. Apontam os temas, subtemas e conteúdos priorizados em pesquisas e mostram a necessidade de algumas pesquisas, ou seja, mostram que alguns temas são quase que totalmente silenciados. Os estudos de estado da arte evocam aspectos pontuais como um curso ou uma área de formação com sua proposta específica. Mostram, ainda, os temas que têm preocupado os pesquisadores (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 45).

Após a constatação do “estado da arte” já detalhado anteriormente no ponto 2.2 o estudo segue para coleta de dados orais para o prosseguimento da investigação de modo observacional. O método utilizado para esta pesquisa configura-se um estudo empírico pelo qual se pretende cumprir três etapas a fim de perfazer o ciclo de busca: a fase exploratória, o trabalho de campo; e a análise e tratamento do material empírico; entende-se assim de acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2007) que não se pretende aplicá-las de forma estanque, mas, que se complementem e aconteçam de forma dinâmica dentro do processo investigativo.

Assim mediante o objetivo da investigação é basilar para esta temática compreender a prática do Maculelê e suas simbologias, sendo esta uma prática afrodescendente o que se realizou na fase inicial por meio de leituras do referencial teórico pari-passu com as possibilidades apontadas pelo Estado da Arte.

Ainda nesta fase preliminar foram analisados achados científicos e realizou-se a seleção de concepções e teorias que permeasse o processo de formação de um referencial teórico sólido e coerente para o tema proposto, além de fornecer subsídios para a elaboração de instrumentos e técnicas capazes de garantir a legitimidade e lisura do processo investigativo possibilitando a coesão e coerência junto à linha de pesquisa escolhida.

Na segunda fase desta pesquisa chamada de trabalho de campo, a mesma foi delineada e estruturada por um método de pesquisa observacional utilizando-se como referencial metodológica da metodologia da afrodescendência (CUNHA JR., 2010) que se projeta para um olhar além da simples observação e se constitui na possibilidade em reconhecer-se afrodescendente dentro de um processo histórico que transpassa a existência pessoal da pesquisadora. Nesta abordagem metodológica onde a afrodescendência compreende que o pesquisador não é alheio às situações das quais está tratando, mas sentindo-se motivado pela sua constituição enquanto sujeito se relaciona com o lugar onde está inserido.

O trabalho de campo avançou para uma pesquisa de observação no interior do grupo de Maculelê do terreiro Arte e Tradição partindo num primeiro momento para a entrevista semiestruturada com perguntas estruturadas, mas que apenas serviram de norte para uma conversa leve e não cronometrada com o Mestre Chico Ceará e a sua esposa que já é considerada pela comunidade como Mestra Corrinha pelo seu zelo e serviço à comunidade. Ambas figuras centrais para o movimento cultural desenvolvido no lugar. É nesta fase que conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2007, p. 26) o pesquisador deve “combinar instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados”. Neste sentido foi realizada a coleta de dados primários organizados por meio de entrevistas livres e abertas.

Desta maneira foram realizadas visitas ao terreiro nas sextas-feiras entre os dias 28 de outubro de 2022 a 11 de novembro de 2022 com o objetivo de ouvir e oferecer a importância à história da oralidade como fator articulador de um diálogo produtivo para o engajamento entre pesquisadora e atores da pesquisa. A conversa com os responsáveis pelo grupo foi norteada por perguntas elaboradas previamente (ANEXO I) sempre prezando pelo aspecto do respeito ao tempo e necessidade dos entrevistados. Foi neste momento que a pesquisadora esteve imersa no campo investigativo realizando observações do espaço e das suas impressões através do instrumento Diário de Campo guiado por outro instrumento elaborado para que as observações não se perdessem com o olhar investigativo e emocional da pesquisadora (ANEXO II) onde foi guiado por temas específicos que garantiram a observação criteriosa e delimitada para um melhor detalhamento das impressões etnográficas do lugar.

Neste momento a imersão no campo da pesquisa foi de fundamental importância para se chegar aos objetivos propostos. Os dias de imersão junto ao Terreiro Arte e Tradição foram entre os dias 21/10/22 e 26/11/22 onde foram permitidos e guiado pelo instrumento detalhado através do Anexo II e que foram pactuados através do TCLE (anexo IV) termo de pactuação entre pesquisador e atores da mesma. Cabe ressaltar que em nenhum momento foi considerado qualquer empecilho ou dificuldade de receber a pesquisadora no local e que os participantes e tutores foram colaborativos e acolhedores em todas as circunstâncias deste trabalho de campo. Ainda assim vale salientar que os meios de comunicação tecnológicos foram instrumentos fundamentais para que este intercâmbio fosse realizado e para que houvesse a interação sobre os

eventos em que o grupo iriam se apresentar, além dos horários de suas reuniões e coletivos.

Como citado acima primeiramente foram realizadas entrevistas ao Mestre Chico Ceará de acordo com o Instrumento I (ANEXO I) onde a partir de suas falas foram surgindo as demandas de planejamento das entrevistas e momentos com os membros do Grupo. Marcados os encontros anteriormente em acordo com o Mestre todos em horário e dias em que os jovens brincantes do grupo ensaiam ou durante suas apresentações. Foram através de conversas orientadas por temas (ANEXO III) que os integrantes falaram oralmente sobre suas experiências com bastante descontração e de forma livre e espontânea. Cabe salientar que após a descrição das falas dos sujeitos da pesquisa foram adicionados outros temas ao quadro de resultados sendo eles: definição, percepção acerca da escola formal e saberes informais.

Após esta coleta informal com conversas estabelecidas a partir dos temas propostos e outros que foram inseridos após a coleta e a transcrição dos relatos. Neste diálogo os dados colhidos foram tratados através da seleção das análises das resposta da organização de suas falas.

Para o momento das entrevistas foram elaborados temas previamente planejados estabelecendo uma relação dialógica e aberta em que foi observado que os membros dos grupos sentiram-se motivados a colaborar e entenderam a proposta pretendida. Como método alternativo foi disponibilizado aos participantes a gravação via celular fornecendo as informações solicitadas sempre norteadas pelos temas estabelecidos através do Instrumento Norteador (ANEXO III).

Na terceira fase denominada de análise e tratamento do material foi realizada a transcrição das falas gravadas e organização das transcrições das falas sendo posteriormente analisados os resultados. Esses relatos foram organizados através da análise temática em que se fragmenta o todo e se reorganiza a partir de novos pressupostos. As respostas das entrevistas livres e abertas foram organizadas por um indexador ou tema onde esta metodologia buscou proporcionar uma melhor visualização e interpretação dos resultados o que foi possível permitir intercâmbio com o referencial teórico desta investigação.

Ainda na fase de análise foi incorporado o método da pesquisa observacional através do diário de campo onde esta observação foi guiada por um roteiro observacional (ANEXO II) da qual serviu para uma melhor constatação de possíveis dúvidas e contradições que foram surgindo na interpretação das respostas dos sujeitos

entrevistados. Neste sentido o Diário de Campo do pesquisador foi fundamental durante a sua participação nas reuniões dos Grupos de Maculelê que serviram de base para redefinir passos estratégicos de validação ou refutação de contradições e/ou ambiguidades no trato da interpretação do discurso dos sujeitos da pesquisa.

Os participantes da pesquisa foram os membros ativos do grupo de Maculelê do Terreiro Arte e Tradição no município de Barbalha-Ce, município este integrante da Macrorregião do Cariri. Dentro da proposta de aderência desta pesquisa a mesma se fundamentou através da importância da oralidade na escuta ativa das falas, pois desenvolveu método de entrevista semiaberta ou semidirigida onde as perguntas feitas serviram apenas como diretrizes para dar ênfase às falas dos participantes, mas sem interferir no tempo e no conteúdo a ser vinculado.

Após o término das entrevistas semiestruturadas os dados foram tratados através de uma abordagem analítica que favoreceu uma compreensão contextualizada das reminiscências e identidades, assim favoreceu meios de extração do essencial nos relatos orais em benefício da pesquisa e da sua contribuição. Após a organização dos dados através de temáticas específicas, citadas por blocos, todo conteúdo extraído serviu para construção de conteúdo propositivo para a elaboração do E-book intitulado: Quem sou EU Maculelê? Este produto educacional pretende-se servir para divulgação dos resultados desta investigação permitindo seu uso em diversos espaços inclusive nas escolas formais e informais. Assim poderá se constituir como um forte recurso e material didático-pedagógico se configurando como subsídio para os professores independente do nível escolar de atuação. Neste sentido este produto se faz capaz de favorecer a implementação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) no âmbito da educação formalizada no que tange a práxis pedagógica que se faz mais inclusiva e menos discriminatória.

A técnica da observação iniciou-se como não participante, depois se tornou participante e chegou à saturação científica trazendo sua contribuição de forma satisfatória. Dentro desta proposta e conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2007, p. 26) o pesquisador deve “combinar instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados”, será a coleta de dados primários organizados por meio das técnicas citadas acima e que estarão norteando todo o trabalho investigativo.

Neste sentido este método reafirma a intencionalidade da pesquisa qualitativa que como afirma Minayo, Deslandes e Gomes (2007, p.24) se pretendeu “Compreender



resoluções, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade”.

Sobre as legalidades específicas para garantir aos participantes o esclarecimento sobre a metodologia antes e durante a pesquisa estarão assegurados através do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (ANEXO IV), onde a pesquisadora prestará todos os esclarecimentos necessários quanto à metodologia adotada para a pesquisa, O TCLE assegura que a participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária, caso o participante aceite não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo ou penalidade se não aceitar ou desistir após ter iniciado as entrevistas.

Foi assegurado ainda pelo TCLE que todas as informações fornecidas pelos participantes são confidenciais, resguardando o sigilo quanto ao nome, dados pessoais e demais informações que possam identificá-los, os quais não aparecerão nos QUESTIONÁRIOS, GRAVAÇÕES COM ÁUDIO E VÍDEO, FICHAS DE AVALIAÇÃO, dentre outros, nem mesmo quando os resultados forem apresentados. Ainda está assegurado por este documento que todas as informações fornecidas pelos participantes serão utilizadas somente para o fim da mesma.

Para que a pesquisa fosse desenvolvida seguiu-se as orientações das Resoluções do CNS/Ministério da Saúde, nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e nº 510, de 7 de abril de 2016 O art. 1º onde as mesmas dispõem sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que pudessem acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética para Pesquisa em Seres Humanos CONEP onde se foi assegurada a confidencialidade das informações e aprovado através do parecer nº 5.689.466. Assim para esta aprovação foi assinado por todos e todas os/as participantes deliberadamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em anexo no final deste trabalho.

Este escopo investigativo foi coletado a partir de entrevistas semiestruturadas orientadas por temas estabelecidos previamente (ANEXO I e II) que posteriormente textualizados e organizados foram analisados pelo método de análise de conteúdo de Bardin (2009) que colaborou para uma compreensão mais detalhada das falas dos

integrantes do grupo em estudo. Neste empenho investigativo foi devidamente respeitado através de TCLE as normas éticas para que os participantes se sentissem a vontade e com liberdade para se expressarem de forma que se inferisse um recorte da realidade social e seu contexto local. O relato dos participantes da pesquisa carrega em sua forma própria categorias e subsídios capazes de permitir algumas fases do método como organização de análise, codificação, categorização e inferências. Assim os dados foram detalhados através do quadro síntese abaixo e serão discutidos nos próximos subcapítulos deste trabalho:

TEMAS/DIMENSÕES	RELATOS ORAIS
<p><b>1.COSMOPERCEPÇÕES /SIMBOLOGIAS</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> “Eu sou capoeirista na verdade, já tem mais de 15 anos que eu sou aluno do Mestre Chico Ceará e há quase 10 anos eu faço parte do Maculelê né...”. “No que se refere a se apropriar da cultura, a se apropriar do que é nosso, é o que me chama mais atenção, o que me mantém praticando né...”.</p> <p><b>Sujeito 2 :</b> “Assim, é uma sensação muito boa e se a gente for falar do Maculelê a gente não sabe expressar a emoção, porque é uma experiência única de vida que a gente tem,...”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> ... “E foi justamente após eu me aproximar ainda mais do grupo indo pro Arajara que eu conheci o Maculelê, já tinha visto outras apresentações só que eu nunca tinha participado. Mas também igual ao Maculelê do Arte e Tradição não existe.”</p> <p><b>Sujeito 4:</b> “Tem o nome assim terreiro ai acha que assim, aquela pessoa fala assim, meu Deus tem o nome terreiro acho que eles fazem macumba, mas não é só porque a gente faz a capoeira, apresentações, lá no terreiro de casa, de frente de casa ou do lado...”</p>
<p><b>2.CARACTERÍSTICAS /APRESENTAÇÕES</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> “Todas são muito importantes, mas teve uma específica de uma que a gente fez na Virada Cultural, na primeira virada cultural no Terreiro do mestre Chico, aquela dali realmente entrou para história de muitos do grupo... Foi mágico, foi transcendental mesmo, show demais...”</p> <p><b>Sujeito 2 :</b> “... cada apresentação tem sua energia diferente e a daqui dessa apresentação foi uma energia muito positiva e fez com que a gente levasse e aprendesse coisas novas.”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> “ Inicialmente por mais que a gente ensaie por mais que a gente tenho feito outras apresentações sempre tem aquele friozinho na barriga né aquele nervosismo, mas também justamente por a gente saber o que a gente tá fazendo, vem aquela segurança...”</p>

	<p><b>Sujeito 4:</b> Antes de se apresentar bate sempre um nervoso na gente né, lógico dá um nervoso, aquele frio na barriga, só que quando a gente vai pra apresentar já é uma energia muito forte que a gente fica mais alegre, a pessoa sente uma energia porque é uma dança os africanos antigamente faziam, os escravizados, ai isso é uma energia muito forte, dá uma alegria na gente, a emoção a gente se arrupeia.</p>
<p><b>3. POLÍTICAS E INVESTIMENTOS/ FUTURISMO</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> ( o entrevistado(a) não se pronunciou)</p> <p><b>Sujeito 2:</b> “Olha, eu acho que daqui pra frente, eu não posso dizer como é que vai ser o futuro, porque ninguém sabe, mas do andamento eu acho que há possibilidade de continuar o Maculelê em apresentações, principalmente em eventos de capoeira.”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> “ A dificuldade é justamente em relação a valorização né porque eu vejo muito, é, chamar a apresentação do Maculelê quem já é do meio, da capoeira, do Maculelê, e coisa que poderia ser mais abrangente, eventos, é, com a questão da valorização da cultura da região poderiam ta convidando mais a gente e também essa contrapartida do transporte...”</p> <p><b>Sujeito 4:</b> “Sim, eu quero continuar, no futuro, eu quero, ir pra outro canto, outro país, porque tem vários mestres daqui do cariri que sai pra outro país, outro lugar pra inserir a cultura, a capoeira, o ensinamento para outras pessoas”.</p>
<p><b>4.ESPAÇO GEOGRÁFICO E IDENTIDADE</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> “Eu morava mais próximo de lá, né, assim porque pra gente o mais próximo é uns cinco quilômetros, ai só que agora eu tô morando um pouco mais longe, mas toda semana eu sempre tô marcando presença lá né. Justamente pra isso pra tá reavivando toda semana o que faz a gente respirar melhor, o que nos faz bem de verdade...”</p> <p><b>Sujeito 2:</b> “Particularmente eu prefiro me apresentar no terreiro, porque tipo é, é minha casa, é, e lá eu me sinto mais a vontade, eu recebo muitas, tipo como é que eu posso falar, eu recebo muitos conselho da, principalmente do mestre e da Tia...”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> “ Todas as apresentações são particulares cada uma tem a sua energia. Assim só que realmente se apresentar em casa, a apresentar no nosso território, no nosso terreiro, nada se compara, muitas apresentações que a gente faz fora tem uma energia muito, muito forte, e é massa, marca a gente de uma forma, só que no tem nem comparação coma gente se apresentar no terreiro...”</p>

	<p><b>Sujeito 4:</b> Sim, lá no terreiro do mestre Chico Ceará é mais confortável, dá uma energia maior, a pessoa não vai ficar com vergonha porque a gente já conhece...”</p>
<p><b>5.MÚSICAS/ INSTRUMENTOS/ PERFORMANCE</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> “..., porque cada parte da música é traz uma emoção diferente, ai eu não vou saber dizer não, essa música é a que mais me toca, porque quando agente ta fazendo lá a gente gosta de curtir cada música pra cada situação contando aquele trecho da história que o mestre ensinou pra gente, então eu acho que a música por completo já faz isso, porque ela vai mexendo com cada sentimento, , com cada, sabe, com cada traço de imaginação nosso, a gente vai viajando ...”</p> <p><b>Sujeito 2:</b> Hoje em dia graças ao Maculelê, eu posso dizer isso, eu sou professor coreógrafo e bailarino também e eu tenho tipo de certa forma uma gratidão muito grande principalmente pelo mestre e pela Tia...”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> “ A gente sempre vai se arrupiar com as cantigas e as músicas...”</p> <p><b>Sujeito 4:</b> “...em qualquer canto onde tiver a energia muito forte a gente sempre vai se arrupiar porque há o momento da música e o momento da dança.”</p>
<p><b>6. DEFINIÇÃO</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> “...que vem tentar derrubar o que eu construo, e naquele momento é como se eu encarnasse aquele guerreiro...”</p> <p><b>Sujeito 2:</b> “GRATIDÃO, porque que nem eu já falei né, foi através dela que eu consegui superar meus medos e foi através dele também que eu consegui reconhecer o meu talento durante a vida.”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> “Uma palavra que identifica o Maculelê é energia, e eu só quero agradecer pela essa oportunidade porque sempre falar do Terreiro é uma, é muito prazeroso</p> <p><b>Sujeito 4:</b> “ Pra mim o Maculelê ela tem uma forte energia, que veio dos nossos ancestrais porque que sempre quando a gente vai dá aquele arrupeio na gente, porque é uma coisa que os antepassados da gente faziam...”</p>
<p><b>7. PERCEPÇÃO ACERCA DA ESCOLA FORMAL</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> ( o entrevistado(a) não se pronunciou)</p> <p><b>Sujeito 2:</b> “Assim eu vou ser sincero, hoje em dia a escola visibiliza mais aquela pessoa que é formada e isso é uma coisa que eu acho muito errada, tem pessoas que são formadas e não tem um pingo de conhecimento, a gente tem que ter certeza disso, tipo exemplo o mestre, o mestre tem sete anos, dez ou mais eu não lembro quanto e ele tem um conhecimento amplo, (...)</p> <p>“Ai eu acho que a escola deveria buscar mais pessoas que teriam mais conhecimento daquela área...”.</p> <p><b>Sujeito 3:</b> ( o entrevistado(a) não se pronunciou)</p> <p><b>Sujeito 4:</b> “ Assim, na escola os meus colegas, os alunos, sempre fica dizendo que aquilo que a gente faz, a capoeira, o</p>

	<p>Maculelê é tipo como se fosse macumba (...) quando é uma coisa que o prefeito vai, essas coisas quando eles chamam, mas eles não tem essa cultura pra eles, eles não vão, tipo, inserir a capoeira na escola que todas as escolas deve ter a capoeira, a cultura, mas não tem lá na escola”.</p> <p>“Eles não vão atrás pra ensinar pros alunos aprender o que significa, não chamar que aquilo é macumba”.</p>
<p><b>8.SABERES INFORMAIS</b></p>	<p><b>Sujeito 1:</b> ( o entrevistado(a) não se pronunciou)</p> <p><b>Sujeito 2:</b> “ Olha, sobre, vou falar no geral assim em questão do terreiro eu aprendi assim, muitas coisas que realmente na escola eu não aprendi questão da nossa ancestralidade, é a ancestralidade da gente vem de uma, uma forma, como é que eu posso falar, do índio, né, do índio e do africano ai faz a mistificação, (...)”</p> <p><b>Sujeito 3:</b> O Mestre Chico e a Mestra Corrinha são meu pai e minha mãe, eu sempre digo isso pra eles, eles são meu segundo pai e minha segunda mãe,é, fora a minha comunidade que é lá onde eu moro outro lugar que eu me sinto em casa, sem pensar duas vezes é o terreiro Arte e Tradição porque lá eles me abraçaram de uma forma que realmente você se sente da família, você além de ser uma integrante do grupo e que eles valorizam bastante cada integrante, cada um tem sua importância dentro do grupo”(...</p> <p><b>Sujeito 4:</b> “ lá eu aprendo a Educação, tem gente que diz assim, meu Deus, mas assim meu filho, ele respeita mais o senhor que é o Mestre que a mim que sou de casa porque o mestre ele ensina a gente a se educa, respeitar os mais velhos, ele ensina, é, o respeito”. “O respeito à natureza, o respeito à terra”.</p>

Quadro 5 – Achados orais organizados por temas Fonte: Elaboração própria (2022).

### 3.1 Cenário cultural e geográfico no terreiro arte e tradição: aspectos socioambientais e suas peculiaridades nas práticas culturais afrodescendentes

“Todas as apresentações são particulares cada uma tem a sua energia. Assim só que realmente se apresentar em casa, apresentar no nosso território, no nosso terreiro, nada se compara...”. (Brincante do Maculelê)

A partir da fala deste integrante do Maculelê sobre o território do terreiro Arte e Tradição é observado o quando o espaço socioambiental é referendado como parte da vida social das pessoas inserindo-se como simbólico no campo das relações

socioculturais do ser humano. Neste sentido os sujeitos sociais atribuem sentido ao meio em que vivem, mas o espaço materializado só se concebe quando é considerado como um produto socialmente construído e que este sujeito-homem se relaciona com este espaço de forma multifacetada dotados de sentimentos e afetividade, onde sua vida é construída em interatividade com o espaço e esse espaço também se relaciona com ele (SILVA, 2016).

O espaço territorial do terreiro não representa apenas o espaço físico da casa do Mestre Chico e seus arredores, este espaço tem um significado filosófico e subjetivo, pois é nele que se materializa a vida de quem ali reside e em suas características e símbolos as pessoas que ali estão fazem uso coletivo de vivências e experiências subjetivando seu contexto. Este espaço é dotado de práticas sociais que são colaborativas e se fazem socialmente como parte da vida das pessoas. No campo da Geografia a partir da Geografia Cultural na modernidade (SILVA, 2016) se constitui que na busca da interpretação das paisagens seja ampliado as considerações sobre as ações humanas e se reconheça que a partir dos significados que estes espaços possuem o homem o humaniza num processo de ser e estar capaz de buscar sentido de pertencimento e valorização. Na defesa de uma nova perspectiva para a compreensão do espaço e da sua ampliação, Silva (2016) afirma:

Na condição de espaço vivido, o lugar passe a se constituir numa categoria geográfica que possibilita a compreensão do processo interativo entre a materialidade do mundo e os sujeitos a partir de suas experiências de vida. A interpretação da espacialidade vivida a partir da experiência individual e coletiva promove uma nova realidade orientada pelos sentidos, que evidencia como espaço subjetivo, que remete, assim como a história, a uma geografia de vida. A construção subjetiva do espaço se manifesta no campo das representações, contudo, não é produto eminentemente da racionalidade, nem eminentemente do mundo material, mas do encontro entre sujeito e matéria, a partir da percepção (SILVA, 2016, p. 69-70).

Ao serem indagados sobre o “lugar” do terreiro os integrantes do Maculelê expressam em suas falas o sentimento de pertencimento que somente é gerado a partir da interatividade simbólica do local, as suas falas também expressam que este lugar é um espaço que se sobrepõe ao espaço apenas material, mas que se constitui um espaço atemporal e espiritual que os liga de forma transcendental aos símbolos e as suas vivências familiares. Sendo os integrantes do Maculelê pessoas que já estão imersos neste universo dos sítios e comunidades agrárias, convivem e compartilham de uma mesma cultura de vida, sendo esta uma cultura de costumes agrários e de filosofias afrodescendentes.

Nas falas dos integrantes estão palavras como “a minha comunidade” “em casa,” “apresentar no nosso território, no nosso terreiro, nada se compara”, é permitido

perceber o sentimento de construção simbólica que se evidencia junto das relações que os sujeitos em interatividade constroem, como se ligam ao seu espaço, sendo este o terreiro do Mestre Chico e da Tia Corrinha como eles chamam, desta maneira o clima que se consegue captar ao longo da imersão no terreiro são sentimentos de confiança, liderança e empatia.



Figura 4 – O lugar do terreiro. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Este “lugar” espaço físico e idealizado que é o terreiro corresponde para os participantes das práticas culturais como símbolo de estarem em casa, porto seguro, acolhimento e energia positiva. Assim é possível se interligar esta condição de espaço perceptivo e que vão além da postura simplesmente física do lugar para uma interpretação cultural do lugar. É assim onde através da cultura os sujeitos atribuem valores e significados as relações sociais, o que nos leva a interagir junto a teoria geetziana e ampliar este estudo para uma interpretação do terreiro como conceito a ser compreendido a partir da vivência que se pode experimentar do mesmo ou dos seus contextos ambientais. Assim quando o grupo de Maculelê leva a dança para

outros espaços levam não só a performance, mas suas vidas e seus contextos sociais representados em cada símbolo, em cada parte da coreografia, em cada música e em toda as suas formas de ser e estar .

É importante destacar que este espaço físico localizado no Sítio santo Antônio do Arajara simboliza muitos conceitos e sentimentos, mas que é lá no território geográfico que os seus integrantes se inferem enquanto personagens do Maculelê, isto se constata nos relatos do Quadro 5 no tema 4. Espaço geográfico e identidade quando relata *“Particularmente eu prefiro me apresentar no terreiro, porque tipo é, é minha casa, é, e lá eu me sinto mais a vontade, eu recebo muitas, tipo como é que eu posso falar, eu recebo muitos conselho da, principalmente do mestre e da Tia em questão de eu ser da comunidade LGBT e acabo que eu não posso expressar aquilo que eu sou em outros locais tipo...”*. Nos remete a clareza de o quanto o chão do lugar impacta sobre a segurança em relação a sua postura na dança, chega a ser um motivo de empoderamento, de aceitação de si, de sua identidade e de acolhimento da sua cultura.

Os resultados das falas dos participantes no tema 4 : Espaço geográfico e identidade trazem fortes depoimentos que relatam a relação do ser humano com o espaço geográfico e seus simbolismos. O terreiro é um espaço que transfere um simbolismo baseado em critérios positivos e que apontam para como o lugar passa a representar os sentimentos que vivenciam ao serem introduzidos nele. Aqui é importante que se ressalte que um bem cultural pode ser reconhecido como patrimônio não só pela sua materialidade, mas pela sua história que se rememora pelas relações entre este bem e seus autores. Quanto a preservação dessas práticas culturais é de extrema importância que obtenham o reconhecimento de tais relações e práticas e que contribuam para a implementação de um patrimônio cultural uno e não dividido.

Assim é neste território que os brincantes se identificam como colabora Munanga (p.23,2012) que os lugares carregam um pedaço notável da memória, da identidade e da história do negro brasileiro. Assim estas populações buscaram assentar nos territórios físicos seu poder e identidade, pois é no aniquilamento e ocupação dos territórios de um povo que se destrói sua identidade e conseqüentemente apagam suas memórias. Desta maneira é que o espaço territorial



se constextualiza como fundante para a construção da cultura semiótica projetada pela humanidade e é local eminentemente de resistência às suas raízes.

Para que esta prática chegue a ser reconhecida e valorizada em sua essência serão necessários estudos e pesquisas que façam frente a uma luta de delimitação do lugar e de construção de uma cartografia que definam os espaços culturais e suas manifestações. De início será fundamental que se estabeleça também um atravessamento sobre o espaço geográfico onde fica o terreiro Arte e Tradição a partir das impressões da pesquisa e da imersão no lócus investigativo.

Ao adentrar a FLONA<sup>12</sup> pela CE 061 subindo pela chapada do Araripe é perceptível que o clima já se torna ameno e frio, pois se contextualiza um ambiente de chapada cortado pelo asfalto aberto que serve as comunidades de origens agrárias. Ao subir a chapada esta estrada já constituída de asfalto se amplia e é possível o acesso ao centro do município de Barbalha-ce. Ao subir em direção ao distrito do Arajara à vegetação se encontra cortada pelas estradas de asfalto que dão acesso aos diversos sítios rurais que formam a área rural do município de Barbalha, município este que faz parte da macrorregião do Cariri formando um complexo contendo uma vasta biodiversidade folrestal e sendo área de preservação de várias espécies nativas. Quando se realiza o acesso através dos transportes alternativos ou como são conhecidos topiques encontradas na praça central da cidade ao adentrar o transporte inicia-se um passeio que permite conectar as pessoas a uma viagem no tempo no que se refere aos modelos mais antigos e rurais. Esses modelos em algumas cidades já foram extintos no que se diz respeito aos transportes e avanços tecnológicos.

A agricultura é um elemento fundante dentro do espaço geográfico que circula ao chegar até o sítio Arajara, lugar de interlocuções culturais entre a agricultura de subsistência e de busca dos produtos industrializados adquiridos na cidade. É neste universo geocultural que a terra é elemento fundante do terreiro como símbolo do pertencer, do sagrado e do lugar de abundância. Aqui o lugar transcende ao elemento terra e adquire um significado mais amplo, pois é no terreiro da casa do mestre que se concebe as simbologias, as intersecções culturais e seus diversos intercruzamentos.

---

<sup>12</sup> Floresta Nacional do Araripe localizada na chapada do Araripe é uma zona de encontro da caatinga, bioma predominante, com cerrado e Mata Atlântica. Diploma legal de criação: Decreto Lei nº 9.226, de 02 de maio de 1946. Ampliado pelo Decreto s/n, de 05 de junho de 2012.

Incorporado a este espaço se encontram significados e símbolos constituídos de saberes ancestrais concebidos de encruzilhadas que consistem em nos oferecer a possibilidade de interpretação dos trâmites de produção de saberes que emergem dos processos Inter e Transculturais (MARTINS, 2021).

Assim o terreiro Arte e Tradição está articulado a área rural do município de Barbalha- Ce onde reside o Mestre Chico e sua família. Este espaço geográfico define o terreiro na sua dimensão física como uma área que está constituída de espaços agrícolas e muitas frutíferas. É neste contexto agrícola e de criação de animais que Mestre Chico organiza sua dinâmica de subsistência familiar e que agrega outras pessoas como se fossem da família.

Destaca-se aqui que o terreiro ao ser transcriado em cada participante do grupo se representa também como parte de cada um, do seu corpo. Na dança do Maculelê é percebida a extensão do corpo como expressão corpórea em que o sujeito cênico se identifica. Neste caso o corpo faz parte do espaço que ele representa. Assim o seu corpo representa simbolicamente o espaço que ele cenicamente traz na sua apresentação. Neste sentido é que se faz necessária à discussão sobre como esses sujeitos que através das danças afro-brasileiras se identificam com as tradições da cultura negra tecendo uma identidade simbólica que reverberam em novas descobertas culturais acrescentando para seu repertório de aprendizagem o conceito de negritude e aceitando-se como elemento de discurso social (SALES, 2015).

### 3.2 Cenários filosóficos e simbólicos para a construção da cosmovisão



Figura 5 – Apresentação de banda cabaçal no Terreiro Arte e Tradição. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O terreiro Arte e Tradição apresenta seus aspectos filosóficos e simbólicos o que fica comprovado na fala do Mestre e nas falas dos seus integrantes expressas no Quadro 5 no tema 1. Cosmopercepções/ simbologias, sendo um dos principais aspectos filosóficos desses grupos de cultura a conservação dos seus ritos e rituais que se apresentam nos seus depoimentos. É pela tradição e salvaguarda das diversas práticas culturais que se torna possível preservar e perpetuar o respeito às suas crenças e filosofias, assim pela tradição é que algumas modificações são proibidas nas danças e rituais afrodescendentes. Quem tem a missão de salvaguardar e guiar os ritos e ações desses grupos são os Mestre e Mestras da cultura. Mestre Chico vai ao longo da entrevista ressaltando o forte vínculo com esta dança do Maculelê e como ele e sua esposa consideram respeitosamente os símbolos e crenças em todas as suas características originárias. Como afirma neste trecho:

Porque assim, é, quando eu coloquei o grupo Arte e Tradição, arte porque Arte é quem faz a arte, cria, busca, né, inventa, reinventa, mas a gente pode fazer tudo isso, mas não pode esquecer a ancestralidade e a tradição, né, tudo que a gente puder renovar brincar, colocar, [...] então assim é eu me sinto pai do Maculelê aqui da região, né, então, essa tradição do Maculelê, ela tem que ficar no máximo originária possível. (Mestre Chico Ceará em 11/11/2022).

Ainda no âmbito da tradição Mestre Chico se emociona ao relatar a primeira vez que viu a apresentação do Maculelê e que pediu licença ao Mestre que estava ministrando lá a tradição se referindo ao momento vivido em São Paulo em um evento de apresentações culturais. É neste momento que o mestre de lá dá permissão para que mestre Chico pratique o maculelê e outras danças no seu terreiro. Percebe-se que Mestre Chico fica emocionado ao falar desse momento e ainda ressalta que assume nesta hora diante do Mestre o compromisso e respeito à tradição junto ao repasse da cultura remanescente. Assim segue o relato desse momento marcante:

Então é assim, é muito massa porque na verdade o Mestre ele é sempre um aprendiz, é sempre um estudante, ele não tá pronto, né, ele vai se fazendo, ele vai se aprontando a cada dia, então eu costumo dizer né, que eu sou pescador de saber, porque quando eu busco uma coisa que eu posso alimentar e melhorar ela, sem tirar do fundamento da tradição ai eu faço, eu busco. E eu só vou pescar o que eu acho, e a gente quando vai pescar não pesca só o que quer, mas tem o direito de escolha, você só implanta no seu terreiro, você só bota na sua panela o peixe que você acha que vai dar o melhor sabor. Ai eu vou pescando esses saberes mas, ao mesmo tempo eu vou selecionando o que é que eu vou gerir, o que é que eu vou dar pros meus brincandos, o que eu vou plantar dentro deles (Mestre Chico Ceará em 11/11/2022).

Ao realizar a entrevista com Mestre Chico e a Mestra Corrinha é percebido ainda dois elementos que estão ancestralmente envolvidos nas suas falas compondo suas cosmovisões, são eles o respeito à terra e a natureza e a reverência aos seus ancestrais. Por meio das suas vivências reconhecem a história dos seus ancestrais negros e dos avós que contam às mandigas e as prozas quando se reúnem no terreiro à luz da lua. Quando o Mestre Chico fala sobre o nome do grupo e explica que na Arte ele encontra a criação e (re) criação e na tradição ele entende que é porque está compromissado com todo o seu Ethos e sua Ética no engajamento e fidelidade à tradição. Todos estes elementos que ele relata constituem a cosmovisão do Mestre e seu compromisso com sua identidade cultural.

Quando o mesmo se sente pai do Maculelê é observada a missão a ele confiada através da oralidade que se concretiza nas ações de cuidar, proteger e procriar os filhos geracionais da cultura o que revela assim um forte elemento que fundamenta toda cosmovisão de um Mestre consciente da sua filosofia e do seu compromisso ético e moral com a sua comunidade. São nesses valores que os membros do grupo formam-se nos processos identitários e se sentem acolhidos, assim se sentem como filhos legítimos como relata esta brincante dizendo *“É muito maravilhoso falar do Terreiro, falar do Mestre, falar da Mestra porque eles têm um*

*papel essencial na nossa vida, na vida de cada um que participa do grupo eu tenho certeza eles marcam de uma forma que é inesquecível”*. Por meio desse relato comprovam-se os laços de afetividade e acolhimento que emergem das relações sociais que se afirmam como constituidoras de aspectos filosóficos e simbólicos capazes de construir uma cosmovisão de mundo e de processos formativos significativos.

### 3.3 Processos da performance do Maculelê: ritmo, dança e símbolos materiais



Figura 6 – Performance do maculelê. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No processo de constituição do Maculelê do terreiro Arte e Tradição do Mestre Chico os brincantes são divididos em um grupo de mulheres e um grupo de homens além de um terceiro grupo que são os destaques. Esse terceiro grupo é composto de dois capoeiristas que se apresentam ao ritmo e toque dos atabaques e tambores e travam um grande combate com facões em suas mãos. Neste momento o restante do grupo bate num ritmo linear e sincrônico as suas armas que são paus. Esses “paus” conseguem dar à apresentação um ritmo de força e batida que para alguns integrantes seria impossível apresentar-se sem eles. Assim uma das brincantes ao ser indagada sobre o objeto central da apresentação afirma: *“Um dos objetos principais que não*

*devem faltar são os paus, porque eu acho que através deles que a gente consegue fazer a coreografia e ter o sentimento de saber se defender, podemos dizer que sim é o objeto principal.”*

Além de ser um elemento estético e coreográfico os paus de madeira se tornam um instrumento de som e da batida rítmica, o “pau” ou “cacetes” representam simbolicamente a defesa e na visão da cultura das tribos de África essa defesa não defende só a mim, mas a toda a minha tribo, onde a defesa do coletivo se torna central. Assim ensina o Maculelê, é ele, o Maculelê que mostra a sua força e defende o seu grupo. Neste sentido a história que cria a dança se estabelece no momento da sua rememoração e possibilita a construção de vários sentidos. Um objeto pode trazer diversas aprendizagens e se reverberar em múltiplos sentimentos gerando assim atitudes de enfrentamento a tudo e a qualquer adversidade que venha se colocar como opressora ou invasora.

Continuando a descrição sobre os aspectos da apresentação a mesma prossegue e após a batalha dos guerreiros que riscam os facões, os outros guerreiros caem como se já não conseguissem mais voltar à vida. Mas ai é que acontece o chamamento com a música da Jurema que é representada neste momento por Mestra Corrinha que chega com a ginga e a dança percussionada pela batida dos tambores e das vozes que cantam fortemente a aclamação à Jurema. Jurema na simbologia se identifica pelo espírito da vida que sai em cada componente do grupo que estava no chão e os acordam dando ao Maculelê a vitória na batalha.

Para manter a tradição e alguns elementos estéticos que são preservados e conservados é o mestre Chico que orienta o grupo. É possível que se perceba que os materiais utilizados são obtidos da natureza. Como afirma o mestre Chico:

Essa tradição do Maculelê ela tem que ficar o máximo originária possível, né dentro das pinturas que a gente busca, é, busca a questão da pintura afro né, usando muito branco, preto, é, porque que eu fiquei mais na estopa agora inveis da juta porque ela é muito terra, é muito parecido com nossa natureza, com terra, com chão né, porque quando eu busco o nylon, busco uma outra coisa e ela é muito colorida ai eu vejo que visualmente é muito bonito, mas ai eu vejo muito carnaval, muito outra coisa que não condiz muito com o Maculelê, ai eu busco a estopa crua, ai é, a junta crua, que é a estopa crua que ela é um elemento muito terra ai quando eu colo um vermelho que é dentro da guerra e tudo é mais pra um destaque, no é todos de vermelho, coloco destaque do Maculelê ou a pessoa que tá defendendo, né [...] (Fala do Mestre Chico Ceará em 12/11/2022).

O grupo orientado por Mestre Chico se reconhece um grupo multicultural por trazer na sua prática várias manifestações afrodescendentes de tradição. Neste sentido enfatiza que o pensamento dele ao fundar o grupo é pensar grande no sentido de ampliar suas características e suas performances dentro do contexto de suas apresentações. Afirmado também que para formar o grupo ele se espelha no Mestre Popó do Maculelê inclusive ele afirma acreditar que o Mestre Popó estava mais ligado a prática do Maculelê do que a própria capoeira e assim como ele que incluía sua família nas práticas culturais ele segue os seus passos. Mestre Chico também se inspira neste contexto para iniciar seus familiares e disseminar a prática não só da capoeira mas, de outras manifestações afrodescendentes como a mangaba, a dança do maneiro pau e o samba de roda.

Ao relatar sobre a prática do Maculelê do Mestre Popó, Mestre Chico infere a informação de que a prática é oriunda de Santo Amaro da Purificação na Bahia e que o Mestre Popó fazia o Maculelê. Ainda assim afirma que curiosamente ele praticava a dança dentro de um trem, que com o tempo ficou conhecido e que com o passar do tempo já não comportava mais a prática naquele vagão. E aí esse Maculelê começou a se espalhar pelo mundo inteiro através da Capoeira. Continua Mestre Chico relatando que os capoeiristas começaram a divulgar mais o Maculelê, ainda assim confirma que ele nasce dentro do movimento de capoeira e ganha outros elementos se tornando mais teatral e fortemente difundido como uma encenação atrativa do ponto de vista artístico.

É importante ressaltar que de fato mestre Popó se encontra como referência quando se busca pelo Maculelê muito mais do que como capoeirista, fato que é também questionado pelo Mestre Chico. Apesar das várias versões que fundamentam a história oral do Maculelê, Mestre Chico afirma que participa da oralidade que conhece que Maculelê é proveniente dos negros Malês e que ele recebeu a história que conta que no Brasil tinha um negro africano, um negro escravo que adoeceu de lepra foi expulso da sua moradia. Tendo seu dono pena de sacrificá-lo solta ele para não contagiar os outros. Então ele encontra uma tribo indígena e lá com ajuda do Pajé ele fica curado. Com o acolhimento e o uso de ervas o Maculelê fica curado do mal da lepra e aí se torna um dos integrantes da tribo. Embora não fosse biologicamente índio ele ficou acolhido na tribo, desta maneira não participava de algumas atividades como, por exemplo, o ritual da caça. Ainda conta que certa vez quando os indígenas

saem para caçar ele fica na tribo com as mulheres, crianças e mais velhos e é nesse momento que ocorre um ataque de uma tribo rival e ele sozinho trava uma luta somente com dois paus e ganha a defesa conseguindo vencer os inimigos. Assim por este feito heróico ele é aclamando como um deles.

Mestre Chico aponta que há outras histórias em relação à origem do Maculelê, mas que simbolicamente este guerreiro somos todos nós quando travamos nossas lutas e batalhas e que através da oralidade repassa para os brincantes a força da luta de cada um com seus próprios inimigos que muitas vezes está na mente de cada pessoa.

De acordo com a fala do mestre é percebido que embora as histórias coadunem para o enredo de um guerreiro que é denominado de Maculelê lutando assim em defesa do seu grupo o Mestre entende que há uma oralidade ancestral que simboliza o negro. Este negro simboliza a cultura negra que se interculturaliza com o indígena formando um guerreiro idealizado pelo sujeito que luta contra o inimigo, seja ele no campo real ou simbólico. Este guerreiro reagindo aos ataques do opressor que o quer dominar se materializa no momento da apresentação da dança se instaurando além do tempo e do espaço e representa cada luta por reconhecimento. Desta maneira Maculelê está em todos os lugares quando perpassa os sentidos e os fazeres humanos na busca por resistência.

Esta prática representada é um exemplo da junção justaposta de uma multiculturalidade afro-indígena, mas com necessidade de ampliar-se as discussões sobre suas singularidades apesar de se compreender que a performance da dança se expressa além da sua origem. Atravessando a temática em estudo Candau (2008) discute sobre as armadilhas e dificuldades para a definição de Multiculturalismo na atualidade no qual se percebem lutas por espaços sociais de grupos específicos que acabam criando e favorecendo divisões podendo acentuar apartheids socioculturais. Neste sentido sobre a luta pelas posições numa perspectiva multicultural Candau (2008, p. 51) afirma que:

Essas duas posições são mais desenvolvidas nas sociedades em que vivemos. Algumas vezes convivem de maneira tensa e conflitiva. São elas que em geral, são focalizadas nas polêmicas sobre a problemática multicultural. No entanto, situo-me na terceira perspectiva, que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade, por considera-la mais adequada para a construção de sociedades, democráticas e inclusivas, que articulem políticas de identidade (CANDAU, 2008, p. 51).



Favorecendo a discussão neste espaço de trânsito os conceitos e contribuições da interculturalidade são fundamentais dentro da possibilidade de entender como os grupos de cultura se constituem como comunidades com costumes próprios, mas que se imbricam nas características de suas origens perfazendo itinerários distintos e pessoais existentes e que não são replicados para outras realidades.

Assim o brincante de Maculelê vive seu momento de escravo negro no corpo que dança, emprestando seu ser e lembrando os antepassados: um povo que se faz outro povo através da fantasia dançante e que rememora a história de um ato heroico distante no tempo e no espaço, porém adaptado há outro tempo e outro espaço, ou seja, o tempo atual (LEOPOLDINO; CHAGAS, 2012, p. 4).

Ainda de acordo com Pinto Júnior (2016) o negro no Brasil se encontrou obrigado a assimilar traços dos seus colonizadores o que é apontado por Hall (2010) como uma tradução cultural da cultura africana em uma expressão cultural mestiça muito própria da diáspora. Assim é através das suas práticas e danças que eles encontram ainda hoje liberdade para exercer no território brasileiro sua cidadania e conservarem o elo com o território do qual foram expropriados. O Maculelê se torna uma oportunidade de retorno às origens com a possibilidade de retomada da ancestralidade que está presente no corpo- tela definido por Martins (2021):

O corpo-tela é um corpo-imagem constituída por uma complexa trança de articulações que se enlaçam e entrelaçam, onduladas com seus entornos, imantadas por gestos e sons, vestindo e compondo códigos e sistemas. Engloba movimentos, sonoridades e vocalidades, coreografias, gestos, linguagens, figurinos, pigmentos ou pigmentações, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços, grafismos e grafites, kumes e cromatismos, que grafam este corpo/corpus, estilisticamente como locus e ambiente do saber e da memória (MARTINS, 2021, p. 79).

O corpo, na performance do Maculelê ganha todos esses elementos se tornando poética e parte das Afrografias (MARTINS, 2021) que se estabeleceram da Cultura Afro-brasileira. As contribuições de Martins, 2021 através dos conceitos elaborados alguns fundantes na perspectiva da compreensão da questão em estudo serão detalhados ao longo dos capítulos deste trabalho. Um deles estará ligado diretamente a esta proposta em se tratar de um princípio que define a dança do Maculelê, é ele o conceito de Performance.

Este conceito se faz válido dentro do contexto de suas atribuições simbólicas e interpretativas que se faz de um conjunto de atributos que quer identificar uma prática.

Como por exemplo, temos no maculelê não só a dança, não só o teatro, mas um conjunto de elementos artísticos que compõem uma Performance artística complexa. O corpo do brincante se performa no seu espaço e é interpretado por ele e pelos outros, este corpo é lido e visto, podendo ser interpretado por aqueles que os assistem de modo que a música, o figurino e os movimentos se constituem num texto que passa a ter sentido a partir das concepções de quem os vê. A prática da dança do Maculelê como uma performance afrodiaspórica de rica variedade de marcadores africanos se contextualizam enquanto corpo/corpus vivos dotados de ancestralidade rememorando suas lendas e trazendo o tempo passado para conversar com o presente.

Retomando a ideia do conceito de cultura como símbolo socialmente construído e elaborado pelo grupo social como menciona Geertz (1926) sobre como a cultura se estabelece enquanto conceito semiótico dotado de símbolos e interpretações que cada sujeito faz subjetivamente é compreensível que cada brincante se instrumentalize a partir de suas crenças e filosofias e associe cada objeto utilizado na dança com sua evolução corporal ressignificando sua prática cultural.

Como afirma o mestre Chico Ceará durante a entrevista a prática do Maculelê é chamativa, explora os elementos visuais, chama a atenção do público e muitos jovens se sentem atraídos por seu ritmo e encenação, mas ele tem muito cuidado para que não fuja dos principais elementos como a batida, as cores e as chamadas, nestas chamadas dialógicas ele chama os brincantes para responderem aos diálogos musicais.

Embora entenda a necessidade e expresse preferência pela inovação concorda que existem marcadores que estão presentes nesta prática e que são insubstituíveis onde os mesmos estão presentes em outros maculelês que se propagam pelo Brasil, entre eles as músicas de entrada e outras músicas. Para finalizar este aspecto dada a riqueza dos elementos artístico do Maculelê destacamos que as músicas afirma o Mestre que não são as mesmas das outras práticas, as do Maculelê tem suas características e que chamam para o improviso e para a chamada de abertura que insere a criatividade do mestre.

Vamos todos louva  
A nossa nação brasileira  
Viva a dona Isabel  
Ai meu Deus

Que nos livrou do cativoiro?.

(Músicas de homenagear. Mestre Popó)

Além das autorias para homenagear há também as músicas de peditório que ocorre na saída as ruas, de apresentação, saudação temporal, louvação aos pretos de Cabindas ou Louvor a Nossa Senhora da Conceição, fulô da Jurema de influência indígena além de saudação de chegada e de despedida (Mutti, 1968). As músicas no Maculelê são grafias que se imbricam aos fazeres do povo sendo recriadas e vivenciadas a partir dos contextos das suas práticas sociais. O Maculelê encontra na música um cerne de início e de término onde perpassa o enredo da apresentação. A música é simbologia que estabelece na emoção trazendo aos brincantes a fluidez da sua afetividade e da ligação espiritual e ancestral dos seus membros. Em cada música o mestre e a mestra rememoram o personagem central, a jurema e seus elementos teatrais se fundem num espetáculo vivo e pulsante.

#### 4 MACULELÊ: PATRIMÔNIO PRESERVADO NO TEMPO E NO ESPAÇO



Figura 6 – Maculelê Arte e Tradição. Arquivo da pesquisadora.

A prática do Maculelê se concebe como um ícone da cultura afro-brasileira. Ainda assim se encontra no centro das apresentações artísticas sociais da cidade de Barbalha- Ce sendo este Maculelê um produto imitável. É possível que nem mesmo o próprio grupo repita perfeitamente a apresentação que realizou antes. A partir deste capítulo seguiremos a ouvir o Mestre Chico Ceará do terreiro Arte e Tradição. Ele trouxe o Maculelê de longe e na sua perspectiva subjetiva o recria, traça suas formas reais e materiais é capaz de estabelecer critérios éticos e estéticos. Este Maculelê ganha materialidade através da experiência do mestre Chico indo ao Sul do país em viagem a São Paulo e assim sobre sua história de iniciação ao Maculelê lembra:

Eu descubro que aqui no Cariri ninguém tinha feito Maculelê ainda, né então pra mim foi um prato cheio de assim, uma manifestações da gente daqui que estava meio assim adormecida e a gente, é quando eu volto ai eu começo aula de capoeira aqui na Arajara e também em Barbalha no Cine Teatro, assim como a capoeira tem o poder de ajuntamento muito grande então assim, é. Ai o que acontece eu peço e vou mostrar o Maculelê uma coisa que ninguém aqui nunca tinha visto, né, então eu peço a minha família, Dão de Jaime, Capilé e as outras pessoas, Aliciana minha irmã, eu peço esse pessoal mais próximo e ensaio a coreografia do Maculelê e monto o Maculelê aqui na região [...] ( Mestre Chico em entrevista dia 18/11/2022).

A partir das primeiras apresentações organizadas pelo Mestre Chico no município de Barbalha-Ce e nas regiões vizinhas no ano de 1992 junto com sua prática de Capoeira ele inicia a coreografia com seus familiares e alguns capoeiras que faziam parte dos arredores do sítio Santo Antônio do Arajara. É neste contexto que a sua esposa Socorro Alexandre começa a fazer parte do Maculelê conseguindo com que o protagonismo feminino tomasse parte das manifestações culturais do terreiro sendo acompanhada das cunhadas e sobrinhas que se sentiram impelidas a participar.

Através dessa informação a partir da escuta do mestre podemos afirmar que aqui no Cariri foi efervescente e ainda se perpetua a presença de grupos culturais que se formam a partir de familiares e de outros aglomerados que se percebem remanescentes negros onde se organizam por meio de práticas sociais comuns e que formam os grupos de reisados, quilombos, grupos de movimento negro e terreiros de religiões de matriz africana provando a existência africana cearense (RATTS, 2016).

Na fala acima Mestre Chico se refere a sua ida a São Paulo na década de 90 onde retorna a Barbalha com Capoeira, Maculelê e Samba de roda e toda uma experiência de ampliação do repertório cultural e que pode ser realizada no espaço do Arte e Tradição. O mesmo revela que foi uma experiência que ele rememora lá e traz para a sua vivência deixando clara a necessidade do intercâmbio cultural entre grupos de cultura local e também em nível de capital.

Na defesa de uma capoeira Arte e não minimizada a prática esportiva é que Duarte (2022) contribui na defesa da importância dos intercâmbios capoeiras no sentido de fazer com que as comunidades praticantes da cultura interajam e busquem cada vez a construção de sua identidade afrodiaspórica. Mestre Caboré (pesquisador e capoeirista) ao escrever sobre a “Virada Cultural”, evento de intercâmbio constituído de uma Terreirada no Cariri, este evento de intercâmbio cultural consegue reunir os grupos do Arte Tradição e outros terreiros de capoeira da região para uma interatividade de práticas onde se fazem inter cruzamentos de experiências e diálogos. Nestes diálogos são refletidos a filosofia e o sentido das práticas culturais em cada ambiente comunitário. Mestre Chico em entrevista e alguns membros do Arte e Tradição relataram como saíram fortalecidos após a primeira Virada Cultural promovida pelo mestre Caboré e mestre Chico além da participação de outros mestres regionais. Sobre o evento Silva (2022) afirma:

O evento nos marca pela capacidade de troca de conhecimentos, realizado a partir do diálogo entre os grupos e as pessoas participantes, e assim, poder sair da perspectiva de capoeira apenas enquanto uma luta, para vivenciar e mostrar aos capoeiristas que a capoeira dialoga intrinsecamente com as outras manifestações culturais (SILVA, 2022, p. 45).

É relevante para o movimento dos grupos de cultura que estes eventos aconteçam, pois ações como esta são fundamentais para que a tradição seja fortalecida e que a força vital (Axé) como energia se torne mais forte proporcionando a preservação do patrimônio cultural forjado nas relações socioculturais presentes no interior dos grupos de práticas culturais. Este Patrimônio Cultural deve ser preservado no tempo por meio dos seus descendentes e no espaço por fatores materiais no que se refere aos lugares de memória que precisam ser respeitados e conservados pelo fato de serem dotados de história dos seus grupos sociais.

O Terreiro Arte e Tradição neste universo de efervescência cultural podemos dizer que se configura como um celeiro de manifestações culturais que disseminam cosmovisões de preservação das suas origens. Assim como aponta Nogueira (2021) segundo a UNESCO estas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados se concebem como patrimônio imaterial. Além das comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural. A autora acima ainda aponta que a identidade regional do cariri mantém relação estreita entre o espaço habitado e a construção desse espaço pelos seus atores. Ainda assim a relação do homem com a natureza do seu lugar e sua intervenção e intervenção no mesmo levou ao reconhecimento histórico e nacional da região articulando as belezas naturais com a cultura. A partir disso destaca que a apropriação dessas riquezas aliadas ao regionalismo caririense agrega políticas culturais voltadas ao turismo contribuindo para o crescimento de projetos de preservação da natureza capacitando o crescimento de outras áreas socioeconômicas.

Nas entrevistas realizadas aos seus integrantes ao serem perguntados sobre como se sentem se apresentando no interior do terreiro Arte e Tradição e comparando com outros ambientes sociais externos e outros eventos eles apontam a forte diferença que o “lugar” infere nas suas percepções:

Sim, lá no terreiro do Mestre Chico Ceará é mais confortável, dá uma energia maior a pessoa não vai ficar com vergonha porque a gente já conhece, só que outros lugares quando chama a gente para apresentar já parte uma

energia que chama a gente pra lá que é da cultura do nordeste, ai é tipo, como eu posso dizer, só chama agente para amostrar pra dizer ó aqui tem, tem essa cultura, mas quando está no terreiro já é uma coisa que a gente percebe que aquelas pessoas estão ali para ver nossa apresentação que gosta muito da cultura e faz parte deles, a comunidade já sente aquela energia boa, e gosta de ir pra lá. Só que em outros canto tipo eles dizem a meu deus como é muito massa, é muito contagiante, fica só nisso não tem aquela energia de reconhecer ai tipo a energia já é diferente de um lugar para o outro (Entrevista concedida em 22/11/22).

Para a imersão neste universo cultural foi de grande valia a experiência de escuta entre seus membros, pois se infere um caráter etnográfico mesmo em curto tempo, porém de uma riqueza interpretativa gigantesca ao se deparar com as falas e suas subjetividades. Desta forma foi possível compreender alguns recortes deste campo investigativo, desses grupos remanescentes e buscar a ampliação ao campo da compreensão desta Cultura. Neste sentido recorre-se aos conceitos desenvolvidos por Martins (2021b) quando discute as Afrografias e amplia a arte dos grupos culturais para além da Arte apenas representativa.

A autora citada acima amplia a discussão em estudo através do conceito de performance já falado anteriormente atribuindo a apresentação teatral destas danças de origem afro um valor ancestral delineado por sensações de pertencimento e simbologias. Ao perceber a performance desenvolvida por grupos oriundos das encruzilhadas com culturas de África a autora valoriza e centraliza o corpo/corpus africano como elemento dotado de signos culturais. Ao falar de simbologias e afrografias da memória se concentram discussões sobre a ancestralidade africana e como de forma consciente afirma a cultura negra como uma cultura de encruzilhadas. Assim explica Martins (2021):

Base de pensamento e de ação, a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartografia basilar para a constituição epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos. E nos oferece a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e trans culturais, nos atuais se confrontam e se entrecruzam- nem sempre amistosamente- práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos enfim (MARTINS, 2021, p. 51).

Assim estes conceitos são basilares para que compreendamos a prática do Maculelê como uma práxis que amplia os campos da materialidade e se estabelece na subjetividade humana. Outro aspecto que contribui para a compreensão mais ampla são as descobertas dos chamados de rituais de linguagem existentes junto aos reis e reinados dos Congados os quais se percebem similaridades através da composição das letras das músicas dançadas pelo Maculelê e pela própria Capoeira,

como parte das manifestações de África. Muitas dessas músicas e letras de músicas compõem o repertório herdado, muitas das palavras de base foram herdadas pelos rituais dos reis e perpetuam-se junto às rodas de samba e de capoeira instaladas em todo território nacional.

Ao se deparar com os depoimentos do Mestre Chico é possível pensar que ele com sua experiência de vida e propósito coadunam com a história de grupos que se iniciam com o objetivo de preservar a cultura afrodescendente e ameríndia através de uma pessoa que idealiza a proposta e se torna líder. Estes grupos que depois se tornam instituições tem o objetivo de manter a tradição por meio da oralidade e da constituição de um lugar. Através da propagação da cultura local estes idealizadores buscam meios de valorização e representação no campo jurídico e político. A história de Emília Biancardi pesquisadora e fundadora do grupo Viva Bahia, o primeiro grupo folclórico, sendo ela professora de música e grande amante da cultura afro-bahiana contribuiu para que a capoeira e o candomblé resistissem às repressões sociais e policiais sofridas da década de 60.

A mesma contribuiu com pesquisas sobre as raízes populares e assim cria o grupo Viva Bahia em 1962, este grupo parafolclórico da Bahia se torna um grande articulador de divulgação e luta dessas manifestações culturais e se afirma elemento vital para que os mestres se difundissem no mundo e em outros países, o mesmo segue favorecendo o intercâmbio cultural, esta mesma busca e vontade é percebida na personalidade e propósito de vida do nosso mestre Chico, esta vontade de dar aos grupos e as práticas melhores condições de sustentabilidade e organização. Assim Emília Biancardi publica livros Como é o caso do livro: “Olelê maculelê” publicado como resultado da busca da trajetória do Maculelê na vida popular das microrregiões onde observou as evoluções, evoluções estas apontadas também na fala do mestre Chico Ceará.

A autora ressalta que na Bahia a dança perdeu um pouco da sua originalidade de raízes africanas. Esta autora quando conselheira no Conselho Estadual de Cultura da Bahia lutou na inserção de uma “Ordem do Dia” emitindo uma Moção contra a divulgação da interpretação errônea que identificava o Maculelê como capoeira retirando da prática a sua individualidade e singularidade. Este fato acelerou sua intenção de fazer uma nova edição do seu livro que foi lançado posteriormente. A



mesma demonstra em suas falas a preocupação com as crescentes e evidentes mudanças dos elementos característicos da manifestação popular.

A leitura do seu livro é recomendada por vários Mestres e se difundiu especialmente pela internet através dos vários sites dedicados à capoeira e ao Maculelê. No site Portal Capoeira referência de toas estas informações encontra-se a solicitação da autora pedindo que os mestres enviem suas experiências e encontra-se a caracterização de Santo Amaro da Purificação na Bahia com um lugar marcado pelos verdes canaviais, rico em manifestações da cultura popular de herança africana, berço da capoeira baiana e palco de surgimento do Maculelê, dança de forte expressão dramática, destinada a participantes do sexo masculino, bailada ao ritmo dos atabaques e ao som de cânticos em dialetos africanos ou em linguagem popular.

A dança do Maculelê era apresentada nas celebrações profanas locais comemorativas ao dia de Nossa Senhora da Purificação no dia 02 de fevereiro a santa Padroeira da cidade. Não obstante Santo Amaro e Barbalha possuem algumas similaridades quando se referem à vegetação canavieira e também por possuírem forte influencia cultural de África e da diáspora. A autora afirma sempre que o Maculelê era o mais contagiante pelo ritmo vibrante e riqueza de cores o que caracteriza a tradição em manter sua forte ligação com as danças afrodescendentes e as manifestações que acompanham historicamente o rico e variado aspecto estéticos nas manifestações culturais afro-brasileiras.

Barbalha e Santo Amaro mesmo que distantes geograficamente comungam de uma prática afrorreferenciada como afirma Cunha Jr. Citado por Martins (2021) que todas as Manifestações culturais afrorreferenciadas há o componente ético como gerenciador do sistema cognitivo produzindo valores éticos que regulam as vidas cotidianas das sociedades africanas nomeadas tradicionais tendo seus rituais de tradição no sentido de repetição no tempo e transmitida por um ritual social normativo. Ainda com diversas versões sobre sua origem conseguem convergir para aspectos presentes e semelhantes, onde é percebido o poder da oralidade como método de transmissão da prática e da incessante busca de coerência em relação aos marcadores da afrodescendência.

Tanto na Capoeira como no Maculelê ambas práticas representadas pelo Mestre Popó encontramos presentes marcadores baseados na tradição oral e na aprendizagem pela experiência que perpassam a vontade de inovação. Sendo assim

elas conseguem habilitar os mestres na prática de salvaguardar sua origem e seus elementos identitários, elementos estes que não podem desaparecer no momento da representação da dança. Os elementos éticos e estéticos não devem se dissociar garantindo o prazer estético por meio de uma compreensão ética fundamental, constitutiva de todas as qualidades do saber (MARTINS, 2021).

#### **4.1 O tempo espiralar e suas contribuições na prática do maculelê a partir dos figurinos e pinturas**

Você bebeu Jurema  
 Você se embriagou  
 Com a fulô do mesmo pau,  
 Vosmicê se levanto.

(Música da Jurema. Domínio Popular)

O Conceito de tempo espiralar (MARTINS, 2021) está atribuído a uma busca por um conceito que contemplates as múltiplas dinâmicas que circundam as apresentações culturais do Maculelê. As afrografias chamadas pela autora concebem-se da pluralidade de manifestações que se inscrevem no contexto social brasileiro. São muitas e múltiplas as variedades de danças e folguedos que se apresentam. Na tentativa de melhor inferir sobre o tempo que estas afrografias se inserem, sendo este um tempo observado a partir da memória é que se chega ao tempo espiralar.

Espiralar porque ao se remeter a uma espiral consegue dar a ideia de transitar entre os seus espaços: passado, presente através da memória. A partir dessas postulações podemos dizer que a mesma nos permite romper com as concepções tradicionais sobre o mesmo. É que passamos a enxergar um tempo movimento. Esta abordagem infere que este tempo espiralado abdique da rigidez que se lhe impõe como um tempo fixo, um tempo estático, mas a partir dela inaugura um tempo flexível que mesmo presente vive a memória do passado revisitando as experiências vividas por seus ancestrais. Na lógica desse tempo espiralado é que podemos pensar um Maculelê que se rememora a cada apresentação e é possível que nas suas escolhas de adereços e figurinos os grupos façam opções por materiais que dialoguem com este pensamento. Para que o tempo espiralar seja experienciado é preciso que a performance expresse uma harmonia entre o conjunto dos elementos estéticos entre eles as pinturas e os adereços usados pelos grupos.

Para que a distribuição desses elementos visuais nem sempre os grupos de Cultura dispõem de recursos materiais e financeiros para investimento. Neste contexto mestre Chico relata sobre as dificuldades de figurinos:

A gente vai se reinventando dentro das nossas condições e no que a gente tem, né, quando eu aprendo o Maculelê lá em São Paulo, lá eles conseguia indo da Bahia levar as saias de palha da costa, só que quando a gente vem pra cá, ainda era difícil, né, e quando agente conseguia era caríssimo, palha da costa então eu fui inventando junto com Corrinha transformando. Ai fomos fazendo de tecido cru depois fomos fazendo de saco de Nylon ou de saco de estopa, sempre utilizando elementos naturais ( Mestre Chico em 17/11/2022).

É muito presente na vida social dos grupos de cultura a presença das necessidades e dificuldades de acesso aos materiais que garantem a estética e a harmonia entre os figurinos utilizados. Apesar de todos os cuidados já mencionados na preservação da tradição junto aos grupos de cultura os mesmos precisam se reinventar nas suas ações para garantir que a performance não se descaracterize. Ao conversar com Corrinha esposa de Mestre Chico é percebido um zelo pelas escolhas dos materiais e adereços utilizados muitos confeccionados pelas mulheres do grupo.

Mestre Chico destaca que a sua esposa é a “Mestra cuidadora” ela se tornou a mãe a acolhedora, aquela que organiza os brincantes e eles a chamam de Tia Corrinha com um reconhecimento pelos cuidados que eles sentem que ela direciona. Apesar de a Tia Corrinha não ter oficializada a sua formação em Mestra da Cultura é possível se perceber em cada fala que ela já o é de fato, pois cada integrante entrevistado enfatiza o seu lugar de Mestra quando organiza a tradição e orienta cada integrante. Assim a Mestra Corrinha a partir dos seus trabalhos à comunidade será identificada neste trabalho como Mestra da cultura como reconhecimento da sua presença em todos os âmbitos da manifestação cultural em estudo.

Mestre Chico aponta que a cultura ela oferece abertura para criar e ele traz o Maculelê de São Paulo aprendido pelo mestre Zambi, que aprendeu com Mestre Suassuna, e assim sucessivamente de geração em geração. Através da tradição oral e do repasse para os herdeiros a tradição se (re)inaugura através do tempo. Este tempo ele não é o tempo cronológico, perfeitamente estático, mas um tempo de idas e vindas. Esse tempo chamado de tempo espiralar na concepção dos povos africanos não se estabelece apenas em um estágio, mas transita entre sua ancestralidade que se rememora no seu presente e que se reconstrói para o futuro.

Dentro da filosofia afrodiaspórica herdamos um passado manchado pelo escravismo que fomos convidados a (re)significar em busca de um futuro digno e

desta maneira o tempo como unidade basilar fundamenta o resgate à história de um povo e rememora o passado para no presente construir o futuro. Ao definir o tempo como espiralar Martins (2021) colabora afirmando que o tempo antes de ser cronologia ele é ontologia. Sendo uma passagem, ele inaugura e se torna uma passagem habitada pelas infâncias do corpo. Advoga assim que todas as manifestações culturais e artísticas exprimem a visão de mundo de um povo, nos conhecimentos culturais incorporados se manifestam saberes de várias ordens.

Esses saberes estão presentes em tudo que somos e fazemos, sobretudo respondemos a cosmopercepções que nos constituem. Também respondemos a constituições de tempo e de temporalidades. É importante que a discussão entre o tempo seja traçada, pois esta investigação trata de descrever as inter-relações entre corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes. Os saberes que estão postos e dispostos nas culturas afrodescendentes permitem que sejam descritos em relação ao tempo e este tempo não é somente o tempo cronológico, mas o tempo concebido a partir do olhar trazido dos africanos para América. A autora contribui explicando que se refere ao tempo como espiralar, pois é a palavra que melhor consegue descrever um tempo que não é curvilíneo, mas que se movimenta entre curvas pra frente e pra trás.

Somente nas temporalidades curvas é possível que tempo e memória se tornem imagens que refletem. E essa imagem refletida se configura a partir da experiência antropológica do interlocutor. Assim o tempo espiralar consegue compreender que os saberes estão corporificados nos sujeitos que vivem suas experiências e as compõem em sua memória. Assim como o tempo o conhecimento também se inaugura como espiralar, pois não é estático, mas se reconfigura através do tempo e do espaço simbolicamente.

Os bantos, povos que contribuem na formação das tessituras das filosofias de África denominam alguns substantivos que nos sugere a definição de um tempo que nos remete a múltiplas interpretações da dança e ou da performance ritual das danças concebidas a partir das concepções afro-brasileiras:

Numa das línguas Banto do Congo, o Kicongo, o mesmo verbo, tanga, designa os atos de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se, ainda o substantivo ntangu, uma das designações do tempo, uma relação plurissignificativa. Aqui numa coreografia de retornos, dançar é inscrever no tempo e como tempo as temporalidades curvilíneas. A performance ritual é pois, simultaneamente, um riscado, um traço, um retrós, um tempo recorrente e um ano de inscrição, uma afrografia (MARTINS, 2021, p. 81).

Nessa citação a autora converge para que a dança do Maculelê seja descrita de forma que não só uma arte parada no tempo, mas que se reinaugura a cada performance apresentada, a cada ensaio no terreiro capaz de cartografar pelos seus movimentos rítmicos e se inscrever na história contemplando a sua força motriz corporificada.

Ao assistir a uma performance do Maculelê é observado uma inscrição corporificada num espetáculo de força e enfrentamento, sem nenhuma dúvida se expande para além do tempo materializado mas se inscreve como corpografia. Este corpo é reorientado para a libertação uma vez que é pelo corpo que a escravização se inicia para que posteriormente invada a mente. O corpo é assim por excelência onde se instalam as diversas cosmovisões que são capazes de torturar, fragmentar e destruir o ser humano. A dança permite que este corpo transite entre suas histórias, seus anseios e suas memórias possibilitando a releitura das suas experiências reais e materiais.

Um conceito que merece ser discutido é o conceito de tempo espiralar quando a autora explicita que o corpo negro dentro do transe performático consegue estabelecer entre os tempos e espaços da história de forma a transcriar seus sentimentos e transcender em suas próprias crenças além de organizar sua percepção de si, da sua ancestralidade negra e do mundo. Sobre este tempo espiralar infere Martins (2021a):

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológicas e cosmológicas que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (MARTINS, 2021a, p. 23).

Na dança do Maculelê se estabelece através da interpretação simbólica a síntese perfeita entre curvas, tempo e memórias. Interpreto que estas curvas estão representadas nos movimentos que os brincantes são capazes de realizar e que simbologicamente instauram o tempo, aquele que rege o todo inclusive a história. Para que o tempo não desgaste a manifestação tradicional da cultura é que ele se faz espiralar, sendo interpretado por esta vertente ele não é estático, mas é transportável possuindo o poder de unir seus estados. Nele passado e presente se desencadeiam em pleno movimento espiral que produzem uma mística de futuro pela perpetuação.

Não é possível se falar de perpetuação da cultura sem nos remetermos aos filhos, pois é neles que julgamos que a tradição continue. Neste ensejo uma das brincantes afirma que se sente feliz em criar seus filhos num ambiente possibilitador de tradição afrodiaspórica e que percebe que eles se sentem orgulhosos de dizer pros colegas que ele são do Maculelê e que são da capoeira. Neste testemunho reverbera o conceito de que é possível perpetuar o caráter civilizador do pertencimento e reconhecimento como que aquela prática cultural lhe pertence, faz parte de sua vida, assim este é mais um fator educacional presente no contexto em estudo.

Para o tempo que se reverencia na cosmovisão africana é compreendido enquanto espiral que se delineia em ondas que possuem movimentos. Estes movimentos de retornos entre o passado, o presente e o futuro se inaugurando um tempo além do cronológico. Sendo este tempo espiralar que é sempre impregnado de memórias ao passado, sendo presente e restaurando o futuro, daí a ideia de espiral que se envolve em curvas que são contínuas e se ligam entre passado e presente trazendo à tona à força vital.

Esse corpo que dança se instaura como corpo individualizado, mas que traz a ancestralidade como matriz desse corpo que se constitui também como corpo coletivo e parte do corpus cultural (MARTINS, 2021. P.59). Sendo assim é de suma importância que estes brincantes como são também caracterizados não sejam minimizados e fadados ao desaparecimento (GINO, 2020), pois necessitam estar se reinventando, mesmo nas suas simbologias.



Figura 7 – Início da performance. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Embora dê mais ênfase aos figurinos que se utilizam também se destaca pelos golpes de luta através de seu instrumento mais relevante que é o pedaço de pau que seguram nas mãos. Interessante é que essa prática se estabelece no interior dos grupos de capoeira e se materializa com o uso de diversos materiais naturais que enfeitam suas roupas e performances. Desta maneira ao se deparar com a apresentação cultural do Maculelê é possível que se encontre a partir do olhar de quem os observa com um variado repertório das manifestações Culturais Afro-brasileiras que se determinam a partir das imbricações e significados vindos do Continente Africano e que ao chegarem ao Brasil se reinventam com suas próprias práticas sociais. Desta maneira buscam manter-se num lugar de ressignificações das suas origens apesar de receberem contribuições de outras culturas e de outros padrões filosóficos e religiosos.

## 4.2 O Maculelê no processo de afirmação no campo das relações étnico-raciais e suas perspectivas

Foi através dela que eu consegui superar meus medos e através dele também que eu reconhecer o meu talento durante a vida.

(brincante do maculelê, 2022)

Este corpo sofrido por entraves escravistas e subordinantes compreende suas manifestações de forma que percebe a necessidade da sua tomada de consciência sobre o processo de afirmação que é necessário para que se integre aos saberes da manifestação cultural. Neste sentido para a compreensão do contexto cultural desses brincantes sabemos que é por meio da cultura que os homens se identificam numa relação de subjetividade.

Neste sentido em busca de conceito sobre a cultura Mesquita e Medeiros (2019) cita a definição de Zumthor que a define enquanto um conjunto complexo e heterogêneo de modalidades discursivas comuns de uma sociedade. Assim mesmo na sua transformação a cultura preserva os elementos e a estrutura tradicionais que vão sendo passadas para as gerações dentro de uma determinada cultura, mas que pode se sobressair para além do seu local de origem, sendo ressignificada de modos diferentes. Assim estes modos ressignificados podem ser repassados por meio da educação o que nos permitirá a chance de estar em contato com expressões culturais criadas há séculos. (p.208).

E é exatamente isso que se constata na prática do Maculelê no terreiro do Mestre Chico a cultura ganha novos artefatos e são ressignificados outros símbolos, mas o que se mantém são a tradição, os valores e a reverência aos seus ancestrais. Mas a cultura também perpassa o campo das relações étnico-raciais, âmbito este que está intimamente ligado aos contextos sociais onde em sua identidade alguns integrantes do grupo se deparam com a indagação da cor da pele, dos estigmas e das comparações.



Todos estes textos que se leem sobre os corpos negros que ali se performam estão embasados nas concepções de que a cor nos impõe muitas vezes uma superioridade racial que não está contemplada pelo campo da cultura, mas que perpassa as relações e as suas problemáticas. A fala da brincante quando afirma “Tem o nome assim terreiro ai acha que assim, aquela pessoa fala assim, meu Deus tem o nome terreiro acho que eles fazem macumba, mas não é só porque a gente faz a capoeira, apresentações, lá no terreiro de casa, de frente de casa ou do lado...” expressa bem os preconceitos que se definem a partir de elementos simbólicos sobre a prática cultural, como o “terreiro”, “tambor”, “macumba”.

Na fala da brincante é percebido o quanto a palavra adquire uma simbologia significativa, pois é interpretada pela sociedade como algo pejorativo ou ruim como é o caso da palavra “terreiro” e “macumba”. Ambas retratam o cotidiano de comunidades negras e religiões afro-brasileiras e estão imersas em um significa preconceituoso e colonialista estigmatizando até hoje as culturas oriundas de África. É neste contexto que se constitui uma tarefa essencial à fala na defesa de um pensar antropológico para a realidade racista que se apresenta por meio das concepções de “negritude” e “branquitude”.

Colaborando com a temática da Cultura Cardoso (2010) ao discutir sobre a branquitude e a superioridade racial branca indica que no Brasil se estabelece a construção de uma identidade racial branca como identidade nacional herdada pelas concepções do conde de Gobineau no século XIX e que se perpetuou com a justificativa pelo argumento sobre a necessidade de proteger os povos originais do estado nacional. Assim a identidade nacional é associada à identidade racial e étnica, logo o nacional autêntico seria o branco, colaborando com as ideias colonialistas e racistas construídas ao longo de séculos. Percebe-se com estas contribuições que ao estabelecermos como objeto de estudo grupos de cultura advindos de práticas dos colonizados e escravizados, por conseguinte também serão tratados e até constituídos como sujeitos minorizados, menos capazes e etnicamente desclassificados do padrão de ser e poder estabelecido pela sociedade vigente. Estes grupos de cultura afrodescendentes se encontram no centro das discussões sobre as africanidades por serem potenciais de recuperação de memórias e presenças afirmativas para o processo de resgate de identidade étnica e que por serem dotados

de direitos se estabelecem enquanto produtores de saberes e possuidores de originalidades e reinvenções artísticas.

Ainda assim Cardoso, 2010 contribui afirmando que as práticas racistas não são dirigidas somente aos negros, mas aos imigrantes e aos seus descendentes, neste caso o imigrante substituiria o negro a esse fenômeno se denominou neorracismo, racismo sem raça, etnicismo racial e Racismo Cultural. Na última nomenclatura deixando claro o afastamento da ideia biológica de raça e se aproximando mais da identidade nacional e étnica as denominações desses racismos vai depender do enfoque de cada autor.

Com estas inserções teóricas podemos constatar que os grupos de cultura afrodescendentes como o Maculelê, por ser uma composição de práticas de resistência e na contextualização da etnia africana, povoados e fundados por rituais de matriz africana encontram nos espaços da sociedade hodierna as marcas da discriminação e do preconceito articulados como frutos do Racismo Cultural, este racismo encontra-se forjado em concepções de homem e de relações sociais que são editados e pré-editados aos moldes da sociedade classista, elitista, europeísta e capitalista dos nossos dias. É nesta sociedade que os grupos de Cultura Popular se constituem como uma pergunta, uma elucidação, um grito à lucidez: Onde está o negro que brinca seus ritos e dança seus ritmos, arranjados com os tambores e berimbaus tocados pelos povos originários da mãe África? Quem são eles? Onde moram? Como sobrevivem? Desta forma é importante pensar que as pesquisas que envolvem estes grupos tendem a trazer para seu entorno as temáticas sobre branquitude e negritude que tendem a emergir e responder alguns questionamentos que envolvem esta temática.

Assim as reflexões sobre branquitude, negritude e mestiçagem são necessárias para entendermos o Brasil e suas concepções, além de constituir temática fundamental para pesquisas envolvendo grupos de afrodescendentes. Os estudos culturais e suas prevalências sobre outras culturas se tornam objeto central nas pesquisas atuais na área, a cultura afrodescendente aparece como emergindo aos padrões da ciência e na quase utópica luta contra os padrões cientificistas da ciência elitista se constitui como fator de resistência na luta por seus reconhecimentos e espaços. Desta maneira na busca teimosa e persistente da literatura de autores e autoras negras podemos africanizar nossos sonhos, permitindo que estas produções

ganhem destaque e sejam lidas nas mais diversas áreas do conhecimento. Muitos desses autores e autoras invisibilizados por suas ideias revolucionárias e antirracistas experimentam e contestam os padrões, os estigmas e o viés de pensamento colonialista vigente na sociedade brasileira e nos nossos cotidianos sociopolíticos.

Guerreiro Ramos (1995) institui a sua crítica à aculturação do negro, trazendo contribuições sobre como o povo negro é visto no Brasil e por isso reverbera seu pensamento sobre uma sociologia brasileira, onde destaca que antes de estudar a situação do negro no Brasil é necessário examinar a literatura pretendendo desmascarar seus equívocos e denunciar a sua alienação, Ramos 1995; p.165 destarte trazendo para este trabalho uma incursão aos estudos sobre os grupos de cultura constituídos por negros afrodescendentes e propondo assim uma tessitura entre a fala de GR e suas interlocuções para com o processo de aculturação que envolveu os povos negros e seus descendentes, como reflete Campos, 2015:

Essa crítica à aculturação emerge de uma autocrítica paulatina que Guerreiro promove, à medida que se aproxima do TEN e, sobretudo, dos estudos sobre o negro no Brasil. Ao relatar os primeiros contatos com tal bibliografia, ele sempre menciona seu “espanto” com o modo exotizante com que o negro é tratado: “[...] a gente toma um susto quando faz esta verificação, pois, à primeira vista, tinha-se a impressão de que havia no país uma consciência do problema [do negro], criada pelos numerosos livros escritos sobre o tema” (RAMOS, 1950 *apud* CAMPOS, 2015, p. 98).

Tal espanto advém do fato de que nossos estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro “[...] instalaram entre nós um certo saudosismo e desviaram a atenção da população pigmentada da necessidade de superar muitos dos seus estilos culturais desajustados a uma sociedade organizada sob a forma capitalista” (RAMOS, 1950 *apud* CAMPOS, 2015, p. 98).

Partindo deste pressuposto apontado por GR na fala de Campos podemos tecer uma tarefa crítica ao constatar que no Brasil o poder político com seus arranjos servem de armadilhas para inserir no cotidiano do seu povo os desvios de atenção para questões centrais que poderiam ser gatilhos disparadores de mudanças estruturais para todos os âmbitos da sociedade. Sobretudo vislumbrar mudanças às dimensões ideológicas de exploração e escravismos instauradas até hoje dentro das diversas camadas sociais. Mudar a atenção, desviar os focos acaba por serem estrategicamente medidas de protecionismo para manutenção do poder hegemônico e do lucro, da apropriação do consumo e do poder de compra. Desvelando os conceitos econômicos se inter cruzam os conceitos culturais e ideológicos convergindo a favor de um nacionalismo “enlatado” menos nacional e mais internacional possível.

Estes conceitos são descidos goela abaixo ao brasileiro que se vislumbra pelos ideários europeizados internacionais, passando a acreditar naquilo que vem pronto de fora e desprezando o que formulamos aqui no nosso país.

Colaborando ao significado de Cultura e contestando Oliveira Viana numa perspectiva crítica, GR (1995) afirma que:

Dispensamo-me de maiores comentários sobre o fato inequívoco de que a “cultura”, como repertório de objetos e símbolos, constitui uma realidade extra-somática, isto é, algo que cada indivíduo tem de adquirir na e pela convivência. O que, no caso, merece particular atenção é a tese do branqueamento do povo brasileiro. A sua adoção por Oliveira Viana, nos termos acima enunciados, é desconcertante e nisto revela certa ambivalência no sociólogo fluminense. Quem acertou tanto na crítica do caráter transplantado da cultura brasileira, não deveria, logicamente incorrer nesse engano (GR, 1995, p.180).

Ao realizar colocações importantes no discurso sobre o problema do negro na sociologia brasileira Guerreiro Ramos foi perssuasivo e enfático na defesa de uma produção que coaduna com um conceito de cultura abrangente, crítico e consciente da complexidade da mesma, sobretudo no Brasil. Um país que colonizado por europeus foi povoado por africanos e sofreu todos os sincretismos possíveis desde o campo físico ao campo ideológico. Desta forma e colaborando com esta reflexão as contribuições que Ramos, 1958 já aponta em toda sua obra sociológica ao formular uma Teoria de caráter propositiva da delimitação dos Sistemas sociais aponta para uma proposta de atitude que deva influir para superação de uma sociologia voltada ao interior da essência permitindo o transcender com liberdade e autonomia, esta teoria como cita Goulart, Dornelas e Reineh (2010) ao se referir sobre os grupos de hip hop sob o pensamento de GR:

Por isso, a atuação dos grupos de hip hop de Porto Alegre remete à noção de redução sociológica, formulada por Guerreiro Ramos em 1958, que a apresentou como um método baseado: 1) na assimilação crítica da produção sociológica estrangeira; 2) numa atitude parentética, que permita ao indivíduo transcender, no limite do possível, os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra sua expressão livre e autônoma; e, 3) na superação da sociologia calcada apenas na reprodução de conceitos nos meios universitários (GUERREIRO RAMOS, 1996). Assim, a redução sociológica converte o modelo universal e acrítico da sociologia em uma atitude crítico-assimilativa (GOULART; DORNELAS; REINEH, 2010, p. 7).

Embora os autores acima estejam se referindo a um objeto diferenciado e contexto diferente de grupos de cultura do Maculelê para a luz da Teoria sociológica de GR vem contribuir para reflexão de como os grupos de cultura, mais especificamente os grupos de Maculelê constituem prática transcendente permitindo aos seus membros uma produção sociológica crítica apesar dos condicionamentos

que se inserem contra sua expressão cultural e autonomia, sobretudo nos padrões de sociedade que se estabelece nos dias atuais. Por conseguinte as práticas culturais de proposta afrodescendentes se apresentam como uma atitude de resistência e conquista de espaços geradores de crítica-assimilativa como aponta Ramos (1965).

Neste sentido as práticas desenvolvidas por grupos que se formam por meio de uma cultura específica e por ideias em comum como no caso os grupos de hip hop e trazendo para grupos culturais de base africana e suas manifestações constituem espaços de convivência social e de cosmovisão compartilhadas e se constituem como espaços de desenvolvimento de autoconsciência coletiva como afirma GR nas suas elaborações citadas por Goulart, Dornelas e Reineh (2010): “A autoconsciência coletiva e a consciência crítica são produtos históricos. Surgem quando um grupo social põe entre si e as coisas que o circundam um projeto de existência”.

[...] A personalidade histórica de um povo se constitui quando, graças a estímulos concretos, é levado à percepção dos fatores que o determinam, o que equivale à aquisição da consciência crítica. “A consciência crítica surge quando um ser humano ou grupo social reflete sobre tais determinantes e se conduz diante deles como sujeito” (GUERREIRO RAMOS, 1965 *apud* GOULART; DORNELAS; REINEH, 2010, p. 60-61).

Para contribuição desta consciência crítica no interior dos grupos de cultura pode-se constatar que os sujeitos conseguem refletir sobre seus valores, suas crenças e ideias a partir da vivência social e estabelecem relação com a memória de seus ancestrais, se reconhecendo como dotados de cultura própria, pertencimento e cosmovisões identitárias de um povo. Por tudo isso se reconhecem sujeitos históricos, produtores de saberes e capazes de promover autossustentabilidade e presenças afirmativas de direitos nos diversos espaços da sociedade.

Para os estudos com grupos de cultura específicos e após as contribuições à luz de uma sociologia brasileira atravessados pelo pensamento de GR e com objetivo de compreensão destas práticas encontra-se na etnografia e nas suas bases caminhos para um método capaz de suprir a necessidade de registrar sua práxis, por se tratarem de grupos com particularidades diferenciadas e que se assumem como “outro” capaz de produzir no pesquisador uma interlocução com diversos graus de consciência entre ele e a prática desses brincantes. Em se tratando dos grupos de cultura popular a pesquisa se estabelece no campo sociológico e antropológico emergindo para a filosofia. Por esta razão e contribuindo a este entendimento sobre pesquisa etnográfica e folclore aponta Diniz (2010):

Na introdução de um de seus manuais de pesquisa, Dina Lévi-Strauss ressalta que o papel da etnografia é fundamental para alcançar objetivos e “necessidades tão especulativas como práticas” através de “pesquisas de natureza tão particular”; também, a professora argumenta em seu manual sobre a importância de realizar pesquisas etnográficas “nas regiões longínquas do interior, como nos bairros das cidades, ou nas menores aldeias”. Diz Dina Lévi-Strauss sobre a pesquisa antropológica: “o método etnográfico apresenta-se como um esforço de solução, mas de solução concreta, do tradicional problema do conhecimento do “outro”, do problema da comunicação das consciências”. “Quando o objeto de estudo é a cultura popular, o folclorista se considera mais etnógrafo do que historiador” comenta Rubino (1995:500) (DINIZ, 2010, p.135).

Este teórico destaca que os estudos que refenciam os grupos sociais desempenham um papel balizador das diversas desigualdades étnicas que se instituem nas mais diversas amplitudes e categorias institucionais. No Brasil as discriminações étnicas e racistas se prefiguram nas mais minuciosas situações que variam desde situações expostas até as seleções no interior de grandes instituições e centros operadores. O mercado do capital continua a reverberar as mais diversas formas de preconceito étnico-racial envolvidas em diversos níveis, perpassam os mais diversos lugares e espaços, de maneira que os atores envolvidos com práticas culturais remanescentes de África tendem a lutar com maior esforço para realizar sua conquistas.

A discriminação e o preconceito também se constata quando os sujeitos sociais praticantes das culturas de terreiro apresentam divergência no que se referem as suas singularidades. Ao se reconhecer como alguém que pensa diferente ou que se concebe fora dos padrões hegemônicos da sociedade do capital que impõe seus valores vemos esses corpos serem condenados a um não-ser, a uma desumanização que os impede de ter direito a serem como são. Em relação às disparidades que estas relações apresentam segue o relato:

Particularmente eu prefiro me apresentar no terreiro, porque tipo é, é minha casa, é, e lá eu me sinto mais a vontade, eu recebo muitas, tipo como é que eu posso falar, eu recebo muitos conselhos da, principalmente do mestre e da Tia em questão de eu ser da comunidade LGBT e acabo que eu não posso expressar aquilo que eu sou em outros locais tipo, que tem pessoas que não aceitam é como é que eu posso falar, que acha que isso tem que ser, tipo eles estão preso dentro de um tabu, e que precisa realmente ser expandido, e por isso eu não me sinto tão bem me apresentando em outros locais [...] (BRINCANTE DO MACULELÊ, 2022).

A fala que conseguimos ouvir reflete a realidade de muitos integrantes das diversas práticas de cultura. Algumas experiências encontradas em algumas comunidades são a falta de aceitação e respeito aos membros que se declaram LGBT ou que se assumem com outras denominações que não coaduna com os padrões

sociais e de poder que herdamos da nossa forte história baseada em poder hegemônico dominador. É importante que esta fala seja contextualizada para que se perceba a existência desses atores que dependendo da experiência traz uma marca de sofrimento pela luta de seus direitos e espaços.

Abre-se assim condição para um estudo mais detalhado que pudesse inserir arcabouço teórico capaz de discutir tais questões tão necessárias à sociedade atual, mas sigamos na confiança que a fala da pessoa acima já se constitui em denúncia, fazendo a mesma um desafio para que outros estudos sejam fomentados nestas perspectivas. A fala de um representante da comunidade LGBT é um ato de coragem e de esperar novas propostas que estimulem a garantia de direitos a todos, todas e todes que estejam no interior das práticas culturais comunitárias.

### **4.3 O espaço e suas definições na perspectiva de constituição do ethos para as práticas diaspóricas**

Nesse texto em movimento, o narrar, cantado e dançado, é sempre um ato de constituição e construção simbólicas de uma identidade coletiva, na medida em que reagrupa os sujeitos e os investe de um ETHOS agenciador (MARTINS, 2021).

Que lugar é este de múltiplas práticas? O espaço do terreiro não se limita ao campo apenas geofísico e sim um espaço que transcende a geografia ao reconceituar o espaço reconfigura o conceito de espaço que como afirma (SANTOS, 1996) quando analisa o espaço como categoria que reflete a ontologia do espaço a partir de estruturas internas a ele. Ainda contribuindo sobre esta temática o autor segue em defesa de um espaço híbrido que expressa à realidade e suas transformações.

Este espaço representa não só as espacialidades do território objetivo, mas se expande para retratar este espaço como um espaço que está interiorizado em cada participante do terreiro e eles o levam aonde vão sendo independentes da sua materialidade. O terreiro do Mestre Chico está nas suas vidas, nas suas histórias e não se dissocia ao entrar em outros ambientes, como o escolar, mas, se constituem referenciais basilares para a constituição do Ser.

Assim sendo é necessário compreender e estudar o terreiro Arte e Tradição como locus de produção de saber em seu espaço transformado e que também transforma. O lugar do terreiro é criado na medida em que o povo utiliza este território tornando-o um espaço (SANTOS, 1978) espaço este compreendido como produção

humana quando se relaciona com a natureza sempre mediada pelas técnicas do seu tempo, este espaço é transformado e produz mudanças nos seus habitantes trazendo transformações. Mestre Chico assim confirma o motivo do terreiro ter recebido este nome:

[...] Porque é assim quando fala, é Mestre Gil e Arte e Tradição né o terreiro Arte e Tradição não tem como a gente de uma coisa específica sem falar nas outras como que tem o maracatu, que também tem a mangaba, que também tem o samba de roda, que também tem a quadrilha junina, que também tem os caretas, né, e enfim que tem um pensamento grande (MESTRE CHICO CEARÁ em 20/11/2022).

Para definir o conceito de espaço será necessário compreendê-lo como um conjunto de representações sociais permeado de relações sociais que se imbricam por processos e múltiplas funções. Constantemente este espaço se revela com um campo de forças, que não se desenvolve igual, mas que é orientado por cada povo, por suas famílias e vivências sociais. O espaço é uma junção de ações que se caracterizam pela práxis coletiva que exprimem as relações sociais, sendo estas relações de poder regidas por grupos que se formam. Por isso mesmo embora reflita o fator social o espaço é um conjunto de relações sociais, reitera o passado e o presente e se constitui de um lugar de vida, morada do homem e permeavelmente flexível. Cada sociedade organiza-se pelo homem social que produz seu espaço como lugar de sua própria produção (SAQUET; SILVA, 2008).

No que tange a prática do Maculelê do Terreiro Arte e Tradição é encontrada no interior de um município da macrorregião do Cariri chamado Barbalha e que se concebe como foco central de estudos regionais no panorama das Manifestações Afro-brasileiras. Este lugar como espaço utilizado como território de afrodescendência é referenciado por uma constituição de caráter social agrário e se faz peculiar por suas agregações de jovens e adultos que se entregam a favor da cultura e caracterizam a cultura de África por meio da roda de Capoeira, do samba de roda e do seu Maculelê.

A dança se reconhece no lugar, neste lugar é central os instrumentos de capoeira e assim foi construídas estruturas como é o caso da coberta de alvenaria com chão apropriado para as apresentações e assim chamado de coberta da capoeira além de uma arquibancada em meio ao espaço de roça e de árvores frutíferas que rodeiam este lugar. Este espaço é resultado da dialética socioespacial materializando-se na relação espaço-tempo sendo consideradas como categorias analíticas-



fundamentais da geografia de um lugar específico numa perspectiva materialista (SANTOS, 1978).

Partindo para o município de Barbalha, município que está sob a Floresta Nacional do Araripe, a prática do Maculelê é vivenciado pelos vários grupos de capoeira que se constituem no entorno da cidade, sendo situados nos sítios e bairros periféricos da cidade. Em se tratando do lócus aqui em estudo ao movimento até a Floresta do Araripe pelo município de Barbalha em direção ao sítio Santo Antônio do Arajara trafega-se por vários sítios que formam a área rural do município chegando ao Terreiro do Mestre Chico Ceará ou Terreiro Arte e Tradição como assim é batizado.

Ao se deparar sobre a pista asfaltada é perceptível a transformação geográfica do lugar, seu desenvolvimento comunitário e os elementos trazidos pela forte transformação do acesso às demandas urbanas e geográficas percebendo elementos adicionados na arquitetura que transforma o ambiente natural da Floresta Nacional do Araripe (FLONA) (Impressões do diário de campo da autora em 17/11/22).

Ao chegar ao Terreiro Arte e Tradição do Mestre Gilberto ou Mestre Chico Ceará, os familiares do Mestre assim como a comunidade o reconhecem pelo nome Mestre Gilberto ou simplesmente Mestre Chico Ceará da capoeira, com ambas as denominações é possível que se realize uma imersão filosófica e etnográfica perpassada de sentimentos que remete a paz e tranquilidade que o ambiente de floresta pode proporcionar. Mestre Chico Ceará e Mestra Socorro Alexandre ou Mestra Corrinha residem no seu espaço residencial no meio de árvores frutíferas e de criação de animais e hortas.

Este espaço ainda se constitui de uma casa de morada e um espaço de passeio coberto de alvenaria que Mestre Chico utiliza para acolhida e eventos e também ministra as aulas e ensaios de Capoeira. É possível observar que as crianças da família vivenciam espaços naturais e de alimentação natural dentro de uma lógica de liberdade diferente do espaço urbano e hostil dos grandes centros das cidades da Região. Foi observado que os menores brincam livremente pelo terreiro e se alimentam das frutas que lhes são oferecidas pela própria natureza demonstrando-se seguros com o seu espaço geográfico e cultura em todas as suas dimensões.

É de suma importância destacar o acolhimento e a generosidade quando se chega ao Terreiro Arte e Tradição para conversar sobre os trabalhos desenvolvido

pelo Grupo Arte e Tradição e sua trajetória. Mestre Chico Ceará relata que embora seja sua residência familiar, ali é um lugar de ancestralidade e harmonia. Mestre Socorro ou Tia Corrinha como os brincantes lhe chamam também nos remete a uma pessoa simpática que se coloca a disposição da cultura sem colocar dificuldades demonstrando acessibilidade a sua experiência com a prática cultural. O que se observa é uma dedicação do casal aos ensaios e roda de capoeira que se concebe no interior desse lugar onde muitos jovens são acolhidos. Mestre Chico Ceará e Mestre Socorro possuem filhos, netos e sobrinhos que participam ativamente das práticas desenvolvidas no Terreiro e particularmente alguns da dança do Maculelê.

Em entrevista para este trabalho é percebida a emoção que ambos comunicam no olhar quando se referem à prática do Maculelê e como o Mestre Chico destaca a força da dança, sua performance e suas dimensões, dimensões estas que estarão sendo discutidas mais adiante neste trabalho. Mestre Chico afirma que conheceu a Capoeira no município de Crato-Ce na década de 80 e foi fazendo Capoeira sozinho sem mestre por morar no sítio e ser agricultor (entrevista dia 17/11/22), a data exata que ele viu o Maculelê foi dia 03 de maio de 1987 quando viajou a São Paulo no início de maio e pode assistir a outras Manifestações Culturais.

Ele destaca a importância do intercâmbio entre os diversos grupos interestaduais e o compartilhar experiências levando depois ao pensamento de querer formular um evento que possibilitasse a integração entre terreiros e praticantes de Capoeira. Mestre Chico se emociona ao falar de que em São Paulo ao ser convidado para assistir as apresentações dos grupos de Capoeira de lá viu a abertura do evento com Maculelê. Por ser uma apresentação de forte ritmo e batidas se torna uma Manifestação que não tem como não chamar e impactar, principalmente as pessoas que já estão ligadas com suas raízes e sentimento ancestral. Mestre Chico fala que após o Maculelê teve uma puxada de rede seguida de Capoeira e por último um samba de roda para fechar as apresentações. Como ele afirma na sua fala sobre sua experiência que ficou impelido a buscar ampliar as práticas já existentes aqui no interior o que poderia dar possibilidades de constituir um complexo cultural que representasse as várias manifestações da cultura afrodescendente. Assim contribui:

Eu sempre me incomodava com aquela situação do pessoal quer só uma coisa só, eu vi a apresentação do maneiro pau era só o maneiro pau, reizado era só o reizado, e aquilo me incomodava muito. E eu por fazer parte das outras culturas daqui é eu me apaixonei principalmente pelo Maculelê, eu olhei para o Maculelê e disse: eu vou aprender essa cultura e quando eu

chegar no cariri, de volta para minha terra, ai eu vou fazer o maneiro pau com dois paus, um maneiro pau diferente, porque eu nunca gostei da mesma coisa né, renovar, eu em pouco tempo aprendo o Maculelê e em pouco tempo eu já começa ser a peça principal que é aquela pessoa que bate o facão e que é o protagonista da história do Maculelê, né e eu sempre fui uma pessoa muito curiosa e na questão da oralidade porque naquela época não existia celular, estas coisas pra gente tá gravando, quem tinha um gravadorzinho era pessoa rica, né. Eu aprendi lá dentro da oralidade e o maculelê tema referência do mestre Popó, certo, de Santo Amaro da Purificação e ele fazia, juntou sua família, e começou a praticar o Maculelê dentro do trem em santo Amaro e se tornou começando a se espalhar pro mundo inteiro através da Capoeira. Os capoeiristas começou a divulgar mais, (Mestre então a gente pode dizer que o maculelê nasce dentro do movimento da Capoeira, mas vai ganhando outros elementos para rememorar a história?) Isso, inclusive eu não vou nem te afirmar que o mestre Popó era Capoeirista, quando agente coloca mestre Popó a referência dele vem mais direto com o Maculelê, entendeu então assim, eu vi várias histórias sobre o Maculelê [...] (DESCRIÇÃO DE ENTREVISTA CONCEDIDA A PESQUISADORA EM 17/11/22).

Na fala do Mestre é possível o estudo de vários elementos que se agregam e se alinham com a história e as referências apontadas neste trabalho. Uma observação relevante é que embora o mestre procure inserir novos elementos a sua prática cultural o mesmo deixar claro que é necessário não distorcer os elementos e marcadores presentes na tradição de África, como por exemplo, o material de confecção das suas vestimentas, onde afirma que preza por ser elementos naturais que não atingem as suas originalidades e que irão remeter ao pertencimento à terra, aos seus ancestrais e as origens africanas. Mestre Chico também a ponta que inovar não significar romper com suas origens, mas no tempo atual e na sua visão a criatividade do Mestre é controlada pelos seus ideias e compromisso ético para que assim a tradição seja preservada dando continuidade ao processo de patrimonialização que será discutido posteriormente dentro dos aspectos da prática do Maculelê.

## 5 SABERES DA PERFORMANCE DO MACULELÊ TECENDO A EDUCAÇÃO FORMAL: A PERCEPÇÃO DOS BRINCANTES DO MACULELÊ

A escola básica formal ainda se encontra muito distante de proporcionar uma efetiva valorização e assimilação das culturas afro-brasileiras dentro dos seus mais variados aspectos. Em se tratando do Maculelê foi possível analisar nas falas dos integrantes que a escola particularmente tratando daquelas que atendem tais brincantes ainda discorre com desprezo em relação às práticas culturais praticadas por alguns alunos que residem na comunidade. Sendo assim perde excelentes oportunidades de aprendizagem ativa e dinâmica que poderia garantir a imersão dos educandos no espaço comunitário instigando a valorização e autoestima pessoais e coletivas. Corroborando a este pressuposto a brincante mãe de dois filhos menores relata:

Infelizmente eu ainda vejo a escola muito distante e os pais também, é, era uma coisa que podia ser muito melhor valorizada porque é um berço de riqueza, a gente ali, então lá agente pode trabalhar o cultivo da terra, o aprendizado de ciências mexendo com a terra, com as plantas, geografia e como funcionam as casas, a localidade, a importância da comunidade... então assim a escola ela tá perdendo muito é uma coisa que a gente tava até comentando esses dias, vieram chamar o grupo para apresentar de última hora... então assim era um espaço que o ano todo poderia tá contribuindo com a escola entendeu? [...] (BRINCANTE DO MACULELÊ E GRADUANDA DE PEDAGOGIA, 2022).

A prática do Maculelê pode contribuir significativamente no âmbito da escola formal auxiliando o professor e mostrando para os discentes que por meio do movimento, o ser humano interage com o meio ambiente e se relacionam com os outros. Nesta abordagem de interação é que as práticas culturais de origem africana e indígena vêm se oferecer para fazer parte do currículo da escola formal sendo esta prática inclusiva mediada pela legislação através da Lei nº 10.639/03 que vem para oportunizar o conhecimento e a valorização da cultura africana em nosso território nacional. Temos a legalidade, mas com certeza precisamos avançar para a legitimidade.

Ao relatarem sobre como percebem a função da escola formal no que se refere a oportunizar a valorização e contemplar nos seus planejamentos as práticas de cultura popular os integrantes que ainda se encontram frequentando a educação formal refletem afirmando que:

Assim eu vou ser sincero, hoje em dia a escola visibiliza mais aquela pessoa que é formada e isso é uma coisa que eu acho muito errada, tem pessoas que são formadas e não tem um pingão de conhecimento, a gente tem que ter certeza disso, tipo exemplo o mestre, o mestre tem sete anos, dez ou mais eu não lembro quanto e ele tem um conhecimento amplo, e uma pessoa que é apenas graduada naquela área... mas tem aquela pessoa que fez quatro anos de educação física e eles dão direito a ela de ensinar e não ao mestre, entendeu? [...] (BRINCANTE CURSANDO O ENSINO MÉDIO, 2022).

É percebida na fala acima que o descontentamento e reivindicação em relação à escola onde estuda é verbalizado como um desabafo ao perceber a estrutura de poder que se instituiu nas instituições educacionais sejam elas públicas ou privadas levando ao entendimento que os saberes tanto do mestre da cultura quanto de um professor graduado estão respaldados sob o direito de pleitear a vaga junto ao ensino formal. Esta fala ainda nos faz levantar discussões sobre as relações de poder que reverberam em todos os níveis da educação formal brasileira. Desta forma será necessário que haja o enfrentamento dessas pautas em todos os âmbitos da sociedade em busca de solucionarmos os problemas gerados junto a estas discriminações que ainda não conseguimos superar.

Outra brincante que cursa o ensino fundamental opina afirmando que o mestre em determinada área, no caso a capoeira, teria mais conhecimento para ensinar aquela arte ao comparar a outros que às vezes invisibiliza a cultura, a mesma afirma: *“Ai eu acho que a escola deveria buscar mais pessoas que teriam mais conhecimento daquela área...”*

Outro brincante afirma sobre a prática dos docentes da sua escola “Eles não vão atrás pra ensinar pros alunos aprender o que significa não chamar que aquilo é macumba”. Aqui podemos compreender a crítica que eles inferem à ausência de práticas e/ou projetos capazes de desenvolver a empatia e os valores de respeito ao outro e as suas práticas religiosas sejam qual for. Esta denúncia na fala afirmativa do discente promove-nos a urgência de retorno às disciplinas que trazem a cultura de paz e as competências socioemocionais para o centro do processo educativo nas escolas formais de educação.

Detalhar as implicações que se derivam a partir desses contextos verbais descritos nos traz o sentimento de que estas contribuições poderão produzir reflexões contundentes que gerem mudanças satisfatórias dentro dos aspectos metodológicos

da educação escolar. Estas mudanças partem de pressupostos teóricos que norteiam a vivência de práticas que valorizem o que os akunos aprendem na vida cotidiana, na vida do terreiro. Contribuindo a esta ideia outro brincante relata os saberes que aprende no terreio e que não são validadas como conhecimento na escola formal, assim a brincante relata:

Olha, sobre, vou falar no geral assim em questão do terreiro eu aprendi assim, muitas coisas que realmente na escola eu não aprendi questão da nossa ancestralidade, é a ancestralidade da gente vem de uma, uma forma, como é que eu posso falar, do índio, né, do índio e do africano ai faz a mistificação, ai tipo, nessas coisas ai a gente só aprende que os europeus vieram para o Brasil, colonizaram aqui e foi isso, a gente não tem aquela, aquele reconhecimento sobre os negros que vieram da África [...] (BRINCANTE, 2022).

Coaduna junto as questões de ausência da escola formal na valorização das práticas culturais dos discentes a urgente necessidade de eliminar as dificuldades ainda existentes no panorama geral dos programas de ensino e nas práticas de sala de aula brasileiras uma vez que no quesito das identidades e pertencimentos étnicos-raciais vêm deixando lacunas de grande importância para a formação integral das crianças e jovens (LUZ, 2019).

### **5.1 A escola formal pode contribuir com as práticas culturais afrodescendentes?**

Não se trata só de prédios, salas,  
Quadros, programas, horários, conceitos...  
Escola é sobretudo, gente.  
Gente que trabalha,  
Que estuda  
Que alegre, se conhece, se estima.  
(Paulo Freire)

Neste momento é chegada a hora de falarmos sobre o que a escola nos é capaz de proporcionar, pois a educação não deve ser tratada como se não fossemos humanos. Ao trabalhar com seres humanos a educação tem na sua essência um ideário humanista. Seria muito óbvio se todas as instituições de educação seja em que nível de ensino conseguisse colocar na prática aquilo que para educação seria óbvio. Educar para humanizar parte do pressuposto que deve-se atender a toda a comunidade das pessoas que a compõe e assim levar em questão que todos possuem saberes que a vida e as experiências nos dotaram.

A valorização dos saberes construídos e internalizados pelos brincantes deveriam ser pressupostos indispensáveis na construção de novos saberes. Esta escola formal tradicional que educa gerações está aprendendo, mas ainda é percebida uma lacuna no que diz respeito à promoção de práticas colaborativas entre escola e terreiro o que seria uma oportunidade exitosa para a aprendizagem dos educandos. Colaborando a esta discussão outra brincante revela:

Porque a escola já existe há muitos anos lá, os mestres estudaram lá, o mestre Chico e Corras (apelido carinhoso a Mestra Corrinha) estudaram lá, os filhos deles e agora nossos filhos estudam lá, então é uma escola que pegou todas as gerações da comunidade e podia aproveitar melhor, é, o terreiro em si pra contribuir com os vários saberes [...] (BRINCANTE DO MACULELÊ GRADUANDA EM PEDAGOGIA, 2022).

Na fala acima é prefigurada a necessidade da função social da escola formal em assumir uma postura de salvaguarda e, além disso, de respeito às diversas culturas dos seus educandos uma vez que se confere a esta instituição a laicidade através da legislação e também a missão de ser um contexto público e plural.

Nas práticas observadas neste depoimento da brincante do Maculelê o quanto a escola formal adota a não ação entre os espaços sociais e assim assume uma postura cada vez mais isolada e descontextualizada da realidade dos seus alunos. Colaborando com esta temática Silva, 2022 apoiados em estudos de Cunha Jr., 2005 constata que a escola sempre historicamente assumiu uma postura de invisibilidade quanto às questões africanas e afrodescendentes coaduna que a capoeira não se concebe como dissociada da vida pelo contrário na capoeira a possibilidade de uma “Prática Cultural Educativa” disseminadora de valores ancestrais. É neste sentido que se comprova por meio de todas as falas aqui registradas que a dança do Maculelê ao preservar suas memórias ancestrais também não se aplica fora da realidade da vida e que por isso pode e deve ser articulada aos conhecimentos da escola formal dando sentido aos conteúdos escolares fortalecendo vínculos afetivos com o espaço escolar e possibilitando a reflexão sobre a vida, a comunidade, a natureza, o território e sua manutenção.

A escola tem como função legítima formar educandos capazes de quebrar conceitos pré-estabelecidos e oferecer espaços mais respeitosos uma vez que a leis que a regem preconizam tais valores. Sobre o papel da escola formal em relação a educação para as relações étnico-raciais Duarte (2022) contribui:

Sendo a escola uma instituição pertencente à sociedade, estará ela imersa em conflitos e lutas ocorridas no campo social. É assim que as atitudes preconceituosas chegam na escola. Muitas/os de nossas/os professoras/es, gestoras/es e técnicas/os educacionais responsáveis pela condução da educação brasileira transferem seus valores pessoais as instituições das quais estão à frente, propagando e inculcando, mesmo de modo velado ou não intencional, o preconceito e a discriminação racial (DUARTE, 2022, p. 122).

Colaborando a necessidade de que é preciso que a escola atenda aos legítimos processos de respeito às diversidades culturais ainda assim o autor acima cita que tanto a Lei nº 10639/03 e a nº 11.645/08 não foram implementadas e que é latente a retórica social que nega os valores afrodescendentes e indígenas no Brasil.

Segundo Marim e Pinto (2020) as Manifestações Culturais Afro-brasileiras nas quais é possível observar as cosmovisões e rituais oriundos de África são cada vez mais vítimas de preconceito e discriminação pela sua identidade que se apresenta diferente dos padrões religiosos e filosóficos das religiões ocidentais, cristãs e de concepções de mundo e de Deus do homem monoteísta, catequisado e colonialista.

Diferentemente das religiões cristãs e monoteístas os sistemas de religiões africanas estabelecem muitas entidades que regem o universo e que são orquestradas dentro de um cosmo que caminham harmonicamente caracterizados por identidades diversas. Por esta razão estes grupos oriundos da Cultura Africana vivenciam o preconceito e a resistência da aceitação das suas práticas religiosas levando com isso a serem incompreendidos e desrespeitados pelas suas cosmovisões, uma vez que se distanciam do monoteísmo cristão e se concebem com suas entidades e divindades. Os mesmos ocupam seus espaços e com resistência conseguem manter suas práticas materializando-se através das suas crenças naturalísticas e religiosas.

Estes grupos também enfrentam uma realidade sociocultural perversa no que se fala da discriminação em relação ao que se constituiu como “Macumba”, “espíritas”, “culto aos mortos e aos demônios”. Tudo isso levou as práticas religiosas Afro-brasileiras a serem tratadas com desprezo, menos válidas e até proibitivas pelo sistema social vigente arrastando este estigma de ser do mal até os dias de hoje. Quando nos referimos a uma realidade social que estigmatiza e rotula as pessoas e os corpos a escola é parte do contexto social dos brincantes e se insere como uma instituição que detém um espaço social que de acordo com seus princípios deve



favorecer a inclusão social dos seus agentes sejam eles de que classe ou grupo social pertença. Como afirma a brincante retratando estas relações:

Assim, na escola os meus colegas, os alunos, sempre fica dizendo que aquilo que a gente faz, a capoeira, o Maculelê é tipo como se fosse macumba, só que eu vou lá digo pra eles que não é, eles fica tirando onda comigo, cantando a música é que o maranhão é terra da macumba, fazendo as brincadeiras, só que eu digo: Não é, é, teve uma colega minha que veio me perguntar sobre a capoeira [...] (BRINCANTE EM IDADE ESCOLAR ENSINO FUNDAMENTAL, 2022).

## **5.2 A constituição de uma pedagogia não formal transmitida pela prática afrodescendentes e seus aspectos de aprendizagem**

“ Lá eu aprendo a Educação, tem gente que diz assim, meu Deus, mas assim meu filho, ele respeita mais o senhor que é o Mestre que a mim que sou de casa porque o mestre ele ensina a gente a se educar, respeitar os mais velhos, ele ensina, é, o respeito”...

(Brincante do Arte e Tradição em idade escolar)

Nos estudos que abordam as práticas culturais afro-brasileiras coadunam para inserção de uma pedagogia não-formal ou saberes do fazer que perpassam os alunos ou brincantes através da aprendizagem, ao ser inserido nestas práticas os indivíduos adquirem uma vivência corpórea que traz contextos que refletem nas suas produções e processos de aprendizagens empíricas os chamados saberes da coletividade de seus grupos (SALES, 2015).

Colaborando com a ideia de que este brincante das culturas afrodescendentes são produtores de saberes é cabível refletir que ele não é um ser passível que somente recebe as locuções do grupo, mas que ao interagir com seus pares nos seus espaços elabore reflexões, dúvidas e argumentos descobrindo sua subjetividade. Esses atores sendo reconhecidos produtores de ideias não só reproduz a arte, mas a produz no sentido de inferir nela a sua identidade. Assim, na perspectiva de uma formação crítica se torna necessária uma percepção apurada das aprendizagens nos brincantes, no sentido de que cada situação social contada pela oralidade no terreiro lhes garante um aporte de apreensão de novas aprendizagens. Para esta afirmação o brincante colabora:

O pai de Corrinha que a gente chama carinhosamente de Mozé, mas é seu José Teófilo, conta sua histórias, ele conta muita história tem dia que ele ta

inspirado para contar história, ele conta a história de quando ele passava que tinha o coronel lá, que ele tinha que pedir a benção ao coronel, então o coronel passava ele tinha que pedir a benção pro coronel e ele contou até uma vez que ele falou e se eu não for pedir a benção pro coronel e ai o coronel chamou um cabra pra poder bater nele uma vez, então é uma coisa mais recente mas ainda assim mostra escravidão, e enfim [...] (BRINCANTE DO MACULELÊ SOBRE AS VIVÊNCIAS NO TERREIRO, 2022).

Nesta fala são relatados diversos elementos norteadores de um aspecto de aprendizagem expressado pela oralidade do mais velho do terreiro ancorada pela possibilidade de se enriquecer dos relatos autobiográficos que se configuram em verdadeiros conteúdos e infundáveis processos subjetivos de apropriação de saber. Os saberes informais se encontram imersos na vida social dos povos. Em si tratando dos povos oriundos de cosmovisão africana estes saberes são traduzidos e repassados pela oralidade e se perpetuam com respaldo emanado pela tradição.

É importante que a escola do terreiro, esta escola livre que tanto ensina e por isso mesmo aprende e sendo assim é dialógica (Freire, 1987), tenha suporte legislativo para que seus saberes sejam respeitados e resguardados. Os saberes aprendidos nas vivências culturais possuem o mesmo valor dos conteúdos sistematizados no ensino formal? Esta pergunta ainda não foi respondida para a área da educação, pois a mesma nos remete olhar para uma só Educação. Esse olhar que enxerga a educação como fator de crescimento seja ela formal ou informal é que garante uma aproximação com a visão freiriana e que se alinha a valorização da educação como um patrimônio da humanidade e não como algo sequestrado por determinada cultura.

Silva, 2022 aponta que a capoeira encontra na pretagogia (PETIT, 2016. P.665) uma metodologia pedagógica que garante no âmbito da educação formal fazer com que o ensino das artes culturais se organizem dentro desse parâmetro sistematizado que é o currículo formal. A proposta pedagógica é forjada nos princípios das culturas afro-brasileiras e afro-diaspóricas trazendo nove fundamentos e entre eles estão dois que jugo estarem mais diretamente ligados a este estudo em especial. São eles: o autoconhecimento afrodescendente e a tradição oral.

O autorreconhecimento foi preconizado em todas as falas que se registram aqui nesse estudo o que evidencia que é o que garante a permanência do brincante dentro da prática do Maculelê. E em segundo lugar a tradição oral que é constituinte basilar desta pesquisa e de toda a análise descritiva aqui exposta. Ambas fundamentam as práticas de Maculelê que hoje se encontram preservadas graças a sua incorporação

por grupos de capoeira, sendo assim tanto ela quanto a capoeira concebem saberes que podem estar formalizados ou não, mas que detêm seus valores e seus atributos educativos. Neste sentido como o Maculelê nasce essencialmente na vivência da capoeira é afirmativo que a aprendizagem destas práticas ou batuques se deem pela experiência social ou práxis da performance. Esta práxis social está alimentada pela motivação existencial e do sentimento de pertencimento a uma família e a uma comunidade que acolhe e liga os sujeitos sociais aos seus ancestrais.

É através da aprendizagem informal que perpassa as práticas destas danças que se destaca a assimilação por meio da observação da performance do mestre. Este método de aprendizagem por meio de um modelo se torna práxis por serem essencialmente pautadas na experiência da roda. Nesse contexto a experiência é basilar para a manutenção da aprendizagem da prática cultural uma vez que esta experiência independe da idade do brincante, sendo possível abranger desde crianças até jovens e adultos.

Na construção do processo de feitura do Maculelê estão envolvidas diversas metodologias de aprendizagem que por não serem sistematicamente organizadas se contextualizam como sendo práticas informais. As mesmas por não estarem disciplinadas pelos órgãos e legislações que fazem o currículo formal da escola não necessariamente devam ser reconhecidas como menos eficaz, pois cada processo educativo dispõe da sua função, a educação sempre estará presente nos processos do aprender.

Corroborando a esta ideia de que a educação informal tem sua capacidade de inferir processos educativos ao homem é que se entende que as danças de matrizes afro-brasileiras podem favorecer processo de formação de saberes estético-artístico do artista da cena sendo este sim um fenômeno educacional assim ao participar da representação do Maculelê possibilita que o brincante dialogue através de processos de aprendizagem significativos amplie sua visão social e aguça o interesse no indivíduo para criar articulações com a herança ancestral (SALES, 2015).

As aprendizagens ocorridas durante o processo de “ser um brincante do Maculelê” é muito amplo no que se refere a tentarmos descrevê-los, mas é possível que se reconheça que há uma aprendizagem para a vida que vai desde conhecimentos éticos onde todos se respeitam e respeito a natureza desde aprendizagens motoras e psicomotoras no que se refere ao movimento coreográfico

que é realizado, assim uma de suas brincantes afirma “lá eu aprendo a Educação, tem gente que diz assim, meu Deus, mas assim meu filho, ele respeita mais o senhor que é o Mestre que a mim que sou de casa porque o mestre ele ensina a gente a se educar, respeitar os mais velhos, ele ensina, é, o respeito”.

Quando a educação informal se dá por meio da regra do respeito baseado na admiração e em valores que só na vivência somos capazes de perceber o sujeito valoriza as relações de aprendizagem por isso é possível pensar que uma jovem ou jovem aprenda mais na sua prática cultural que as horas que ele passa sentado na escola formal através da educação institucionalizada. É preciso pensar a escola dos muros, das grades e aprender com a escola aberta, coma escola da vida do terreiro.

A educação não-formal que se dá nas relações sociais sendo elas de poder e subserviência nos ensina sobre como dominar o outro e até mesmo o saber para se sobrepor ao outro, a educação do terreiro ao contrário está baseada em respeitar para ser livre, respeitar e aprender para exercitar a minha identidade o que é diferente de aprender para dominar. Dentro desta perspectiva e colaborando junto a uma pedagogia da autonomia é que se compreende que os homens se libertam e se educam no seu fazer no mundo e mediados por ele consegue transformar a sua realidade. (FREIRE, 2004)

Uma das aprendizagens que é mais percebida entre a prática da cultura é o processo de conhecer o próprio corpo, neste processo educativo o sujeito conhece sua história e recebe a oportunidade de por meio de uma experiência existencial conhecer sua verdade. Este corpo se torna mais conhecedor mesmo lhe sendo imposto pelas situações cotidianas ele adquire maior autonomia para seguir o seu referencial. Além deste dispositivo de saber quem ele é, o indivíduo se envolve emocional mente na prática, criando laços de amizade que trazem ganhos cognitivos através do desenvolvimento de valores como autoestima e mais valia tão necessários nos dias de hoje.

Para ampliação desta temática que se contextualiza como central para este estudo esta brincante contribui falando sobre o que a levou a praticar o Maculelê:

O Maculelê não é como as outras práticas tão repetitivas e acaba chamando mais atenção daquela pessoa... eu vejo que chama mais atenção ser coisas novas que ficar repetitivas né, eu acho que chama mais atenção, e a coreografia do Maculelê em si, e tem muitas pessoas que elas, tem medo, porque acham, como eu vou dar um exemplo da capoeira, é o pessoal acha que devido, que vai machucar, que vai bater, que vai sangrar e tipo não tem aquele mesmo olhar quando é com o maculelê.

Outro aspecto a ser discutido se dão por meio da observação inferida quanto a segurança dos movimentos, sendo para aqueles que de fora observam a coreografia um perigo para o brincante aqueles movimentos rápidos e bruscos com os paus. Interessante a interlocução entre quem brinca e quem assiste, pois as percepções mudam de acordo com a subjetividade dos sujeitos. No campo dos arquétipos e dos símbolos se abre uma discussão profícua neste contexto, mas que seria tema para outra pesquisa futura. Por enquanto voltemos para as aprendizagens que estas percepções garantem ao indivíduo socialmente envolvidos nos grupos de Maculelê.

Se elencarmos alguns saberes apreendidos na vida, na informalidade cotidiana já aponta-se muitos elementos que estão entrelaçados nestas relações intersubjetivas do sujeito. Vejamos mais um relato sobre os valores éticos e morais que é percebido no terreiro:

eles sempre deixam isso claro, ninguém é melhor que ninguém, ninguém é maior ou mais importante do que ninguém, todo mundo ali é essencial, mas né, eu amo muito eles, pra além, né dessa valorização dentro do grupo como integrante eles também me acolhe, acredito que muitos outros participantes do grupo também sentem isso, como realmente fosse da família de sangue, biológica ali e eles estão pra além da capoeira, pra além do Maculelê, se a gente passando por alguma coisa, se eu quiser conversar pra além desse universo da cultura [...].

Entre as propostas apreendidas nas relações do terreiro os princípios de equidade são um dos representantes mais visíveis nas falas até aqui ouvidas. Ser equitativo tem um valor singular na sociedade hodierna que vivemos. Esta talvez seja a mais sublime descoberta que a educação formal ainda não consegue assimilar que o ser humano é um constructo mais indefeso que possa existir e que ele mesmo deve se conscientizar que precisam um dos outros e que neste processo de dependência somos todos iguais.

### **5.3 O contexto do Maculelê como prática possível ao currículo para implementação da Lei: 10.639/03**

Corre corre o sangue nas veias  
 Rola rola o grão das areias  
 Só não corre só não rola a esperança  
 Do negro órfão que só corre e cansa

(Abdias nascimento)

A escola de Educação básica dos dias de hoje se organiza através de práticas pedagógicas orientadas pelo currículo oficial com uma postura muitas vezes de invisibilidade da produção de saberes populares oriundos das comunidades rurais, esses saberes presentes nas ações comunitárias e forjados na vida diária dos sujeitos acabam ficando apenas como algo inerente e dispensável para escola. Esse conhecimento concebido das experiências sociais e culturais, estabelecidos na vida diária e nas relações sociais na maioria das experiências escolares, fica fora da escola, como se somente a Escola formal fosse única e exclusivamente a detentora do “Saber”.

De acordo com Charlot (2013) as escolas detentoras do ensino se estabelecem como propagadoras da globalização e dos padrões econômicos nos moldes do capitalismo industrial requerendo homens globalizados e instruídos, dessa forma excluem os verdadeiros objetivos da educação preconizados pelas teorias construtivistas do conhecimento estabelecendo uma ruptura com os saberes informais vivenciados na rua, nas calçadas e nas relações sociais. Afirma ainda que a educação ocorre dentro e fora da escola, o ato de construir-se e ser construído se estabelecem nas relações e os saberes sociais são concebidos nestas relações e nas vivências comunitárias sendo também constituintes da Educação. O mesmo destaca que muitas vezes, o objeto de conhecimento da escola não tem referência nenhuma com a vida do aluno e nem com seu meio de vida e que no Brasil a educação negligencia as condições de trabalho enfrentadas pelos educandos. Neste sentido a Escola constitui uma prática pedagógica desarticulada das situações reais permanecendo num universo específico, construído pela ciência e por ela mesma.

Rompendo a este pensamento bancário de Educação e com as concepções inatistas de homem Freire (2016) colabora enfatizando que é necessário que partindo de uma postura dialógica a Escola leve em consideração os saberes do educando construindo uma prática libertadora e que leve em consideração os conhecimentos construídos pelos alunos fora dos espaços institucionalizados de forma que reconheça que os homens possuem suas práxis antes mesmo de chegarem à sala de aula. Nesta abordagem o homem age sobre o mundo e através de sua ação criam o domínio da cultura e da história sendo eles sujeitos da práxis. Apontando que esta práxis é fonte de conhecimento reflexivo e criação.

A educação formal quando invisibiliza os conteúdos da vida aceleram como afirma Freire o processo de desumanização do sujeito retirando o direito a se estabelecerem como seres histórico-sociais capazes de construir sua própria história. Desta maneira sendo o homem um ser histórico não se concebe dicotomizar os seus saberes de forma que os conteúdos institucionalizados pelo currículo se tornem apáticos e dissociados da realidade, forçando-se uma prática passiva e que torna o conhecimento insosso e destituído de significado. Para colaborar com a Escola formal os trabalhos que se propõem a fortalecer a defesa de uma escola mais articulada com a vida da comunidade e suas filosofias são de grande importância para o contexto atual.

Para uma melhor reflexão sobre a necessidade de melhores posturas para a inclusão destas práticas no interior das escolas formais de educação a brincante colabora:

Assim, na escola os meus colegas, os alunos, sempre fica dizendo que aquilo que a gente faz, a capoeira, o Maculelê é tipo como se fosse macumba, só que eu vou lá digo pra eles que não é, eles fica tirando onda comigo, cantando a música é que o maranhão é terra da macumba, fazendo as brincadeiras, só que eu digo: Não é, é, teve uma colega minha que veio me perguntar sobre a capoeira, eu fui dizer pra ela, porque ela queria saber mais, mas lá na escola os professores não vão atrás de ensinar pros alunos sobre ,é, a arte, é (BRINCANTE MENOR DE IDADE QUE CURSA O ENSINO FUNDAMENTAL, 2022).

A relevância de pesquisas que integrem os saberes do povo com a escola de Educação Básica favorece o diálogo com as novas propostas pedagógicas permeadas por uma educação que priorize o respeito à diversidade e a seus contextos. Desta maneira podem possibilitar uma inovação pedagógica capaz de favorecer a função social da escola, no caso do Maculelê se torna relevante o constructo de ação que a prática cultural oferece, desde a construção das vestimentas que o grupo irá vestir até as letras dos cânticos e ritmos, onde o saber é elaborado e mobiliza o sujeito a interagir com o saber científico através do ato significativo e social. É na relação com o outro e com seus pares que os sujeitos se relacionam com o mundo constituindo a busca do saber não só como algo motivador, mas capaz de mobilizar sua ação, uma vez que o mesmo dar sentido às suas ações.

Há ainda muito presente um pensamento de que somente a Escola institucionalizada possui a dimensão educativa e somente ela é detentora dos processos educativos. Desta maneira nega que no interior dos grupos culturais, que

formam a cultura do povo também se produz saber e que os mesmos interferem e enriquecem os processos educativos. Processos esses adotados e criados para resolver as necessidades dos grupos sociais e que fazem parte da formação dos indivíduos. Assim a descrição dos processos vividos nos grupos socioculturais permite identificar quais os seus objetivos, quais contribuições para seus integrantes e para sociedade que o cerca, de que modo os saberes e processos educativos gerados no interior de um grupo se projetam para outros universos sociais, inclusive para a Educação Escolar.

Fino (2003) colabora com esta discussão quando afirma que a escola através dos conhecimentos transmitidos perpetua os velhos paradigmas pautados no discurso de preparar para vida, mas que acabam repassando ensinamentos engessados e dissociados da realidade social e da vida prática, a mesma não consegue traduzir os interesses e significados dos estudantes, não dialoga com seus costumes e com o pragmatismo da vida humana, o que se vê são práticas forjadas pelo modelo fabril escolar que se reverberam na práxis pedagógica.

Ainda para Candau (2011) existe uma necessidade de se articular e alicerçar o currículo com as experiências culturais vividas pelos sujeitos nas suas comunidades, partindo de práticas pedagógicas que incorporem referentes de diversos universos culturais, coerentes com a perspectiva intercultural. Esse universo passa a ser incorporado quando se elaboram leis e diretrizes que incluem as culturas e etnias e desta maneira a prática educativa escolar seja embasada no respeito às identidades e interesses dessas comunidades tornando-se de fato um caminho para o surgimento da inovação pedagógica.

É um fator presente e provocativo na realidade, sobretudo pela ausência de conhecimento por parte de uma grande maioria de docentes a respeito das leis que estabelecem o ensino das diversas culturas e etnias, como é o caso da Lei Nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) que altera a LDB e estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas do ensino Fundamental e médio. Este conhecimento se torna fundante para ressignificação dos processos de formação docente como afirma LUZ e NUNES, 2022 ao refletir que esta temática contribui diretamente para uma educação antirracista bem como constitui tema importante dentro desta agenda em defesa do Negro e das suas características culturais. Estes mesmos autores acima cita o parecer CNE/CP-2004 que trata das



Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Ainda destacam a necessidade de uma política ampla de formação dos profissionais da educação voltada para o reconhecimento das memórias dos povos africanos, afro-diaspóricos e indígenas. (p.16)

A lei Nº 10.639/2003 que será refletida durante esta pesquisa é um marco que se estabelece para além do seu caráter apenas normativo, mas que precisa ser aliada a projetos, eventos e pesquisas que discutam a presença da cultura negra na sociedade para que alavanque sua exequibilidade e efetividade. Algumas pesquisas apontam que os docentes das escolas brasileiras sentem dificuldade ao abordarem estes temas. Entre as dificuldades apontadas pelos docentes para tratar sobre esta temática cultural sob a direção da Lei supracitada Madaleny (2016) acentua que além do desconhecimento da lei, os professores e gestores das escolares afirmam que não possuem conhecimentos suficientes para tratar do tema “cultura”, assim este trabalho amplia esta discussão necessária enfatizando que além do conhecimento técnico o profissional docente precisa articular a racionalidade técnica aos saberes pedagógicos e pessoais num continuum formativo.

Outra possibilidade importante para a formação docente apoia-se nos estudos de Ghedin (2009) na crítica à racionalidade do ser professor e elucida que para o ser afetivo e humano que está presente no ser docente e que é essencialmente reflexivo histórico e dialeticamente construído será necessário assumir a dialogicidade defendendo uma formação docente articulada com a cultura, especificamente com a cultura afro-brasileira preconizada como obrigatória no currículo oficial.

Partindo da perspectiva de Freire (2002) que infere sobre a educação como capaz de promover um sujeito consciente e autônomo, com condições de transformar a realidade além de ser capaz de construir condições de ressignificar sua prática numa relação de parceria mútua entre a sua comunidade o homem constrói e é construindo dentro do seu espaço cultural. Os sujeitos refletem seus aspectos culturais e estabelecem relações de duplo beneficiamento favorecendo ganhos para ambos e se complementam mutuamente: Escola e comunidade. Falar de comunidades culturais agrárias torna-se um itinerário que não se concebe de forma nenhum fora da dimensão plural e de autoconhecimento uma vez que comunidade e sujeitos humanizados se humanizam dentro das suas relações sociais.

A comunidade do sítio Santo Antônio do Arajara se encontra na área rural do município de Barbalha-Ce localizado na Região Metropolitana do cariri, mesorregião do Sul Cearense, a 504 quilômetros da capital Fortaleza pela BR-122, segundo IBGE sua população foi estimada em 2021 em 61.662 habitantes. Passam pela cidade as CEs: 060 - 293 e 386. Através da CE 386 chega-se ao distrito do Arajara, comunidade rural onde se localiza diversos sítios dentre eles o sítio Santo Antônio onde se encontra o Terreiro Arte e Tradição, residência do Mestre Gilberto fundador do Grupo de Capoeira Arte e Tradição, grupo este organizado por ele e sua estimada esposa a Dona Socorro. Dentro das propostas que envolvem toda comunidade participam daquela comunidade às rodas de capoeira e as demais manifestações culturais de terreiros dentre elas o Maculelê que será foco central desse estudo.

O município de Barbalha e seus espaços agrários fazem parte do sertão nordestino, cenário imponente da colonização portuguesa adentrada nos sertões de dentro se alastrando através das capitânicas baiana e pernambucana em busca de novas terras, arriscavam-se os colonizadores através das expedições vindas para conquistar as terras e aqui fortalecer o poder dos senhores. Seguindo as ribeiras dos rios chegam ao chamado cariris novos trazendo consigo além do gado, a cultura da cana-de-açúcar e dos engenhos de rapadura como afirma Costa (2020):

O processo de apropriação das terras dos Cariris Novos remonta ao final do século XVII, quando colonos, em busca de terras para o gado e de metais preciosos, chegaram à região, encontrando fatores que permitiam o desenvolvimento de outras práticas agrícolas, diferenciando-se das demais paisagens do semiárido nordestino. A ocupação das terras ocorreu a partir das doações de sesmarias, bem como a vinda de diferentes missões, visando catequizar os índios Kariris existentes na região (COSTA, 2020, p. 24).

Desta forma o município de Barbalha está organizado sob a égide do processo de colonização de onde surge seu forte perfil histórico colonizador onde seus moradores ainda hoje perpetuam as concepções patriarcais e imperialistas nos seus manejos sociais e políticos. Ao herdar estes paradigmas imponentes até os dias de hoje foi percebido ao longo da sua história que a cidade cresceu com suas bases agrárias e comunitárias permeando toda a circunferência de chapada florestal que se constitui na sua formação arqueológica. Aos poucos o centro urbano da cidade de Barbalha-Ce foi sendo ampliado nas suas bases deslocando suas áreas agrícolas representadas pelos sítios de estruturas e economia agrárias e tendo sua principal base na agricultura de subsistência, de maneira particular o sítio Santo Antônio situado no distrito de Arajara. Para se chegar até o distrito deve-se adentrar pela CE

386 onde será visualizada toda vegetação própria da Floresta Nacional do Araripe seguindo até o Distrito do Caldas que levará até os sítios adentrando na área rural e chegando até o Distrito do Arajara.

Os grupos de cultura popular originários da comunidade do sítio Santo Antônio são constituídos de jovens na sua maioria familiares do Mestre Chico e que se revestem da cultura e se caracterizam por meio dos ensinamentos ancestrais contados através da oralidade e respeitados por seus familiares. Ao referenciar as comunidades de base oral e que se concebem afrodescendentes e de ancestralidade africana percebe-se uma particularidade própria presentes na sua caracterização e performances (MARTINS, 2003a) de terreiros. Neste sentido esta manifestação cultural se constitui no cenário brasileiro e de forma acentuada no Cariri Cearense como sendo uma proposta relevante e atual desenvolvida no contexto das práticas culturais e das festas populares. Assim seu estudo é pertinente primeiro pela sua importância frente ao combate de toda espécie de racismo e discriminação, segundo pela necessidade de desmistificação que no Ceará não tem negros (NUNES, 2010) e também pela sua função como ferramenta de resistência e luta frente ao racismo estrutural e epistêmico que invadiu todos os níveis da sociedade brasileira.

Outro dado relevante é que os grupos étnico-raciais formados por negros como os quilombolas, grupos de capoeira e outros remanescentes são constituídos de comunidades agrárias que foram marginalizadas e silenciadas ao longo do criminoso processo colonizador instalado ao longo de séculos nos seus mais perversos moldes. Estes padrões de processos hegemônicos que pautam a sociedade hodierna são revelados e moldados assumindo os velhos formatos de exclusão e exploração instituídos pelo viés da subordinação de uma cultura sobre outra, além de serem permeados em situações de legitimação das mesmas injustiças que se institucionalizaram no período colonial escravista perpetuando-se até hoje.

O campo educacional se estabelece nesta pesquisa como célula importante, pois possibilita constatar situações de educação no interior da prática cultural e este campo enriquece o campo das ciências sociais no que se refere a pesquisas eminentemente afrocentradas. Para esta área especificamente falar de grupos afrodescendentes como constituintes de uma cultura cênica como são o Maculelê se contextualiza como forte significante para impactar a comunidade acadêmica e

contribuir para o desenvolvimento de políticas de reafirmação e reconhecimento frente à pesquisa acadêmica.

Esta proposta pretende-se enquanto papel formador no combate a toda discriminação de forma a propiciar uma ressignificação da história do escravismo e superar a estagnação trazida pelo mesmo, perseguindo a necessidade de ruptura urgente com o racismo estrutural e suas diversas formas de representação. Racismo este que se instaura nos mais diversos espaços institucionais brasileiros, além de ser percebido em algumas propostas pedagógicas oferecidas pelo nosso Currículo formal e disseminado de forma velada através do currículo oculto nas escolas do país. A relevância que se aponta para os estudos na área da cultura afro-brasileira amplia-se para além de uma contribuição científica e se constitui significativa para a valorização do patrimônio material e imaterial brasileiro. Também contribuem com a organização de saberes que expressam as práticas artístico-culturais negras concebendo-as como expressões ritualísticas, simbologias e espaços geográficos peculiares que são constituídas de Ethos (GEETZ, 2008). São seus costumes, maneiras de recriar e interpretar o mundo que se materializam através de suas realidades de vida de forma que compõem todos os elementos contidos no Ethos.

Embora os estudos envolvendo africanidades e afrodescendentes (CUNHA, 2010) tenham ganhado forte expansão e conquistando maior visibilidade e impacto junto ao combate ao racismo e preconceito, nos últimos anos ainda se institucionaliza discursos de negação da produção acadêmica nesta temática sob o pretexto de vitimização e politização partidária. Por esta razão é que se respalda a importância de pesquisas que desmistifiquem o preconceito e de fato descrevam os grupos originários das práticas culturais africanas e de terreiro.

Ainda assim a cultura afro-brasileira é disseminada e proferida pelos movimentos sociais nos dias de hoje mais especificamente pelo movimento Negro e outros movimentos de luta contra os mais diversos preconceitos e com isso unem-se a culminância de pesquisas que dialoguem com esta luta ganhando força não só como movimento de militância política, mas como área de conhecimento que disputa o campo da ciência e da universidade.

Como afirma Gomes, 2011 o Movimento negro enquanto sujeito político dentro da sua trajetória se integram aos seus pares na luta pela construção de uma sociedade democrática e assim compreende Educação como parte do processo de

formação humana no qual a escola e os processos educativos construídos em outras instituições sociais são considerados vivências formadoras e deformadoras que irão constituir os sujeitos. Nesta perspectiva de valorização da Educação ocorrida em outros espaços formadores é de suma importância que os professores tenham em sua formação processos formativos sobre a Cultura e suas manifestações sociais.

Colaborando a discussão da escassez de políticas de formação de professores para uma formação colaborativa com a Lei nº 10.639/03 discutir sobre a formação inicial dos professores nos impõe observar as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

Diante da demanda da Lei 10.639/03, é importante que o professor esteja em condições de valorizar a história e a cultura da população negra e dos demais povos excluídos. Esta falta de conhecimentos no que se refere à educação para as relações raciais impossibilita o educador a agir de forma contra hegemônica a modo de combater o racismo e a discriminação que atingem os negros. O que se propõe na formação do professor, e o que se torna necessário, é que este adquira posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento Étnico-racial (BRASIL, 2004).

De fato, a formação docente carece de condições favoráveis, uma delas e ainda fundamental para termos uma proposta exequível é o tempo de formação e a garantia que esta formação esteja norteada de disciplinas que integrem os fundamentos de uma educação voltada para a Lei 10.639/03 e que possibilitem uma formação inicial coerente com o respeito à diversidade e a Educação Patrimonial o que se revela uma lacuna a ser reconstruída neste itinerário formativo. De certo como afirma Arroyo (2013) os “coletivos inferiorizados” não encontram no currículo espaço para discussão, a questão étnico-racial não é prioridade na cultura escolar e cria esvaziamentos sobre as condições de profissionalização do docente que se quer consegue acesso ao tema junto às disciplinas optativas dos seus cursos formativos.

A ocupação dos espaços universitários e sua redefinição pelos movimentos de luta antirracistas propõe que os grupos excluídos avancem na conquista do seu espaço cultural e geográfico no campo científico, desta maneira as suas abordagens são validadas junto às pesquisas qualitativas atribuindo a eles um papel político de reconhecimento da sua integralidade intelectual. Os intelectuais que escrevem sobre suas narrativas ou narrativas de grupos afrodescendentes encontram nos seus relatos o poder da palavra que se pretende denunciante, estabelecendo um enfoque descolonizador da ciência brasileira.

Colaborando a este caminho de produção do conhecimento falar sobre cultura popular como afirma Gonzalez (1983) é importante destacar que esta não seja utilizada como forma de englobar todas as práticas culturais como sendo única. É imprescindível que as pesquisas neste campo defendam a necessidade de estabelecer peculiaridades e singularidades dentro da temática em estudo. Uma vez que a Cultura africana tem seus inter cruzamentos e interseções e deve ser concebida como diversa e ao mesmo tempo singular. De fato cada grupo representante da cultura popular é dotado de imbricações e peculiaridades que se refazem ao longo da sua história.

Percebe-se ainda no campo da política que alguns projetos de implementação e incentivo à cultura devem buscar a manutenção do sentimento de pertencimento e autoestima desses grupos de cultura que ainda se apresentam ínfimos e pontuais, passando muitas vezes a serem reduzidos a meros objetos de espetacularização dos partidos políticos principalmente a nível municipal. Muitos desses grupos com apoio de ONGs e artistas autônomos sobrevivem com seus próprios recursos ou com patrocínios de comerciantes particulares e amigos que apoiam e estimulam a cultura local nos municípios do interior do Nordeste. E quando não encontram neste processo grupos com interesses políticos partidários querendo se utilizar da vulnerabilidade social destas comunidades rurais para se promoverem sem o objetivo de programar de fato processos de valorização e respeito às práticas culturais tradicionais.

Quando não, encontram-se grupos culturais que se sentem como que explorados e sujeitos à espetacularização da mídia e da propaganda exacerbada da indústria propagandística e financeira que se apropria do momento festivo da apresentação dos mesmos em prol de seus próprios interesses. São nestas condições que os atores da cultura e mestres de manifestações como o Maculelê são vistos e que se percebem na necessidade de serem sempre voltados a ficarem conscientes da sua ancestralidade e do seu valor. Valorizar a sua prática cultural passa necessariamente pelo processo de politização, de modo que percebam as situações de exploração que estão sendo enfrentadas a partir dos momentos de apresentação da sua ancestralidade.

Para colaborar com o fomento da discussão a respeito de como as políticas públicas de salvaguarda da cultura popular interagem com as comunidades, como os órgãos e instituições públicas e privadas podem contribuir para que os grupos de cultura desenvolvam sustentabilidade e sentimento de pertencimento com a

valorização merecida dispensada a cada manifestação cultural, as instâncias estaduais e municipais desempenham ou deveriam desempenhar a função de canalizadores de suas potencialidades e fornecerem condições de enfrentamento da sua extinção. Neste sentido Silva (2020a) cita autores que formulam críticas aos órgãos de preservação e aponta para necessidade de verdadeiros ajustes nas políticas de reconhecimento e patrimonialização:

Christian Bromberger (2014) aponta que um dos postulados das políticas de patrimonialização consiste justamente na necessidade de preservação e repasse das tradições via políticas estatais de patrimonialização, sendo que a inscrição no livro de registro enquanto um bem imaterial fortaleceria os laços entre a comunidade e o bem registrado. Bromberger (2014), no entanto, constrói severas críticas à maneira reducionista com que a UNESCO têm tratado os patrimônios, sendo por vez ilusória e falsificadora da realidade social. Para o autor, a UNESCO, no momento em que propõe preservar as manifestações culturais, levando em consideração a sua especificada, unifica à diversidade cultural existente nas manifestações culturais que são registradas (SILVA, 2020b, p. 7-8).

A autora ainda destaca que no caso os grupos de cultura apresentados na Festa do Pau da bandeira, onde está incluso o Maculelê, na maioria das vezes são submissos aos representantes políticos onde são reduzidos a escolhas do poder público como as suas vestimentas, tempo de apresentação etc. Desta forma acabam que interferindo de forma que ferem o respeito à tradição e aos costumes ancestrais, ainda converge com a necessidade de defesa e compreensão do fenômeno do patrimônio intangível e que quando os membros dos grupos afirmam que não se deve deixar a cultura morrer, eles reforçam o vínculo com seu bem e seu pertencimento ancestral a sua manifestação cultural.

Os órgãos públicos no município de Barbalha-Ce ainda encontram-se afetados pela forte política partidária e disputas de poder. Tal situação de forma direta ou indiretamente interfere nos processos de elaboração de projetos culturais capazes de subsidiar as comunidades rurais e lhes fornecerem apoio no que tange a sua gestão e permanência na organização das suas práticas. Desta maneira estudos como o citado acima estampa as idiossincrasias do processo que vivenciam estes grupos, onde somados ao descaso do poder público aprofundam suas dificuldades e desvalorização. Para superação destes obstáculos seria necessário à garantia de financiamento e a criação de mecanismos de valorização e salvaguarda dos grupos que representam a cultura na sua integralidade.

A negligência enfrentada por estes grupos muitas vezes velada dentro dos espaços de fomento e entorno da sociedade são cada vez mais explícitos e

necessitam ser tratados e discutidos como forma de combater a discriminação e o descaso, pois não basta apenas haver legitimação e documentos normativos que valorizam e concedam os direitos, mas além de toda superação será preciso organizar programas de apoio que fortaleçam as comunidades rurais, reconhecendo-as como produtoras de saberes, capazes de se autogerirem e fortalecer outras práticas que se baseiam na vida comunitária. Ao poder público cabe, ao contrário de se apropriar e administrar esses grupos, delegar autonomia para que eles vivenciem suas propostas de vida sendo capazes de produzir autossustentabilidade, cooperativas e preservação de sentimento de pertencimento.

Esta pesquisa preconizou discutir os percalços revelados acima contribuindo significativamente para explicitar a dimensão educativa da transmissão dos saberes produzidos e difundidos pelo grupo de Maculelê, a mesma prevê identificar suas peculiaridades e simbologias percebendo sua performance como tradição, embora compreende-se enquanto impactada pelas transformações sociais que interferem na vida da comunidade trazendo mudanças no seu espaço geográfico. Também por meio da articulação comunidade e pesquisa de campo articula-se como uma oportunidade de repensar os projetos de educação formal representados pela comunidade do Distrito do Arajara e de como esta comunidade percebe o intercâmbio cultural trazido por este grupo. Este projeto poderá mobilizar os sentidos e interpretações sobre a prática do Maculelê, sua perpetuação e salvaguarda para que não se articulem esvaziamentos provocados pela ausência de propostas para ações de afirmação e resistência.

Pretende-se ainda a partir desta proposta oferecer a comunidade uma possibilidade de troca de experiências e encontro com seu entorno, favorecendo o diálogo entre o terreiro e a escola, com uma proposta problematizadora de superação do distanciamento operado entre a cultura erudita e a cultura popular. Buscando a partir dos princípios de respeito e diversidade disseminarem a Cultura da paz baseada na condição de que todos somos iguais e dotados de individualidade.

As características da dança, como ela é transmitida e o que ela representa se constituem elementos identitários que possuem dimensão pedagógica e que são vivenciados pelo grupo em suas atividades internas e externas. Na perspectiva interna o como se aprende e o que se ensina no interior dos grupos mesmo quando seus membros não têm consciência de sua dimensão na prática. E na dimensão externa de como os valores gerados no interior do grupo se projetam para outros universos



sociais, inclusive a instituição escolar. Enfim, esta pesquisa busca reconstruir o objeto real no plano intelectual, com a visão de totalidade do objeto o que dará indicadores e linhas de ação para a compreensão educativa em três instâncias: no interior dos próprios grupos, na formação dos educadores escolares e nas atividades disciplinares ou interdisciplinares dos currículos escolares.

#### **5.4 A experiência vivenciada no terreiro como possibilidade de transcrição para afirmação**

Na minh'alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio  
e o desejo de libertação.  
(Solano Trindade, 1961)

Em todas as entrevistas realizadas para o escopo desta pesquisa foi percebido um contexto de pertencimento muito grande quando cada integrante fala da sua experiência na prática do Maculelê. O autorreconhecimento está impregnado em cada oralidade formulando um postulado próprio que se reconfigura dentro da subjetividade de cada pessoa. A prática cultural do Maculelê também pode se utilizar da pretagogia como forma de impor mecanismos de organização aos meios de disseminação de preconceitos, entre eles a escola formal que apaga não valorizando as relações sociais que ao contrário a pretagogia prioriza a experiência de si e de outros no mundo por meio do autorreconhecimento e da valorização das culturas de África (PETIT, 2016).

Passemos neste subtítulo a ouvir mais as vozes dos próprios atores da pesquisa onde se colocam como pronunciadores da sua trajetória dentro do grupo, alguns estão participando desde o seu nascimento e assim entende-se que a ligação entre o sujeito e o lugar carrega traços profundos e marcados nas suas histórias de vida. Assim este brincante destaca:

[...] olha eu conheci o Arte e Tradição quando eu tinha uns sete anos de idade, eu sofria ansiedade por conta do meu corpo, meu corpo era muito estranho e o pessoal começou a apresentar a capoeira em si pra mim, e ai foi que eu comecei a gostar do esporte, da capoeira, da dança. E dentro da capoeira do Arte e Tradição tem o Maculelê que foi ai onde eu me apaixonei mais pela arte da dança (BRINCANTE, 2022).

No corpo bailarina se concentra a energia vital do ser que encontra na dança um processo de autorreconhecimento. Este processo é facilitador de processos psicossociais que se conectam com os sujeitos a partir das experiências vividas por ele. Um dos elementos centrais à prática do Maculelê é a dança, por meio dela os indivíduos se expressam produzindo um processo de comunicação entre quem eles são interagindo de forma harmônica com os indivíduos que os assistem. Corroborando sobre os efeitos subjetivos da dança Sales (2015) contribui:

A dança está impregnada de textos e contextos que possibilitam diálogos entrelaçados entre o ser que dança e o mundo em que vive. As formas expressivas dançantes estão embebidas de sentidos a serem percebidos através da experiência corpórea. Cada forma de dança tem suas particularidades e trazem as subjetividades dos sujeitos envolvidos nesse ato. Dessa maneira, essa linguagem mostra-se como veículo de compreensão do humano e suas culturas (SALES, 2015, p. 147).

Neste aspecto foi possível sentir em cada integrante do grupo uma expertise para se expressarem de forma sensível e livre o que me infere perceber que os indivíduos que praticam esta cultura conseguem lidar melhor com seus anseios e assim adquirem melhor manejo em situações de exposição social. Os integrantes se sentiram a vontade para relatarem suas dificuldades e sonhos o que tornou este diálogo uma conversa de prazer e descontração. Ao serem impelidos a descrever o Maculelê em uma palavra as palavras que se repetem e que obtiveram maior eloquência foram: Energia, força, gratidão. Nestas palavras se observa saberes intrínsecos da subjetividade humana inseridos como valores que se imprimem no contexto das tradições afrodiáspóricas apesar de todo processo de desumanização trazido pelo contexto da escravização é observável que entre os sentimentos do grupo de Maculelê do mestre Chico todos os componentes são dotados de uma energia vital positiva frente às batalhas e dificuldades enfrentadas.

Na entrevista com outra integrante mulher ela ressalta:

Olha, sobre, vou falar no geral assim em questão do terreiro eu aprendi assim, muitas coisas que realmente na escola eu não aprendi questão da nossa ancestralidade, é a ancestralidade da gente vem de uma, uma forma, como é que eu posso falar, do índio, né, do índio e do africano ai faz a mistificação, ai tipo, nessas coisas ai a gente só aprende que os europeus vieram para o Brasil, colonizaram aqui e foi isso, a gente não tem aquela, aquele reconhecimento sobre os negros que vieram da África [...].

Na fala da brincante embora se destaca o conhecimento de todo processo de colonização ocorrido historicamente é correlacionado saberes que a escola não consegue ensinar com tanta competência quanto o “terreiro”, a mesma afirma que é no terreiro que ela aprende como a ancestralidade. Neste aspecto da ancestralidade podemos coadunar com a ideia de que no ensino formal se oferece o ensino da escravização muito distante dos alunos, como se a escravização não tivesse haver com sua vida, com suas famílias e com seus antecedentes que formam os seus ancestrais.

Mas é aí onde se consegue visualizar a proximidade que a educação do terreiro produz com os ensinamentos, os ensinamentos são a própria vida e esses conhecimentos são elaborados na práxis de cada sujeito. Esta aproximação com a vida demanda a este tipo de aprendizagem uma eficiência que independe de métodos rígidos, mas que estão imbricados nos valores éticos e morais da comunidade.

Ao se afirmar enquanto brincante do Maculelê o sujeito se deixa envolver na troca de saberes significativos, fazendo desta forma com que o sujeito se autorreconheça como protagonista da sua história e se afirme como herdeiro da ancestralidade africana. Quando a mãe relata que mesmo questionados as crianças não tem vergonha de falar e se afirmam como pertencentes ao Maculelê eles se afirmam como receptores da ancestralidade que se fundamenta na tradição. Como colabora esta afirmação:

E assim eu dou graças a Deus que todos os nossos integrantes e as nossas crianças elas não têm vergonha, muita gente quer fazer vergonha a eles com isso, mas eles falam com orgulho, eu sou do Maculelê, eu sou da capoeira, e aí a gente tenta com mais ênfase levar eles pra outras manifestações culturais, né, e aí é um pouco mais difícil por exemplo o coco, a mangaba, mas mesmo assim, a gente consegue mover, consegue que eles participem, aprendam o toque [...] (BRINCANTE MÃE DE DOIS FILHOS, 2022).

Torna-se aqui estas falas contundentes a ponto de produzir novas ações de enfrentamento frente as muitas situações em que estes brincante são obrigados a viverem, onde pessoas indagam interrogações desrespeitosas aos filhos dos brincantes induzindo –os a desfavorecerem ou se sentirem diminuídos por fazerem parte daquela comunidade. São muitos os discursos racistas e preconceituosos que se instalam nas relações sociais vigentes na tentativa de impor uma hegemonia de valores outros que divergem do campo das culturas remanescentes. Este talvez seja

um dos desafios mais complexos para as famílias que se afirmam atores destas culturas.

Outro valor imensurável apontado aqui são os aspectos estimuladores que iniciam as crianças no contato com os objetos utilizados na dança, os instrumentos de música e as roupas próprias da capoeira e do Maculelê. Estas vivências familiares no interior do terreiro são basilares para a salvaguarda da cultura afrodescendente. Só assim neste processo de afirmação estes futuros brincantes sejam capazes de produzir novos processos de transcrição.

Outra brincante ao descrever a experiência vivenciada no início da performance expressa as emoções iniciais de toda exposição ao público mas nos remete a pensar sobre os processos de autoafirmação e forte intercâmbio com a ancestralidade africana afirmando: “aquele frio na barriga, só que quando a gente vai pra apresentar já é uma energia muito forte que a gente fica mais alegre, a pessoa sente uma energia porque é uma dança dos africanos”... por esta razão se estrutura ao contexto das práticas afrodescendentes um processo de afirmação fundamentado pelo Ethos dos seus brincantes que agencia e regula suas formas de sentir e agir formulando novos saberes e criando transcrições múltiplas na sua práxis.

Para finalizar sobre este elemento fundante que é a firmação enquanto processo de autoconhecimento outro brincante colabora “Pronto assim... Como se fosse minhas dificuldades, sabe e aquela tribo fosse a minha vida, meus momentos de bençãos e essas dificuldades que vem de fora, que vem atacar, que vem tentar derrubar o que eu construo”. Aqui é observado como na sua relação intersubjetiva ele consegue recriar uma situação real e se beneficiar mentalmente da superação de seus obstáculos, nisso é que consiste em um exemplo claro da transcrição.

## **5.5 Maculelê como possibilidade de pensar propostas de valorização e salvaguarda desta cultura**

Procurei no terreiro  
Os Santos D'África  
E não encontrei,

Só vi santos brancos

Me admirei...

(Solano Trindade)

É de extrema urgência o fomento de discussões para que sejam executadas ações de salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro. A temática sobre o patrimônio e sua preservação é matéria que precisa estar presente em todos os âmbitos da sociedade. Em se tratado do âmbito escolar seria este um dos grandes responsáveis e mediadores de salvaguarda do patrimônio, pois a mesma detém grande parte das ações que podem ser realizadas no contexto da Educação Patrimonial.

Para que a Educação patrimonial seja exercita como forte política de enfrentamento para a salvaguarda destas culturas afrodescendentes serão necessários muitos facilitadores que interajam com o objetivo de persuadir os herdeiros que são a população em geral, inclusive os brincantes a compreensão de práticas conscientes de preservação. Em algumas realidades são os brincantes que encabeçam as ações para este debate social, mas que utilizam de suas presenças afirmativas para trazer o público que os assiste para a percepção de que existem.

Como esses atores isolados não conseguem abranger estas demandas de preservação conta-se com os órgãos institucionais que deliberam ações de preservação do patrimônio cultural.

No contexto desta pesquisa iremos abordar os relatos dos brincantes no que se refere a sua visão sobre a necessidade da salvaguarda da cultura do Maculelê e faremos observações pontuais dos documentos e políticas gerados pelos órgãos gestores da cultura.

Ao serem perguntados sobre se desejam continuar na prática e como conseguem repassar suas experiências a brincante performa que *“Sim, eu quero continuar, no futuro, eu quero, ir pra outro canto, outro país, porque tem vários mestres daqui do cariri que sai pra outro país, outro lugar pra inserir a cultura, a capoeira, o ensinamento para outras pessoas”*. Assim é importante lembrar que são os brincantes os herdeiros mais próximos da cultura, sem eles seria impossível que pudéssemos herdar os valores culturais que nos insere antropologicamente.

Na fala acima é nítido o sentimento da brincante em relação ao futuro do seu grupo. Além da vontade de continuar na prática cultural, a mesma estabelece um sentimento de expansão da sua trajetória para além do território do terreiro e deseja

levar o terreiro e suas experiências trazendo na sua oralidade a constituição de um sonho. Neste caminho até aqui várias falas foram fundamentais para que se tornasse possível traçar uma descrição que chegasse ao que é o Terreiro Arte e Tradição do Mestre Chico. Para produzir a sensação de sentir um pouco no lugar segue três realidades que retratam os atores que formam uma tríade que denominei de “Tríade Futurista”:



Figura 8 – Tríade futurista. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Chamarei de Tríade por ser três, representam três dimensões humanas que nos dias de hoje e nunca antes precisam ser valorizadas e incluídas socialmente. A criança, a mulher e o Mestre, os mesmos se estabelecem como níveis de existência humana na sua constituição biológica que no momento atual que vivemos são retratados como que seres incapacitados do ponto de vista do capacitismo velado pelo pensamento neocapitalista onde abordam que estes sujeitos podem ser tratados e/ou mesmo descartados de direitos e de valorização humana. Esta metáfora é significativa para que a compreensão da urgente e necessária mudança paradigmática parta de cada um de nós.

Pari passu com a mudança de cada indivíduo esta transformação se externalize para os órgãos políticos e sociais e em toda a sociedade organizada. Com isso a vontade de se fazer guardar a cultura popular e suas manifestações fomenta novas redes de políticas de apoio aos grupos de remanescentes afro-brasileiros. Que estes achados nos permita compreender estes grupos sociais a partir do respeito às suas

cosmopercepções, lutando em prol dos seus direitos já legitimados por lei mas muitas vezes tão negligenciados pelo estado.

Como reflexão para esta compreensão é necessário que a prática cultural como patrimônio histórico deva ser resguardada também pelas instituições gestoras em todos os âmbitos federativos. É contundente a necessidade de que os órgãos públicos discutam possibilidades de suporte técnico e financeiro aos Mestres e Mestras da cultura como cita Nogueira (2021) as parcerias que podem ser realizadas para que se execute políticas de apoio e salvaguarda da cultura local:

Outras parcerias estão sendo discutidas, a exemplo com a Secretaria de Ação Social, no sentido de estabelecer acompanhamento psicossocial aos mestres e membros de grupos de tradição que sejam idosos e ou encontrem-se em situação de vulnerabilidade social. Tendo em vista que esse apoio integra estratégias à preservação da cultura imaterial a partir dos saberes e experiências culturais dos sujeitos, considerados como “tesouros vivos” 43do Estado. A parceria justifica-se pela ausência de pessoal capacitado e suficiente para a realização da referida proposta. Aqui fica claro a necessidade da intersetorialidade entre as secretarias municipais para o fortalecimento da salvaguarda dos bens culturais da cidade (NOGUEIRA, 2021, p. 81).

Aqui podemos destacar que o município de Barbalha durante o momento vivenciado pela pandemia ocasionada pelo Covid-19 procurou amenizar os prejuízos deixados pelo forte isolamento social ocasionado pela mesma. É importante que as secretarias municipais de cultura busquem através de seus recursos sejam eles próprios ou estaduais sanar a situação de vulnerabilidade que se apresenta no interior dos grupos de cultura. Estas medidas de curto prazo são fundamentais para que se desenvolva uma política de salvaguarda do patrimônio local sendo estas complementadas por outras de médio e longo prazo. Desta maneira mesmo que de modo exógeno se possam estimular as políticas afirmativas no interior dos grupos de cultura de cada município do Ceará.

Martins, 2021 ao citar Mestre Didi sobre a ética da cultura afirma que a ética pressupõe comprometimentos (p.72), este valor ético percebido ao ouvir o Mestre Chico e a Mestra Corrinha no Maculelê. É perceptível a vontade de inovar de forma integrada com os valores culturais e só conseguem porque além da sensibilidade técnica estão profundamente comprometidos com a tradição. Colocam-se no lugar de herdeiros e transmissores e assim suas inovações são desdobramentos e expansões autênticas. Estes elementos norteadores dos Mestres e Mestras da cultura afro-brasileira estão presentes nas falas do Mestre Chico e que também foram defendidos

pelo Mestre Popó mestre esse que é considerado o pai do Maculelê, reconhecido por trazer a força ancestral para o movimento da Capoeira.

Nos dias de hoje foi observado na prática do Terreiro do Mestre Chico que os atores que se comprometem com a prática embora possam modificar algumas características contam com o Mestre para barrar as ideias que tendem a descaracterizar profundamente suas origens e também vetar a ideia de conceituar a dança como “estilo de capoeira”. É importante observar que a autora resguarda a necessidade de interação da prática com as raízes africanas e que se mantenha a tradição na revisitação ao espírito de luta do Maculelê e de sua resistência.

Ao guardar a tradição e não permitir que seus valores e rituais sejam desaparecidos os Mestres e Mestras recebem a denominação de guardiões da tradição e são impelidos pelo dever ético de não deixar com que esta tradição desapareça. Estes mestres muitas vezes já abatidos pelo cansaço físico não medem esforços para que a cultura seja disseminada e se amplie para além da sua comunidade é o que vemos na fala desta brincante:

É eu conheci o mestre Chico Ceará juntamente com o terreiro Arte e Tradição na minha comunidade que é o sítio belo Horizonte só que é popularmente conhecida como carrapato, o mestre fez meio que um intercâmbio né entre as comunidades porque essa comunidade fica aqui no Crato, minha comunidade e a do mestre é na Barbalha-Arajara e aí é foi uma rede uma parceria que as comunidades fizeram e o mestre foi dá aula lá na minha comunidade (BRINCANTE DO MACULELÊ, 2022).

Em relação aos efeitos positivos que a prática de trabalhos em rede exerce sobre os terreiros tanto na capoeira como no Maculelê este intercâmbio experiencial requer do mestre um deslocamento e uma postura ativa em vários aspectos de sua vida. Por esta razão a imortância das políticas que criam suporte de manejo financeiro para a manutenção da salvaguarda uma vez que os mestres dedicam suas vidas a exercer o papel de líderes no campo da salvaguarda cultural.

Outra fala de importância no manejo desta investigação se refere a diversidade de práticas que Mestre Chico Ceará insere no seu terreiro e como seus integrantes suportam distâncias e até se arriscam para interagir lá na sua comunidade, eles interagem de forma dinâmica nas práticas, mas não se desligam do terreiro:

É muito único e foi justamente a partir desta parceria das comunidades que eu conheci o grupo, o mestre e o maculelê. Atualmente eu só faço as outras apresentações Maculelê, samba de roda, mangaba. A capoeira é, eu ainda me afastei um pouquim por conta que ficou complicado pra mim todo dia ou então muitos dias eu me deslocar da minha comunidade pro Arajara por conta



que não tem transporte e como os treinos é a noite eu só vou poder ir se tiver um dia que eu possa dormir lá. E pra ficar e dormir. E por conta disso eu não tô atuante na capoeira, mas pretendo voltar (BRINCANTE DO MACULELÊ, 2022).

Em si tratando das políticas de incentivo às práticas de cultura não se relata projetos específicos para a garantia de aporte financeiro aos brincantes, quando existem são pontuais e apenas o Mestre consegue ser contemplado por estes dispositivos. A crítica que se tece a partir da observação de algumas práticas é que os apoios financeiros são insuficientes quanto não inexistentes, a valorização e salvaguarda se restringe muito a projetos educativos isolados e periódicos condicionados a datas comemorativas esporádicas do calendário cívico e os grupos de cultura são espetacularizações nas cerimônias onde se deseja demonstrar para pessoas políticas que a cultura está lá para ser usada. Isso se materializa quando a brincante aborda “quando é uma coisa que o prefeito vai, essas coisas quando eles chamam, mas eles não tem essa cultura pra eles, eles não vão, tipo, inserir a capoeira na escola que todas as escolas deve ter a capoeira, a cultura, mas não tem lá na escola”... é neste contexto de vivências que se expressam a maioria das práticas de salvaguarda dispostas para a sociedade herdeira.

Mestre Chico e Mestra Corrinha sentem na pele os desgates que se vinculam ao faz de conta que se processa no interior de suas buscas por valorização e preservação. Mas acolhem cada brincante como estas revela que “eles acolhem, eles aconselham e incentivam além da gente tá com esta ligação com a cultura, mas a ligação com os estudos, se importar com sua vida em questão de trabalho e futuro. É uma coisa que é uma rede infinita”... entendendo eles que é a sua parte de contribuição para a certeza de um futuro seguro para as novas gerações, pois os herdeiros não devem ficar sem heranças os mestres e mestras conseguem agregar pela afetividade a preservação intergeracional entre os brincantes. Terminamos aqui este fundamental tópico discursivo com o relato dos brincantes ao se referirem as diversas dificuldades enfrentadas no campo da valorização:

A dificuldade é justamente em relação a valorização né porque eu vejo muito, é, chamar a apresentação do Maculelê quem já é do meio, da capoeira, do Maculelê, e coisa que poderia ser mais abrangente, eventos, é, com a questão da valorização da cultura da região poderiam ta convidando mais a gente e também essa contrapartida do transporte, é na maioria das vezes o pessoal que chama disponibilizam, só que muitas vezes também não disponibilizam ai fica aquela questão, eita nós vamos chamar quem, e como é que vai ser. Porque a gente ainda não tem o transporte próprio que caiba todo mundo do grupo né [...] que a gente vai com a força a fé e a vontade.

Sigamos acreditando que é possível fazer cultura neste país independente de vontades externas, mas sigamos conscientes que a falta de políticas de conservação e salvaguarda do Patrimônio Cultural podem levar a destruição de nossa identidade como nação. Quiséramos nós poder acordar com a certeza de que os filhos desse lugar sejam respeitados e motivados a continuarem seus propósitos de vida dedicados à cultura que pertencem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte esta pesquisa colabore para minimizar os preconceitos instalados, a invisibilidade dos terreiros e a desvalorização da cultura popular vista e reduzida como mero folclore. Por todos os percalços existentes dentro do campo da cultura e dos saberes populares é que se pretende persuadir este campo eminentemente humano e pragmático que se transformou nos moldes brasileiro num território de disputa, de afirmação e de constituição do Patrimônio Imaterial.

Descrever minimamente esta grande manifestação cultural do Brasil é um desafio que esta investigação ainda não conseguirá abarcar em sua totalidade objetiva. A amostra de dados orais aqui apresentados são partes e/ ou fragmentos que representam um recorte na imagem de um todo social subjetivo incapaz de ser descrito totalmente. Em contrapartida as limitações de operacionalização da mesma são possíveis que com sua leitura o interlocutor estabeleça uma tela com cores, movimento, ritos e embates que fica a cargo da interpretação simbólica que cada ser humano dá a sua visão imaginativa. Em cada fala inscrita se rememora a simbologia de um povo que se constitui essencialmente afrodiáspórico.

Neste sentido só é possível se ver a partir de um insight subjetivo sob a ótica da dança do Maculelê quando entramos pela “porta de vidro” conceito referendado por Cardoso, 2010 em seu artigo branquitude acrílica e crítica... Sendo assim aparece como principal referência para despertar a partir deste trabalho uma leitura de abolição dos seus mitos e preconceitos a partir de uma interlocução com um artefato que permite a convivência intelectual com a nossa negritude.

Desta maneira acrescentamos a possibilidade de libertação do pardo da sua neutralidade. Falamos aqui do pardo por ser grande maioria da população hoje que se autodeclaram pardos ou mesmo morenos invisibilizando assim a sua afrodescendência e afirmando sua forma neutra de se identificar. E é desta maneira moldando seus costumes, seus valores e sua história de vida que não nos reconhecemos mais negros. A história de vida do sujeito pardo ou moreno implicará influenciando sua cosmovisão, incidindo sobre seus atos e perfazendo sua formação humana. Assim este trabalho traz junto de si a centralidade da “porta de vidro” e perpetua a responsabilidade das instituições sociais entre elas à escola a lutar contra toda espécie de discriminação e preconceito racista.

Sim, este é um instrumento de luta, de resistência e de sobrevivência, sobretudo serve como subsídio para amparar ações de pertencimento cultural e afirmação cultural. A identidade da escola formal é permeada de relações com base nas representações constituídas como processo que é ao mesmo tempo social e intersubjetivo. Neste sentido este trabalho revela um vazio entre os saberes formais e informais onde pode ser reparado pelos projetos e ocupações longitudinais e atitudinais capazes de integrarem boa parte dos currículos oficiais das instituições.

Esta descrição se estabelece como marco de abertura a partir da porta de vidro revelada a qual atravessa o pensamento individual e se constitui saberes de vida e subjetividade humana e por isto sendo um elo encontrado com quem somos de fato. Para que fosse possível esta condução investigativa os sujeitos sociais compartilharam suas vidas e experiências trazendo processos de outras naturezas entre eles filosóficos, antropológicos e sociológicos que permitem que se interaja com outras pesquisas e que estimulam novas investigações. Para o campo denso descritivo foi aqui possível um pequeno início de outras indagações fazendo perguntas cruciais para o processo de salvaguarda das culturas dos povos originários.

No que se refere à valorização da prática do Maculelê pelas escolas de ensino formais da rede municipal foi possível inferir na realidade o que a experiência hipotética já era óbvio. A maioria das nossas escolas brasileiras ainda sobrevivem descontextualizadas das vivências sociais dos educandos. Esta constatação se repete por todo país e se torna senso comum nos debates pedagógicos que atravessam os vários níveis da educação formal. É notória a partir das inferências deste estudo que o aluno praticante da cultura local se sente valorizado ao ser chamado para se apresentar na escola, mas isso não é tudo. Na maioria das experiências estes convites se resumem a espetacularização e ao uso pontual em eventos políticos e desprovidos de valores éticos. Este trabalho se configura numa perspectiva de ruptura a estas formas minimizadoras da prática afrodescendente seja ela qual for. O mesmo pretendeu abordar a dança do Maculelê como uma prática singular e pertencente a uma comunidade, onde esta é possuidora de conhecimento adquirido e que assim se identificam em um processo identitário social e subjetivo.

A escola formal precisa entender que a performance cultural seja de qual grupo for precisa ser percebida como produtora de saber e por isso ao contrário de sair do seu lugar e ir até a escola eles precisam receber a escola no terreiro. Ao sugerir a inversibilidade do encontro a escola sai do seu espaço geográfico e esta atitude se

concretiza no aspecto subjetivo como uma verdadeira valoração do seu saber e do seu lugar. Que sejam construídos outros projetos pedagógicos capazes de não só chamar como se o poder de chamar servisse de barganha na relação, mas que a escola viesse ao terreiro como simbolismo de reconhecimento dos saberes informais.

Todas estas reflexões trazidas por este trabalho investigativo dialogaram com autores que priorizam a valorização dos saberes ancestrais, estes diálogos entre obras e a dança artística permitiram ampliar a reflexão simbólica e cultural presentes nas danças afro-brasileiras, entendendo-as como campo fértil que permite se apropriar do conhecimento sensível e aberto que a dança proporciona, promovendo uma educação livre de determinismos e reducionismos.

O resultado do trabalho foi reverberado no constructo de um E-book que está constituído dos relatos orais dos sujeitos pesquisados além de referências bibliográficas que se alinham ao campo da pesquisa afrodescendente. Este produto educativo tem a pretensão de ser divulgado e posteriormente publicado de forma que colocam as comunidade remanescentes rurais como protagonistas de saberes. Esta elaboração se deu sob o olhar desta experiência visando favorecer o reconhecimento desta prática e sua importância como patrimônio material e imaterial do Cariri Cearense por meio da sua força impactante inter e extra comunitária.

É importante aqui salientar a importância de cada participante da prática cultural mesmo aqueles que não foram entrevistados, mas que proporcionaram o acolhimento subjetivo em cada momento da imersão da pesquisadora no seu lugar. O terreiro Arte e Tradição no município de Barbalha-Ce se constitui de Ethos próprio com peculiaridades agrárias e urbanas o que foi relevante para aderência desta pesquisa. A mesma se fundamenta com uma abordagem da história oral, pois desenvolveu método de entrevista e abordagem analítica que construíram um envolvimento para uma compreensão contextualizada das reminiscências e identidades, assim favoreceu meios de extrair o essencial nos relatos de memórias em benefício da pesquisa e da sua contribuição.

Referente à cidade de Barbalha- Ce ainda é muito tímida as políticas de preservação do seu patrimônio histórico. Dentro do campo do patrimônio material encontra-se processos de tombamento que pela amorosidade com que se arrastam esbarram nas dificuldades jurídicas e políticas partidárias que impedem a agilidade dos processos. Esta ineficiência é notada quando nesta investigação se escuta o mestre relatando as dificuldades de cunho mínimo no que se aplica a infraestrutura e de transporte dos seus brincantes, Neste sentido em nenhum momento foi relatado projetos

e fomento a ajuda de custos fixos para estas práticas. O que acontece em Barbalha-Ce é uma amostra do que se repete na maioria dos municípios cearenses, estamos ainda de maneira amadora lidando com a nossa cultura.

As respostas para as perguntas realizadas na idealização deste processo investigativo mostraram-se reveladoras de lacunas já detalhadas em outros trabalhos e ainda revelam outras próprias desta experiência no terreiro Arte e Tradição. Os diálogos ocorridos durante a investigação trouxeram processos filosóficos que interagem com o atravessamento do corpo com o contexto das culturas africanas e indígenas chegadas ao Brasil. Portanto pude constatar que os brincantes se reconhecem como atores e protagonistas dos saberes das tradições populares, neste sentido são capazes de colaborar para a evolução da performance e se tornarem grandes profissionais nas áreas de dança, teatro e demais áreas formativas.

O Maculelê e sua simbologias partindo dos resultados coletados foi basilar para que fossem compilados material suficiente para a materialização de um E-book de cunho didático-pedagógico para subsidiar a implementação da Lei 10.639/03 possibilitando uma melhor concretização de possíveis diálogos entre as escolas de Educação básica do município sede e os alunos que participam de práticas de terreiro. Ainda com este objetivo de interatividade com o poder público este trabalho estará a disposição do município de Barbalha-Ce de modo que seja apresentada uma leitura sobre os resultados para a fomentação da inclusão da valorização da cultura local impactando para o desenvolvimento de uma ascensão na área sócio-política destes grupos e favorecer um material didático pedagógico para contribuir com a Educação do município.

Neste sentido este trabalho encontra uma importância central para o cenário atual onde se perpetuam os formatos de exploração e escravismos, maquiados por ideários de nacionalismo burguês e necropolíticas MBEMBE (2003) devastadoras das culturas enraizadas nas periferias, nos terreiros e nos arredores das cidades. Estas comunidades procuram sobreviver com seus costumes e religiões dentro dos seus territórios perpetuando seus rituais e podendo apesar de toda discriminação que sofrem resistirem às forças devastas dos poderes políticos ideológicos e dos grupos dominantes hegemônicos. Esses grupos dominantes que se constituíram ao longo da história política desse país foram pautados no paradigma do neocapitalismo se manifestam como modeladores de ordem e de emancipação, mas que continuam acentuando as diferenças de cor, de raça, e de consumo.

Por fim é esperado que este trabalho produza um pensamento curioso para que novas pesquisas tragam contribuições significantes a fim de caracterizar as singularidades das diversas práticas culturais que povoam nossas terras e nossos territórios. O Maculelê é uma prática cultural rememorada e recriada a partir da capoeira e mesmo sendo um adendo desta manifestação capoeirista possui peculiaridades próprias que foram estudadas ao longo desta pesquisa. Ainda assim seria impossível que se encerre as propostas que se abrem ao longo de um espectro tão complexo que é a cultura, estamos em trânsito de construção para novas propostas que caracterize o Maculelê e suas peculiaridades e assim novas abordagens poderão ser impulsionadas futuramente.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, J. F.; SOUZA, O. T.; BEZERRA, S. N. R. F. **Festa de Santo Antônio de Barbalha: patrimônio de fé, devoção e carnavalização: Sentidos da Devoção.** Fortaleza: IPHAN–CE, 2013.
- ALMEIDA, P. **Pequena história do Maculelê.** [S.l.: s.n.]. Carybé. As Sete Portas da Bahia. Coleção Recôncavo ed. [S.l.]: Editora Livraria, 1951.
- ALMEIDA, S. L. DE. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARAÚJO, J. E. C. **A Festa do Pau da Bandeira de Barbalha.** Fortaleza: Edições UFC, 2018.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em Disputa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **100 anos de Bibliografia sobre o negro no Brasil.** Brasília: Fundação Cultural Palmares / Ministério da Cultura, 2000a.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia / Secretaria de Educação Fundamental.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 2 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03.** Brasília: MEC/SECAD, 2005.



BRASIL, E. Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, carnaval e abolição (Rio de Janeiro década de 1980). **Afro Ásia**, v. 49, p. 273-312, 2014.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CANDAU, M. V. Direitos humanos, Educação e Interculturalidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, jan./abr. 2008.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e Educação: Desafios para a prática pedagógica. *In*: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo – diferenças culturais e Práticas pedagógicas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CANDAU, V. M. F.; MOREIRA, A. F. Multiculturalismo e Educação: desafio para prática pedagógica. *In*: CANDAU, V. M. F.; MOREIRA, A. F. **Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CAPOEIRA EXPORTS. **Maculelê**: origem e história da dança. 2011. Disponível em: <https://capoeiraexports.blogspot.com/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CARTOGRAFIA AFETIVA E SOCIAL DO SOPÉ DA SERRA – SÍTIO SANTO ANTONIO. **Mapa Cultural do Ceará**. 2022. Disponível em: [mapacultural.secult.ce.gov.br/historico/1467222/#](http://mapacultural.secult.ce.gov.br/historico/1467222/#).

CESAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

COSTA, A. P. R. **Lugar e memória**: narrativas da trajetória do bando dos Marcelinos em Barbalha-CE. 2020. 212 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CUNHA JÚNIOR, H. A. Africanidade, afrodescendência e educação. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 2, n. 42, p. 05-15, 2001.

CUNHA JÚNIOR, H. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**: Texto de trabalho na disciplina de etnia gênero e educação na perspectiva afrodescendente. 2006. Disponível em: [https://scholar.google.com/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=en&user=Ny2MleUAAA&citation\\_for\\_view=Ny2MleUAAA&eQOLeE2rZwMC](https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=Ny2MleUAAA&citation_for_view=Ny2MleUAAA&eQOLeE2rZwMC). Acesso em: 2 out. 2021.

CUNHA JUNIOR, H. Os Negros Não Se Deixaram Escravizar: Temas para as aulas de história dos Afrodescendentes. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, v. 69, p. 1-10, 2007.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras. **Política Democrática**, Brasília, v. VII, p. 118-127, 2008.

CUNHA JUNIOR, H. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

CUNHA JÚNIOR, H. Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 14, n.166, p. 104111, mar. 2015.

CUNHA JÚNIOR, H. Capoeira e educação dos afrodescendentes. **Revista Íbamò**, v.1, n. 1, 2018.

DINIZ, I. M. Os estudos de folclore e as ciências sociais no Brasil (1930 –1940). **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.132-141, 2010.

DOMINGOS, R. F. **Religiões tradicionais de base africana no Cariri cearense: educação, filosofia e movimento social**. 2015. 256f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, L. A. C. Pesquisa quantitativa e qualitativa: Perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, n. 79, p. 257-272, 2002.

FERREIRA, K.S. **Maculelá, Maculecá, Maculemim, Maculenós: o que foi o teatral Maculelê no Projeto Arte e comunidade na Colônia Antônio Aleixo e no estágio supervisionado no Instituto de educação do Amazonas?** 2018. Monografia (Graduação em Teatro) – Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, 2018.

FINO, C. N. **Uma turma da “geração Nintendo” construindo uma cultura escolar nova**. Portugal: Universidade do Minho, 2001.

FINO, C. N. Etnografia e Observação Participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**, v. 3, p. 95-105, 2003.

FINO, C. N. Investigação e Inovação (em educação). *In*: FINO, C. N.; SOUSA, J. M. **Pesquisar Para mudar (a educação)**. Funchal: Universidade da Madeira – CIE-Uma, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GEETZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTCF, 2008.

GEETZ, C. **Nova Luz Sobre a Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2014.

GHEDIN, E. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4º COMPEF., 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

GINO, D. S. B. D. **A interface entre os saberes formais e informais mediados pelas escolas de Ensino Fundamental de Barbalha-Ce em interatividade com as práticas culturais camponesas**. Dissertação (Mestrado) – MPEDU, Universidade Regional do Cariri, 2020.

GOMES, N. L. O Movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. **Política & sociedade**, v. 10, n.18, abr. 2011.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, L. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, 1983.

GONZALEZ, L. **Prefácio a cadernos negros 5**. Literafro: 2018.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

HALL, S. **Singantías: trayectorias y problemáticas en estúdios culturales**. Colombia: IESCP, 2010.

KRSTULOVIC, R. C. L. Etnografia dos “Batuques” afro brasileiros: reflexões em tempos de patrimonialização. **Contexto**, Dossiê Movimentos Modernistas na América Latina: Arte, performance e ativismo, v. 1, n. 41, 2022.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito Antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LEOPOLDINO, E. R.; CHAGAS. A. S. L. Relato de uma experiência Maculelê: vivência e saberes de um corpo brincante. COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE", 6., 2012, São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão: EDUCON, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/>. Acesso em: 31 out. 2021.

LIGIERO, Z. Batucar-cantar-dançar: Desenhos das performances africanas no Brasil. **Aletria: Revistas de Estudos da Literatura**, v. 21, n. 1, 2011.

LUZ, I. M. No interior da memória: caminhos, símbolos e fontes de um passado afro-brasileiro. **Debates em Educação**, v. 11, n. 23, jan.abr., 2019.

MADALENY, K. X. **Formação de professores e a Lei 10.639/03**: um diálogo possível? 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu/ Seropédica, 2016.

MARIM, C. I.; PINTO, A. S. As religiões Afro-brasileiras enquanto objeto de resistência. *Revista de Cultura Teológica*. **Revista de Cultura Teológica**, v. 1, n. 96, 2020.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 2, n. 1, p. 6-30, 2003.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021a.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**: O reinado do Rosário no Jatobá. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2021b.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão negra**. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture (Duke)**, v. 15-1, p. 11-40, 2003.

MESQUITA, O. A. L.; MEDEIROS, R. M. N. Significações culturais e simbólicas da dança do Maculelê do Balé Folclórico da Bahia. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 4, p. 207-218, 2019.

MILANI, L. **Pesquisas para revisão e atualização do livro de Emília Biancardi: “Ôlelê Maculelê”**. 2006. Disponível em: <http://portalcapoeira.com/Publicacoes-e-Artigos/pesquisa-para-revisão-e-atualização-do-livro-de-emilia-biancardi-qolete-maculeleq>. Acesso em: 09 nov. 2022.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTENEGRO, A. T. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, 1992.

MUNANGA, K. Teorias sobre o racismo. *In*: HASENBALG, C.; MUNANGA, K.; SCHWARCZ, L. M. **Racismo**: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UFF, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 ( Coleção Cultura Negra e Identidade)

NOGUEIRA, R. C. dos Santos; **Contribuições da educação patrimonial na escola de ensino médio de tempo integral Virgílio Távora no fortalecimento da salvaguarda dos bens culturais da cidade de Barbalha-Ce.** Dissertação (Mestrado) – MPEDU, Universidade Regional do Cariri, 2021.

NUNES, A. B. **Os congos de Milagres e africanidades na educação do cariri cearense.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2010.

NUNES, C. A cultura de base africana e sua relação com a educação escolar. **Revista Metáfora Educacional**, n. 10, jun. 2011.

NUNES, C.; LUZ, I. M. Sobre o ancestral, o legado e o registro: discutindo a experiência do Congresso Artefatos da Cultura Negra pelas lentes da Ed. Patrimonial. **Sillogés**, v. 5. n.1 jan./jul. 2022.

PAIM, Z. **Relicário popular.** Salvador: SECULT; EGBA, 1999.

PINHO, M. U. S. **Depoimentos: Maria Umbelina Santos Pinho – Mãe Belinha.** (Cadernos do IPAC; 7). Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2014.

PINTO JÚNIOR, C. **O ensino de cultura e arte afro-brasileiras no ensino médio: uma análise das estratégias usadas nos livros didáticos de ensino médio adotados no liceu de Baturité - CE.** 2016. Monografia (Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial) - Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, 2016.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

QUERINO, M. **A Bahia de outrora.** Salvador: Progresso, 1946.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação.** **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

RATTS, A. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). *In*: CUNHA JUNIOR *et al.* (Orgs.). **Artefatos da cultura negra no Ceará.** Fortaleza: Edições UFC, 2011. p.19-40.

RATTS, A. A diferença Negra e Indígena no Território: observações acerca de Fortaleza e do Ceará. **Rev. Geosaberes**, v. 7, n. 11, p. 03-16, 2016. Disponível em: <http://www.geosaberes/article/view/527>. Acesso em: 05 dez. 2022.

RATTS, A.; RIOS, F. **Lélia Gonzalez.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

SALES, J. L. **Corporeidades negras em cena - um processo cênico e pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade.** 2015. Tese (Doutorado - Doutorado em Arte) - Universidade de Brasília, 2015.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, A. P. **Educação escolar quilombola no cariri cearense: africanização da escola a partir de pedagogias de quilombo**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. F. **Barbalha: gentes urbanas no processo de formação da cidade de Barbalha no contexto regional**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (UECE), 1992.

SILVA, J. F. **Espaço, tempo e subjetividade numa perspectiva interdisciplinar de abordagem geo-histórica do semi-árido**. Pergamum. 2016.

SILVA, F. O. D. **A arte de educar gingando: aspectos e contribuições da capoeira para a educação**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato-CE, 2020a.

SILVA, C. T. S. As políticas do patrimônio imaterial e seus impactos nos grupos da cultura popular na Festa de Santo Antônio em Barbalha/CE. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 8, n. 14, p. 1-23, 2020b.

SILVA, E. G. **Manifestações Culturais e Inovação pedagógica: dialogicidade entre educação formal e não-formal na comunidade Quilombola de Tijuaçu**. 2019. Dissertação (Mestre em Ciências da Educação) - Universidade da Madeira, 2019.

SILVA, M. M. *et al.* O ensino de geografia e a apreensão do patrimônio afroarquitetônico no Cariri cearense. **Revista do centro de Ciências da Educação**, v. 39, n. 4, p. 01 – 20, 2021.

**ANEXO I – FORMULÁRIO COM EIXOS E PERGUNTAS A SEREM NORTEADORAS PARA DIÁLOGO COM OS MESTRES PRECURSORES DO MACULELÊ**

TEMA	PERGUNTAS NORTEADORAS DO DIÁLOGO
1. SIGNIFICADO E SIMBOLOGIA (ETHOS)	1.1- Qual o significado do Maculelê para mestre Gil? 1.2- Da para pensar o Mestre fora do prática do Maculelê? 1.3- Como a performance da dança entro no repertório do terreiro?
2. CARACTERÍSTICAS APRESENTAÇÕES	2.1- Quem define as vestimentas e a apresentações? 2.2- Em relação às caracterizações qual maior dificuldade já encontrada? 2.3- Vocês costumam confeccionar seu materiais? Quais?
3. POLÍTICAS E INVESTIMENTO	3.1- Como vocês conseguem dinheiro para manter o grupo e as apresentações? 3.2- Há apoio por parte do poder público De que maneira e com qual frequência? 3.3- O terreiro possui uma proposta de alinhamento com os órgãos de incentivo cultura? Existem projetos formalizados?
4. ESPAÇO GEOGRÁFICO COMUNIDADE	4.1- Qual o significado e o pertenciment do espaço do Terreiro na prática do Maculelê? 4.2- O que as pessoas da comunidade falam a respeito do Maculelê? 4.3- Os membros do Maculelê reconhece o espaço do Terreiro como extensão da cosmovisão afrodescendente? Quem são esses jovens brincantes?

**ANEXO II – INSTRUMENTO PARA ROTEIRO DO DIÁRIO DE CAMPO DO PESQUISADOR**

**OBS: SERÃO REALIZADAS VÁRIAS FICHAS NESSE FORMATO ONDE O PESQUISADOR ANOTARÁ SUAS OBSERVAÇÕES**

<b>DATA</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>CONTEÚDO A OBSERVAR</b>	<b>RESULTADO S</b>	<b>MATERIAL UTILIZAD O</b>	<b>OBSERVAÇÕE S EXTRAS</b>
<b>1º dia</b> _/_/___	<b>Significad o e simbologia s</b>	<b>Quais os elementos performático s que se observa na prática? Observar elementos: visuais, sensoriais e artísticos. Objetos utilizados, confecção das roupas, vestimentas, arranjos, adereços e pinturas...</b>		Investiment o financeiro para chegar ao local. Caderno de anotações, gravador de celular, câmera.	
<b>2º dia</b> _/_/___	Ritmo, música e literatura	Quais os ritmos e letras de música utilizada pelo Grupo? Realizar uma observação		Caderno de anotações, gravador de celular, câmera.	



		<p>criterosa na letra das músicas cantadas, suas similaridades com a capoeira e instrumentos musicais. O que falam as letras? Qual relação com a cultura Banto e/ou Iorubá? Observar os marcadores</p>			
<p><b>3º dia</b> _ / _ / _</p>	<p>Manutenção e Mantenedor da Prática cultural (Política e investimentos)</p>	<p>Quem ou quais instituições são responsáveis financeiras pelos grupos e apresentações culturais? O terreiro recebe auxílio financeiro do poder público através de quais</p>		<p>Caderno de anotações, gravador de celular, câmera.</p>	

		instâncias políticas? Qual o suporte financeiro existente?			
<b>4º dia</b> _ / _ / _	<b>Espaço Geográfico e comunidad e</b>	Como vocês percebem a prática do Maculelê no que se refere ao impacto na comunidade? Quantos e quais os/as jovens que se percebem brincantes? Quais eventos e apresentações o grupo percebe-se como canal comunitário de transformação e manutenção cultural?		Caderno de anotações, gravador de celular, câmera.	

### ANEXO III – INSTRUMENTO NORTEADOR PARA ENTREVISTAS ABERTAS COM OS BRINCANTES

TEMÁTICAS	PROPOSTAS
COSMOPERCEPÇÕES/SIMBOLOGIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como vocês se sentem ao performar o Maculelê?</li> <li>- Através de quais meios começaram a praticar o Maculelê?</li> <li>- O que representa o Maculelê?</li> <li>- Comente o que você projeta no futuro para esta prática.</li> </ul>
CARACTERÍSTICAS /APRESENTAÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais adereços e roupas vocês se identificam?</li> <li>- Quais marcadores melhor representam a prática do Maculelê? (Qual adereço não pode faltar, pois sua ausência invalida a prática do Maculelê)</li> <li>- Onde melhor vocês se sentem ao praticarem a dança e se sentem representados?</li> <li>- Comente uma situação onde o grupo se apresentou e sentiu alguma falha da reciprocidade comunitária/ ou que marcou de forma acentuada o grupo.</li> <li>- Qual música é fundamental na prática do Maculelê? Quem chama a música e como aprendeu?</li> </ul>
POLÍTICAS E INVESTIMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem investe no grupo organizando financeiramente?</li> <li>-Quais os patrocínios e padrinhos do Grupo?</li> <li>-Comente uma experiência positiva de valorização financeira vivida pelo grupo.</li> <li>- Como o grupo se sente em relação aos editais para o financiamento da cultura local no município. Seja a nível municipal ou estadual?</li> </ul>

	<p>- O Mestre ou outro integrante do Maculelê recebe auxílio ou bolsa por estarem à frente da Cultura local?</p>
ESPAÇO GEOGRÁFICO E COMUNIDADE	<p>- O que significa o espaço do terreiro?</p> <p>-Como a comunidade respeita esse espaço e como se pode observar esta devoção?</p> <p>- Comente como se fala das atividades do terreiro no entorno das apresentações?</p> <p>-Quais as motivações para dar continuidade com estes projetos Maculelê/capoeira?</p>

#### **ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Ana Paula de Oliveira Ribeiro Leite, RG.: 95029054083, pesquisadora vinculada a Universidade Regional do Cariri-URCA, estou realizando uma pesquisa intitulada: **MACULELÊ: SABERES AFROBRASILEIROS AFIRMATIVOS COMO POSSIBILIDADE DE INTERLOCUÇÃO COM OS SABERES “TRANSMITIDOS” PELA EDUCAÇÃO FORMAL,**

tendo como objetivo geral descrever os saberes informais presentes na prática do Maculelê e suas simbologias para propor uma articulação coerente entre eles e a educação formal como garantia de inclusão do ensino da história da cultura afrodescendente (Lei nº10. 639/03) no âmbito institucional, a partir de uma pesquisa de campo observacional na Ong Cultural Arte e Tradição na cidade de Barbalha-CE. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa se propõe descritiva ao relatar a Manifestação cultural do Maculelê dentro da diáspora com foco nas simbologias e marcadores de africanidades através do movimento afro-brasileiro. Perceber os intercruzamentos e encruzilhadas como Capoeira e seus componentes performáticos comuns ao Maculelê de forma a contribuir com a formação da autoestima e do sentimento de pertencimento como possibilidades de resistência e autoafirmação no interior da comunidade proporcionando a salvaguarda desse Patrimônio afro-cultural. Além de discutir a implementação e os desdobramentos dos órgãos públicos e privados para a preservação do Patrimônio Imaterial junto a Política de preservação patrimonial nas diversas esferas administrativas busca a participação do poder municipal e permite desenvolver um produto educacional que subsidie a cultura local e a educação formal contribuindo e impactando na comunidade e nos diversos âmbitos da sociedade.

Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: visita a Ong Cultural Arte e Tradição no sítio santo Antônio do Arajara para apresentação da pesquisa e solicitação da anuência e do espaço físico para a coleta de dados, que se dará primeiramente com os mestres e mestras do maculelê/capoeira para que se compreenda como se materializou a manifestação do maculelê e quando surgiu na perspectiva dos grupos de Capoeira, seguido de observação participante e coleta de dados junto aos seus membros maiores de idade que dançam o Maculelê onde serão

entrevistados com perguntas abertas sendo suas entrevistas gravadas e descritas para a pesquisa e análise dos dados.

Por essa razão, você está sendo convidado (a) a participar dessa pesquisa. Sua participação consistirá em falar de forma espontânea seguindo um itinerário previamente estabelecido e organizado em temas o que viabilizará a organização dos dados. Ressalto aqui que membros partícipes desta coleta serão pessoas maiores de 18 anos. Os procedimentos utilizados, observação sistemática e participativa, por meio de questionários abertos e sem tempo determinado, sempre respeitando os horários de ensaios dos grupos de maculelê, durante as entrevistas poderão trazer algum desconforto do tipo dúvida ou insegurança quanto a alguma resposta ou vergonha ao apresentar algum fato de cunho pessoal e emotivo relacionado às lembranças ou realidade de vulnerabilidade social. Os riscos desse tipo de procedimento são mínimos, pois não se realizará nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais dos indivíduos que participarem e serão reduzidos riscos mediante a garantia do sigilo de suas identidades, garantia da plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização.

Garantir a não violação e a integridade dos documentos virtuais (e-mails, questionários, gravações) vinculados aos participantes e aos instrumentos de pesquisa, os quais ficarão em drive próprio da pesquisadora e HD pessoal sendo garantido direitos de divulgação somente para fins de apresentação da pesquisa sem nenhum prejuízo aos entrevistados (as), assim será resguardada qualquer informação arquivadas em ambiente virtual ou compartilhado em “nuvem”; assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades; garantir que o estudo será suspenso imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento e garantir que os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito a sair qualquer momento da pesquisa. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou detectadas alterações que necessitem de assistência

imediate ou tardia, eu, Ana Paula de Oliveira Ribeiro Leite e o Prof. Orientador Dr. Josier Ferreira da Silva seremos responsáveis pelo encaminhamento ao núcleo psicopedagógico da instituição coparticipante para atendimento bem como a pesquisadora se encontra capacitada para atuar uma vez que a mesma é psicopedagoga clínica atuante na área. Os benefícios esperados com o estudo pautam-se no sentido de divulgação e implementação de subsídios teóricos para a fomentação de políticas públicas, a melhoria da autoestima ao grupo de maculelê tendo benefícios diretos e indiretos pois está pautada no respeito as dimensões físicas, sociais, culturais e filosóficas desses grupos. Além de produzir uma reflexão crítica a cerca da importância das práticas culturais afrodescendentes para o fortalecimento dasalv guarda dos bens culturais de Barbalha-CE, na perspectiva da memória, identidade e pertencimento que envolve grupos culturais e comunidade. Espera-se contribuir significativamente com a propagação e visibilidade da prática do maculelê proporcionando ao grupo o desenvolvimento da estima social e de autovalorização comunitária, sendo os benefícios superiores aos níveis de riscos apresentado pela metodologia. Os resultados desta pesquisa servirão de fundamentos importantes para formar conteúdo didático para o âmbito escolar, bem como fomentar estudos e discussões no campo da educação patrimonial e elaboração de um material didático que fornecerá conteúdos para os docentes e alunos da Educação básica ampliarem seus conhecimentos quanto ao patrimônio cultural da cidade de Barbalha-CE, podendo ser utilizado de forma sistemática pelas escolas do município e com a educação de maneira geral.

Todas as informações que você nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas e dados pessoais coletados serão confidenciais e o seu nome não aparecerá nos questionários e nem quando os resultados forem apresentados. Enfatizamos, que por se tratar de uma pesquisa que utiliza instrumentos de coleta de dados por meio de tecnologias de gravação, é importante que cada participante tenha acesso aos dados em qualquer momento bem como cada participante poderão receber do pesquisador orientação para compreensão da pesquisa em qualquer das suas etapas bem como ter acesso a todos os resultados.

Sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a formação.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Ana Paula de Oliveira Ribeiro Leite em sua residência a qualquer hora na Avenida da Liberdade, número 19, bairro Vila Santo Antônio, Barbalha-CE ou entrar em contato pelo telefone: (88)-98881-1217, nos seguintes horários: manhã, de 8:00 as 11:00horas, e a tarde das 14:00 às 17:00 horas. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE.

Se o (a) Sr. (a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

---

**ASSINATURA DO PARTICIPANTE DA PESQUISA**

---

**Assinatura do pesquisador responsável**

**BARBALHA-CE, \_\_ DE \_\_ 2022.**